

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**ALEXANDRE CUNHA**

**EXPERIÊNCIAS DE ABSORÇÃO E SEUS  
CORRELATOS EM UMA AMOSTRA DA  
POPULAÇÃO BRASILEIRA**

**SÃO PAULO**

**2024**

**ALEXANDRE CUNHA**

**EXPERIÊNCIAS DE ABSORÇÃO E SEUS CORRELATOS EM UMA  
AMOSTRA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA  
(VERSÃO CORRIGIDA)**

*TESE APRESENTADA AO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE  
DOUTOR EM PSICOLOGIA.*

*ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO.  
ORIENTADOR: PROF. DR. WELLINGTON ZANGARI.*

**SÃO PAULO**

**2024**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira  
Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São  
Paulo Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cunha, Alexandre

Experiências de absorção e seus correlatos em uma amostra da população brasileira / Alexandre Cunha; orientador Wellington Zangari. -- São Paulo, 2023.

121 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Psicologia e saúde. 2. Dissociação e identidade. 3. Religiosidade, espiritualidade e crenças. I. Zangari, Wellington, orient. II. Título.

CUNHA, A. **Experiências de absorção e seus correlatos em uma amostra.** 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

**Este trabalho foi viabilizado com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, a quem agradeço pelo apoio financeiro e pela bolsa de doutorado a esta pesquisa.**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Wellington, pela acolhida, pelas dicas preciosas e pelo estímulo e motivação durante todo o processo deste doutorado.

Ao professor Everton Maraldi, grande mestre e amigo, por ter participado deste doutorado desde o princípio, ainda lá no HCFMUSP, com suas ideias, seus ensinamentos, muitas outras sugestões para esse trabalho e, sobretudo, por sua paciência e amizade durante todo o percurso desta tese, tendo sido um coorientador, para dizer o mínimo. Sem ele certamente, esse trabalho monumental não seria como está.

Às secretárias Nalva, Rosângela e Teresa, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, por sua disposição, prontidão e atenção aos pedidos e detalhes.

Aos colegas Mateus Martinez, Douglas Flores, Gregório Queiroz, André Rizzi, Guilherme Raggi, Douglas Kawaguchi, Fátima Machado e Wellington Zangari que, com suas discussões, aulas animadas e engraçadas, me ajudaram a tornar essa caminhada mais interessante e prazerosa.

Ao colega Alvarado (in memoriam) por ter ajudado na tradução e retro tradução – obrigado amigo!

A todos (Raquel Strelhow, André Rizzi, Vanessa Corredato, Guilherme Raggi, Leonardo Martins) que gentilmente nos ajudaram como juízes com atenção e expertise, e assim colaboraram para validar as traduções do teste.

Ao Leonardo Martins e Raquel Strelhow pelas sugestões na qualificação.

A todos (sujeitos, participantes, amostra) que responderam ao pedido de esforço de participação no teste e tornaram essa tese possível.

À minha esposa, Ana Paula, que esteve sempre presente ao meu lado, me incentivando, auxiliando com a edição e dando sugestões importantes para este trabalho.

## SUMARIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>9</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>10</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ABSORÇÃO E SEUS CAMINHOS .....</b>	<b>14</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	20
<b>1.2 OBJETIVOS .....</b>	<b>22</b>
1.2.1 OBJETIVO GERAL .....	22
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	22
<b>1.3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS .....</b>	<b>23</b>
1.3.1 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL .....	23
1.3.2 EVIDÊNCIAS DE CONFIABILIDADE E CORRELATOS .....	24
1.3.3 AMOSTRA.....	25
1.3.4 COLETA DE DADOS .....	25
1.3.5 INSTRUMENTOS .....	27
1.3.6 ANÁLISE DE DADOS .....	28
1.3.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....	29
<b>1.4 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>CAPITULO 2 – HISTÓRICO E PESQUISAS .....</b>	<b>36</b>
<b>2.1 A ABSORÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS / ESPIRITUAIS, EM POPULAÇÕES CLÍNICAS E NÃO-CLÍNICAS, NA PSICOTERAPIA, NAS ARTES, NA TECNOLOGIA E NO LUTO: HISTÓRICO E PESQUISAS CONTEMPORÂNEAS .....</b>	<b>36</b>
2.1.1 ESTADO DE FLOW .....	38
2.1.2 FLOW E ABSORÇÃO – DEFINIÇÕES EM DISCUSSÃO.....	39
<b>2.2 RELIGIOSIDADE, ESPIRITUALIDADE, PARANORMALIDADE .....</b>	<b>40</b>
<b>2.3 PESQUISAS CONTEMPORÂNEAS .....</b>	<b>48</b>
2.3.1 ABSORÇÃO E EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS / RELIGIOSAS .....	48
2.3.2 ABSORÇÃO E TECNOLOGIA.....	51
2.3.3 ABSORÇÃO NO CONTATO COM AS ARTES .....	53
2.3.4 ABSORÇÃO E QUESTÕES DE LUTO .....	54
2.3.5 ABSORÇÃO EM POPULAÇÕES CLÍNICAS E NÃO CLÍNICAS .....	54
2.3.6 PSICOTERAPIA E ABSORÇÃO.....	55
<b>2.4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>56</b>
<b>2.5 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>58</b>
<b>CAPÍTULO 3 – EXPERIÊNCIAS DE ABSORÇÃO E SEUS CORRELATOS EM UMA AMOSTRA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA E RESULTADOS.....</b>	<b>67</b>
<b>3.1 TRADUÇÃO DO INSTRUMENTO ORIGINAL PARA A LÍNGUA DA POPULAÇÃO ALVO</b>	<b>68</b>
<b>3.2 SÍNTESE DA TRADUÇÃO.....</b>	<b>68</b>

<b>3.3</b>	<b>TRADUÇÃO À LÍNGUA ORIGINAL (RETROTRADUÇÃO)</b> .....	<b>68</b>
<b>3.4</b>	<b>COMITÊ DE JUÍZES</b> .....	<b>69</b>
<b>3.5</b>	<b>VERSÃO PRELIMINAR</b> .....	<b>70</b>
<b>3.6</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>71</b>
3.6.1	CONFIABILIDADE E ANÁLISE FATORIAL .....	71
3.6.2	DADOS DEMOGRÁFICOS .....	72
3.6.3	RESPONDENTES POR REGIÃO .....	73
3.6.5	RENDA MENSAL.....	74
3.6.6	CRENÇAS, PRÁTICAS E FREQUÊNCIAS A TEMPLOS / ESPAÇOS RELIGIOSOS .....	75
3.6.7	PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DE VIDA .....	76
3.6.8	ESCALAS DE RELIGIOSIDADE .....	77
3.6.9	ATIVIDADES DE FOCO E CONCENTRAÇÃO .....	78
3.6.10	ABSORÇÃO E DISSOCIAÇÃO.....	79
3.6.11	QUESTÕES DE ABSORÇÃO – MAIOR E MENOR PREVALÊNCIA DE RESPOSTAS NO TAS.....	80
<b>3.7</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>82</b>
<b>3.8</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>91</b>
	<b>APENDICE</b> .....	<b>92</b>
	<b>REFERÊNCIAS TOTAIS</b> .....	<b>93</b>
	<b>TESTE TAS ORIGINAL</b> .....	<b>107</b>
	<b>ANEXO 1</b> .....	<b>109</b>



## RESUMO

CUNHA, A. Experiências de absorção e seus correlatos em uma amostra. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024).

**Introdução:** O conceito de absorção é compreendido como sendo uma disposição que determinadas pessoas possuem para episódios de atenção total / concentração que envolvem diversos recursos representacionais (da memória, perceptivos, imaginativos e ideacionais), e uma abertura para se envolver de modo profundo em uma dada experiência. Acredita-se que na absorção o tipo de funcionamento da atenção resulta em aumento da sensação de realidade dos objetos para os quais a atenção é dirigida, sendo uma forma de impermeabilidade a eventos perturbadores (o que a diferencia da simples distração), possibilitando, ainda, um sentido alterado da realidade em geral, incluindo-se aí um sentido alterado de si próprio. Trata-se, em outras palavras, da capacidade de se concentrar em uma dada atividade, por meio de um afastamento do real. **Objetivos:** Explorar os correlatos psicológicos, religiosos / espirituais e demográficos da absorção em uma amostra da população brasileira. **Métodos:** Tradução e adaptação transcultural do instrumento Tellegen Absorption Scale, evidência de confiabilidade e correlatos e avaliar correlações estatísticas entre a TAS e outras variáveis relacionadas à absorção. **Resultados e discussão:** No que concerne às prevalências de respostas, àquelas de maior ocorrência são experiências mais imagéticas e ligadas à imaginação, mas podemos pensar nelas como sendo experiências de um caráter mais genérico. Já as experiências com menor pontuação são de caráter mais sensorial, mais definido. Atividades realizadas, podem tanto servir para aumentar a atenção ao que esteja sendo visto / ouvido (ou ainda, com participação de outros sentidos) quanto para treinamento / desenvolvimento de aumento de foco, conforme desejo ou necessidade. Avaliamos as diferentes afiliações religiosas e entendemos que a absorção se relaciona com a religiosidade / espiritualidade, mas perpassando esses diferentes contextos, não parecendo ser maior em um contexto ou outro. Foram encontradas correlações entre absorção e a escala de experiências dissociativas (DES). Os resultados nos fazem pensar que o treinamento dirigido ao autoconhecimento ou a auto cura podem estar mais claramente conectados à essa concentração mais específica, já que esses se relacionaram com a absorção.

**Palavras-chave:** Absorção, Dissociação, Identidade, Religiosidade, Espiritualidade, Crenças.

## ABSTRACT

CUNHA, A. Absorption experiences and correlates in a sample. 2024. Doctorate Thesis - Psychology Institute, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

**Introduction:** The concept of absorption is understood as being a disposition that certain people have for episodes of total attention / concentration that involve several representational resources (memory, perceptive, imaginative and ideational), and an openness to be deeply involved in a given experience. It is believed that in absorption, the type of attention functioning results in an increase in the sensation of reality of the objects to which attention is directed, being a form of impermeability to disturbing events (which differentiates it from simple distraction), allowing, even, an altered sense of reality in general, including an altered sense of self. It is, in other words, the ability to concentrate on a given activity, through distancing from reality. **Objectives:** Explore the psychological, religious / spiritual, and demographic correlates of absorption in a sample of the Brazilian population. **Methods:** Translation and cross-cultural adaptation of the Tellegen Absorption Scale instrument, evidence of reliability and correlates, and to evaluate statistical correlations between TAS and other variables related to absorption. **Results and discussion:** Regarding the prevalence of responses, those with the greatest occurrence are more imagistic and linked to the imagination experiences, but we can think of them as experiences of a more generic nature. Experiences with lower scores are of a more sensorial, more defined nature. Activities carried out can either serve to increase attention to what is being seen/heard (or even with the participation of other senses) or for training / development to increase focus, or according to desire or need. We evaluated different religious affiliations and understood that absorption is related to religiosity / spirituality, but across these different contexts, not seeming to be greater in one context or another. Correlations were found between absorption and the dissociative experiences scale (DES). The results make us think that training aimed at self-knowledge or self-healing may be more clearly connected to this more specific concentration, as these are related to absorption.

**Keywords:** Absorption, Dissociation, Identity, Religiosity, Spirituality, Beliefs.

## **APRESENTAÇÃO**

Aos 19 anos, por problemas com insônia, procurei psicoterapia. O tratamento foi rápido e um sucesso. Devido ao pouco tempo que a questão demorou em ser resolvida, senti vontade de continuar o tratamento psicológico para que pudesse conhecer mais sobre aquela prática fantástica que muito tinha me ajudado e também conhecer mais sobre mim mesmo de uma forma ainda totalmente inédita para mim. Com o envolvimento nas práticas da psicologia, comecei a perceber um mundo completamente diferente daquele que eu conhecia. Era muito jovem e podia aprender coisas que poucas pessoas da minha idade tinham noção ou mesmo interesse. Isso me fazia enxergar uma vida completamente diferente daquela que eu tinha projetado para mim mesmo, já que pensava em cursar jornalismo ou engenharia. Meu envolvimento com o assunto foi ficando maior e também as práticas: passei a tomar parte em grupos terapêuticos, workshops de final de semana e outras atividades que visavam trabalhar o aspecto psicológico para a resolução de problemas e manter / aumentar a qualidade de vida.

Outro assunto que sempre me interessou e com o qual estive sempre envolvido foram as religiões. Primeiramente com a religião católica apresentada a mim por meus pais. Participava nos grupos de jovens na igreja ligados aos chamados Encontros de Jovens com Cristo, nos quais nos dedicávamos a realizar atividades de integração (musicais e atividades de lazer e outras de foco mais religioso) entre a juventude da comunidade no entorno da igreja com a utilização de práticas religiosas.

Mais ou menos na mesma época e com a mesma idade, envolvido como estava com as práticas da psicologia (fosse como paciente ou mesmo participante dos grupos acima citados) fui apresentado ao Budismo Tibetano da linhagem Nyingma. Participava de muitas das atividades propostas pelo centro no Brasil (meditação, cantos de mantras e outras práticas) e me sentia constantemente desenvolvendo meus conhecimentos dessas práticas e sentindo que elas como se integrassem e passassem a fazer parte de minha vida. Percebia a evolução em minhas práticas meditativas, muitas vezes sentindo-me capaz de me transportar para outras realidades através dessas práticas, atividades que realizo até os dias atuais. Outras religiões, como o

Kardecismo e a Umbanda me foram introduzidas por amigos e parentes, com sugestões de leituras teóricas e visitas a centros espíritas e terreiros; para mim, as religiões só se somavam tanto umas às outras quanto às minhas crenças de vida e não se excluía: eu conseguia entender tais sistemas de compreensão da vida religiosa como extremamente poderosos e necessários na vida humana, mesmo que num primeiro momento (eu pensava), fosse apenas na minha própria vida.

Interessante e complicado inicialmente, pois, no caminho para tornar-me psicólogo, sempre fui desaconselhado pela maioria esmagadora dos mestres que me ensinaram os conceitos psicológicos a pensar a psicologia como ligada aos processos religiosos e que esses não teriam muito a ensinar no entendimento da psique: que estas estariam relegadas a questões consideradas de menor importância e relevância. Mas já era tarde demais! Minhas práticas em minha vida já me mostravam que as ligações entre esses dois mundos já eram existentes dentro da minha realidade e não me seria possível fugir de buscar o entendimento das relações entre eles.

Muito disso talvez possa também ser entendido devido à forte ligação que tive durante toda a minha vida com práticas físicas, muitas delas ligadas às artes marciais que também exigiam práticas meditativas e de alta concentração. Comecei muito jovem, estudando judô por alguns meses; depois passei para o Muay Thai praticando por alguns anos e levando algumas rotinas dessa prática para minhas atividades físicas rotineiras. Aprendi noções de karatê e de capoeira, que pratiquei por muitos anos, novamente levando algumas das práticas dessas artes para atividades físicas mais rotineiras. E finalmente o Aikidô, que me foi ensinado pelo mestre Kawai (introdutor da arte no Brasil), arte essa que pratiquei por mais de 12 anos e que percebo, muito me ajudou a integrar os conhecimentos adquiridos nas artes estudadas anteriormente, ajudando no entendimento tanto do caminho pessoal quanto do profissional. Quando me tornei psicoterapeuta, todo esse conhecimento foi sendo compreendido, sistematizado e colocado a serviço do consultório e dos pacientes.

Outra disciplina que me é cara e na qual me envolvo profundamente desde 1985 é a música. Pratico e toco violão, piano, guitarra e canto. Nos últimos anos, também me interessei pelas artes plásticas, praticando a pintura em temas abstratos, o que me ajuda a diminuir o estresse e proporciona uma visão de imagens do inconsciente. Envolve-me nessas atividades sempre, pois tanto a música quanto a pintura são para mim uma ligação com a alma do mundo, atividades constantes e necessárias em minha vida, seja para processos de relaxamento, socialização ou de criatividade.

Hoje, pensando no foco deste trabalho e o estudo do traço da absorção, compreendo meu caminho da seguinte forma: sempre fui muito dedicado a “mergulhar” nas realidades que me foram propostas, desde as artes marciais, a música, as artes plásticas, até a psicologia e entender como sair e entrar desses estados de concentração / envolvimento profundos. Então, quando me vi diante da possibilidade de estudar o assunto, percebi sua ligação com os outros momentos de minha existência e sua importância. Por conta de minha história, compreendo que o estudo da absorção se tornou um caminho natural para que eu possa buscar compreender a maneira que os processos cognitivos e afetivos se relacionam e se configuram e, de que forma tais processos podem auxiliar nas práticas que visem a manutenção ou melhora de estados mentais e psicológicos.

## **CAPÍTULO 1 – ABSORÇÃO E SEUS CAMINHOS**

### **1 INTRODUÇÃO**

Há no Brasil, atualmente, uma enorme carência de instrumentos específicos disponíveis para avaliação do conceito de absorção. O conceito de absorção foi primeiramente descrito por Tellegen e Atkinson (1974) de forma a avaliar a susceptibilidade hipnótica e suas possíveis relações com outros aspectos da personalidade. É compreendido como sendo uma disposição que determinadas pessoas possuem para episódios de atenção total / concentração que envolvem diversos recursos representacionais (da memória, perceptivos, imaginativos e ideacionais), e uma abertura para se envolver de modo profundo em uma dada experiência. Historicamente, o desenvolvimento do conceito de absorção surgiu a partir das pesquisas sobre susceptibilidade hipnótica. Vários estudos haviam sido realizados com o objetivo de mensurar as diferenças individuais a essa susceptibilidade e os estudiosos buscavam instrumentos que ajudassem no entendimento da relação entre esta e outras dimensões da personalidade (Hilgard, 1970).

O conceito de absorção foi inicialmente apresentado como sendo um forte controle focado na atenção, porém, esse seria o oposto do controle de um foco atencional mais estratégico (Qualls and Sheehan, 1981). Acredita-se que na absorção o tipo de funcionamento da atenção resulta em aumento da sensação de realidade dos objetos para os quais a atenção é dirigida, sendo uma forma de impermeabilidade a eventos perturbadores (o que a diferencia da simples distração), possibilitando, ainda, um sentido alterado da realidade em geral, incluindo-se aí um sentido alterado de si próprio. Trata-se, em outras palavras, da capacidade de se concentrar em uma dada atividade, por meio de um afastamento do real. Quando direcionada a eventos passados (lembranças), a absorção também possibilitaria visualizar imagens de forma vívida em situações onde essas não estão presentes (Jamieson & Sheehan, 2004).

Josephine Hilgard (1970) ao realizar seu estudo sobre as características de personalidade encontradas em indivíduos suscetíveis à hipnose cunhou um termo conceitualmente semelhante à absorção conhecido como envolvimento

imaginativo (imaginative involvement), no qual ela observou que os entrevistados em questão tinham se dedicado desde a infância a um maior número de atividades imaginativas e criativas, atribuindo a essas atividades uma maior importância, relevância e frequência em suas vidas. Pessoas que apresentavam menor susceptibilidade à hipnose revelavam também essas características, contudo, as mesmas eram de menor recorrência e intensidade nesses indivíduos.

Inicialmente, acreditava-se também que a absorção fosse uma espécie de experiência dissociativa menos patológica e mais recorrente na população em geral do que outras formas de dissociação encontradas em populações clínicas (Carlson & Putnam, 1993). Após revisarem a literatura sobre o tema, Dalenberg e Paulson (2009) encontraram uma forte correlação entre variáveis psicopatológicas e absorção, e observaram, ainda, a importância da absorção nas experiências dissociativas patológicas, embora continue existindo amplo debate a esse respeito. A absorção, a tendência à fantasia e o envolvimento imaginativo apresentaram fortes correlações estatísticas, parecendo avaliar conceitos muito próximos, talvez apresentando diferenças mínimas entre si. Outro estudo mostra que, nos distúrbios dissociativos, as mulheres aparecem pontuando mais em dissociação do que os homens (Irwin, 1999).

Em um estudo já considerado clássico na literatura sobre o tema, realizado por Wilson e Barber (1983) com sujeitos com propensão à fantasia, os autores relatavam que muitas dessas fantasias faziam com que esses participantes, em certos momentos, duvidassem das fronteiras entre o que fosse real ou imaginário. Por sua vez, indivíduos que tinham experiências religiosas / místicas / paranormais ou se entregavam com intensidade às imagens oriundas de seu mundo interno eram também pessoas com um alto grau de hipnotizabilidade. Lynn, Pittar & Rhue (1997) conseguiram em seu estudo demonstrar a existência de dois subgrupos, no qual um deles apresentava características de fantasias de conteúdo mais patológico e defensivo, enquanto o outro grupo apresentava fantasias mais adaptativas, criativas. Também apontaram que em pessoas nas quais a fantasia tinha papel importante em suas vidas possuíam maior suscetibilidade hipnótica. Observou-se uma conexão entre fantasia e dissociação, pois, aqueles que se utilizam mais da fantasia tendem à

descontinuidade de memória e alterações de identidade, assemelhando-se muito a certas experiências vividas por indivíduos que apresentam transtornos dissociativos. Vários dados encontrados no estudo acima levaram a concluir que existe relação entre hipnotizabilidade, envolvimento imaginativo, fantasia e absorção. Verificou-se, ainda, que em casos mais graves de dissociação pode ser encontrada uma maior suscetibilidade hipnótica.

As relações entre absorção, dissociação e hipnose são complexas. Segundo Braude (2009), a hipnose poderia ser incluída entre uma das categorias da experiência dissociativa e da absorção. Contudo, Maraldi (2014, p. 108) considera que:

[...] a dissociação é um fenômeno provável de ocorrer na hipnose, mas não algo decisivo na definição desta última. A hipnose pode envolver a absorção e outras experiências dissociativas, mas ela mesma não constituiria tão somente um tipo de dissociação. Por definição, a hipnose é uma técnica, não um estado.

Estudos realizados por Shor (1960) e Shor, Orne & O'Connell, (1962) demonstraram resultados positivos quando investigada diretamente a suscetibilidade à hipnose, o que motivou a mais estudos com maior número de sujeitos, de forma a tornarem mais robustos os resultados aí encontrados. Um primeiro grupo de pesquisas realizadas utilizando as escalas *The California Personality Inventory*, *The 16 Personality Factor Scale*, *Guilford-Zimmerman*, *Minnesota Multiphasic Personality Inventory*, e *The Maudsley Scale* apresentaram resultados negativos para a relação entre absorção e hipnotizabilidade, apresentando dados mais consistentes com os chamados grandes traços da personalidade (a Estabilidade, o Neuroticismo, a Extroversão e a Introversão) e falhando em apresentar relações que fossem consistentes no entendimento da relação com a suscetibilidade hipnótica (Tellegen e Atkinson 1974). Já o estudo de Council, Kirsch e Hafner (1986) mostrou que essa susceptibilidade só era fortemente relacionada quando o teste era aplicado antes



da indução hipnótica, quer dizer, mantinha-se no contexto de realização do teste e apresentava pouca conexão em ocasiões fora dele.

A absorção é uma das características descritas nos transtornos dissociativos dos distúrbios psiquiátricos, mas também é encontrada em situações de experiências espirituais, nas práticas de meditação e nas artes (Maraldi, 2014). Nas experiências religiosas, o transe é considerado um gatilho de situações consideradas dissociativas, pois em rituais como os da Umbanda, por exemplo, o indivíduo se põe a girar, dançar ou mesmo realizar movimentos por tempo prolongado sem aparentar cansaço, alegando estar sob o controle de determinada entidade espiritual (Zangari, 2003). Em alguns casos, pode reportar perda de controle consciente de seus movimentos ou mesmo de modificações fisiológicas ocorridas durante o ato.

A absorção se assemelha muito ao transe. Cardeña (2009) define que o transe e a possessão, apesar de serem constructos distintos, estariam interligados, pois no transe admite-se uma modificação da identidade, modificação no estado de consciência, um voltar-se para os próprios estímulos internos (assim como acontece na absorção) enquanto na possessão o que existe é uma troca de identidade por uma outra identidade (alegadamente não material ou sobrenatural) quando até mesmo o corpo segue em trejeitos ou movimentos físicos atribuídos à entidade. Entretanto, a diferenciação entre os dois termos não alcança uma definição satisfatória, dificultando uma linha divisória clara.

Acredita-se que a absorção possa ser desenvolvida e melhorada por meio de prática e / ou treinamento. Estudo realizado por Luhrmann (2005) avaliou que nas experiências religiosas, os adeptos relatam que a prática de exercícios para aumento do foco interno (incluindo preces e orações) melhorou tanto a profundidade da absorção quanto a capacidade de intensificar sua conexão com o mundo interior. Em suas palavras (Luhrmann, 2005) pg.142, tradução livre: “Existe uma medida da tendência de absorção (a Escala Tellegen de Absorção) que se baseia em senso de seu autor que a concentração mental, intensas imagens visuais e estados alterados de alguma forma se agrupam juntamente como fenômenos. Um trabalho psicológico feito com essa medida sugere que os

indivíduos variam na sua capacidade natural para experienciarem / experimentarem a absorção, e que esta é correlacionada tanto com dissociação quanto com hipnose (embora a hipnose e a dissociação tenham uma relação complexa uma com a outra). A medida mais comum de dissociação explora em um terço dos seus itens absorção, outro terço para amnésia e no último terço despersonalização; uma descrição comum da hipnose sugere que ela é um terço sugestão, um terço absorção e um terço dissociação. Existe, pelo menos, alguma evidência experimental de que existem efeitos do treinamento para a prática de absorção, e certamente os clínicos que trabalham com hipnose, sabem que a experiência de absorção melhora com a prática (embora a pesquisa também sugira que há algo fixo sobre a profundidade do estado de absorção que qualquer indivíduo em particular pode chegar). ” [...] “Absorção, esta capacidade que está incluída no transtorno dissociativo psiquiátrico, mas também em muitas experiências espirituais, que pode ser treinada e elaborada, e que o interesse cultural nos fenômenos associados com os frutos destes aumentos de capacidade cai ao longo do tempo. Narrativas sociais, então, são fundamentais para a minha história, mas são fundamentais porque ditam quando as pessoas se tornam mais ou menos interessadas em treinar esta capacidade corporal. ” (Luhmann, 2005, pg.142).

Os aspectos religiosos e espirituais teriam ainda sido mais visíveis nos últimos 30 anos, devido a uma explosão de práticas espirituais que motivam a experiência com o que seja Deus ou experiências de intensa religiosidade, dando abertura para o transe ocorrido nesses contextos. Ela destaca ainda que no ambiente social atual, pacientes psiquiátricos estariam mais propensos a notarem experiências anômalas, contá-las a seus médicos, elaborarem tais experiências de forma a terem uma vida interna mais significativa, o que seria também uma resposta ao trauma. Assim, embora a absorção não seja um fenômeno inerentemente patológico, ela poderia ensejar processos dessa natureza ou estar na base de alguns desses processos, como transtornos dissociativos e psicóticos (Luhmann, 2005).

Em seu livro *How gods become real: Kindling the presence of invisible others* (2020), Luhmann afirma:

“As pessoas que conseguem se absorver no que imaginam são mais propensos a ter experiências poderosas de um outro invisível. Prática também ajuda. Pessoas que praticam ser absorvidas no que imaginam durante oração ou ritual também são mais propensos a ter tais experiências: a absorção borra a fronteira entre o mundo interior e o mundo exterior, o que torna mais fácil para as pessoas se voltarem para uma estrutura de fé para fazer sentido do mundo e experimentar outros invisíveis como presentes de uma maneira que eles sentem com seus sentidos” (*Preface xiii*).

Há também outros estudos mostrando que o controle da absorção por meio de práticas religiosas e espirituais pode promover benefícios à saúde mental. Num estudo sobre meditação, no qual várias técnicas foram utilizadas, os autores demonstram que a absorção exerce forte influência na profundidade da meditação, mais do que na quantidade de vezes que a pessoa realiza tal prática (Holzel et al, 2007). Num outro estudo realizado, desta vez por Grant et al (2013), 18 meditadores e 18 controles foram testados, índices de absorção atencional foram modestamente maiores em meditadores, sugerindo que as práticas de meditação ativam as redes de atenção do cíngulo-fronto-parietal, melhorando a atenção e podendo melhorar sintomas de Distúrbio de Hiperatividade e Déficit de Atenção. Holzel & Ott (2006) associam a absorção à profundidade da meditação, que por sua vez se correlacionaria ao mindfulness, um estado mental estimulado por certas formas de meditação que está associado a indicadores de saúde mental. Ainda, um estudo realizado com meditadores mostrou que a prática de meditação aumenta significativamente (comparado a um grupo controle) os níveis do traço de absorção e diminui os níveis de ansiedade (Davidson, Goleman e Schwartz, 1976).

A relação entre práticas contemplativas e saúde tende a encaminhar a discussão para o reconhecimento de uma associação positiva, porém, há também estudos indicando a presença de efeitos adversos em função dessas práticas (Kuijpers et al, 2007; Otis, 1984; Shapiro, 1992). Kornfield (1979) sugeriu que a absorção pudesse estar implicada em efeitos potencialmente adversos da meditação.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

É de grande importância compreender os processos cognitivos específicos envolvidos em manifestações e sintomas patológicos, bem como diferenciar tais manifestações de outros processos não necessariamente desagregadores, como é o caso das vivências religiosas. Tais avaliações podem ajudar a estabelecer um diagnóstico diferencial mais preciso, lançando luz, ainda, sobre os mecanismos psicológicos subjacentes a vivências patológicas e fenômenos culturais diversos, a exemplo das experiências místicas e espirituais. É também importante saber como processos cognitivos, a exemplo da absorção, são avaliados e observados em diferentes culturas (em nosso caso, o Brasil), bem como sua prevalência em amostras clínicas e não clínicas, de modo a se aferir a pressuposição de universalidade desses construtos e suas implicações práticas e para a saúde (Tellegen & Atkinson, 1974). Para que tais comparações sejam possíveis, é necessário dispor de uma versão adequadamente traduzida, adaptada e validada de instrumentos de avaliação específicos, como é o caso da Tellegen Absorption Scale.

Apesar de existir uma versão já traduzida, adaptada e validada da Escala de Experiências Dissociativas, DES (Fizman et al., 2004; Maraldi & Zangari, 2016), a qual possui alguns itens de absorção / envolvimento imaginativo, esse instrumento também investiga outros fenômenos dissociativos (como a despersonalização e a amnésia dissociativa), com foco menor nas questões sobre absorção, as quais podem envolver muitas dimensões, além daquelas mapeadas pelos itens da DES. Faz-se importante dispor, desse modo, de um instrumento específico de avaliação das experiências de absorção.

A Escala de absorção (Tellegen Absorption Scale, TAS), desenvolvida e primeiramente aplicada por Tellegen e Atkinson, contém 34 questões que em sua versão original indicavam a possibilidade de resposta Falso / Verdadeiro, possibilidade essa que foi modificada em outras versões com base em escalas de tipo likert cujas respostas variavam de 0 a 5, 0 a 3 ou 0 a 100 (Angiulo & Kihlstrom, 1991; Glisky et al., 1991). Decidiu-se no presente estudo pela escala tipo likert por permitir uma avaliação mais dinâmica e variada das respostas.

Seis fatores demonstrados por uma análise de Tellegen (1992) com um número maior de sujeitos (n=2000) ilustram a dimensão coberta por essa escala. São eles: 1. Responsividade a estímulos cativantes – Consiste de intensa e emocional resposta à beleza e à arte; 2. Sinestesia – onde associações diversas se cruzam e se fundem; 3. Cognição aumentada / expandida – Pensamento imaginativo e percepção extra-sensorial; 4. Envolvimento distraído / dissociativo – Estados de absorção durante atividades diárias tais como assistir a um filme ou ouvir uma música; 5. Reminiscência vívida – Eventos do passado são lembrados de maneira vívida; 6. Consciência expandida – Experiência de situações místicas.

Numa revisão, Roche e McConkey (1990) demonstraram ter o traço de absorção - medido pela nota total do TAS – relação com outros constructos psicológicos: envolvimento imaginativo, sonhar acordado, sinestesia, habilidade imaginativa, tendência a fantasia, abertura a experiências e suscetibilidade hipnótica.

Pouco se sabe sobre os correlatos psicológicos, religiosos / espirituais e demográficos da absorção no Brasil. Logo, o presente estudo visou investigar, em nível exploratório, tais correlatos e características em uma amostra da população brasileira.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 OBJETIVO GERAL**

Explorar os correlatos psicológicos, religiosos / espirituais e demográficos da absorção em uma amostra da população brasileira.

### **1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Tradução, adaptação para o contexto brasileiro e obtenção de evidências preliminares de validade da escala Tellegen de absorção (TAS).

Avaliação das correlações estatísticas entre o instrumento traduzido e variáveis potencialmente relacionadas à absorção.

Avaliação das práticas religiosas e crenças dos sujeitos, bem como possíveis diferenças de níveis de absorção encontradas em grupos tanto de religiosos como de ateus.

Avaliação da absorção em relação a variáveis das características de religiosidade (prática de oração, frequência a templos / igrejas, prática de meditação, etc.).

Avaliação do quanto o envolvimento em atividades tais como arte, frequência ao assistir televisão e tempo dedicado ao trabalho em computador podem influir em maior ou menor capacidade de absorção.

## **HIPÓTESES**

- Acreditamos que haverá diferenças significativas nos níveis de absorção entre religiosos e ateus, maiores entre religiosos e menores para ateus.

- Acreditamos que características de religiosidade e suas práticas (prática de oração, frequência a templos / igrejas, prática de meditação, etc.) demonstrarão diferenças nos níveis de absorção, entre aqueles (as) que as realizam (maiores níveis de absorção) e aqueles (as) que não (menores níveis de absorção).

- Acreditamos que, assim como acontece com níveis de dissociação (Irwin, 1999), os níveis de absorção serão mais altos entre pessoas do sexo feminino do que entre homens.

- Acreditamos que os participantes da pesquisa que mais pontuarem em dissociação, apresentarão também maiores níveis de absorção. (Dalenberg e Paulson – 2009)

### **1.3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS**

#### **1.3.1 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL**

Para bem avaliar a absorção em contexto brasileiro, foi necessário recorrer a um instrumento padronizado e consolidado na literatura internacional de modo a explorarmos tal variável em nosso contexto cultural. Para tanto, recorreremos a um processo de tradução, equivalência transcultural e validação preliminar do instrumento Tellegen Absorption Scale.

O processo de equivalência transcultural, descrito por Herdman et. al (1998) e utilizado no Brasil por Moraes et. al (2002) seguiu sete etapas assim descritas:

a) O teste foi traduzido do inglês (original) para o português por dois tradutores, sendo um deles leigo em relação à temática, e o outro um pesquisador da área coberta pelo projeto. As duas traduções foram combinadas

e sintetizadas para gerar uma terceira versão, sendo quaisquer discrepâncias resolvidas entre os tradutores.

b) O teste foi retraduzido do português para o inglês por dois tradutores que possuem domínio tanto da língua inglesa quanto do português, mas cuja língua materna era o inglês. As duas retraduições foram novamente combinadas para gerar uma terceira versão.

c) Realizou-se o processo de validação semântica com a participação de juízes externos, especialistas na área de estudo, considerando-se o aspecto geral e referencial da escala. Nessa etapa, os avaliadores analisaram se as palavras no instrumento original apresentavam o mesmo significado referencial das palavras correspondentes encontradas na retradução, que então consideraram a existência de uma equivalência / correspondência entre elas em termos conceituais e idiomáticos. A partir dessa avaliação, buscaram-se as modificações linguísticas necessárias de forma a alcançar os critérios propostos na equivalência semântica.

d) Aplicou-se um teste piloto (não ainda em sua versão final) em uma população a ser coberta pelo questionário, de diferentes níveis de escolaridade, buscando-se detectar possíveis lacunas semânticas que pudessem ser encontradas entre o teste original e essa versão piloto. Os ajustes necessários foram realizados, buscando-se atender as necessidades de adaptação semântica entre a versão original e a piloto.

e) A última etapa previu a aplicação do teste em população semelhante e equivalente àquela na qual o teste foi aplicado na quinta etapa, porém, constituindo amostra maior de respondentes. A seguir, descrevemos em mais detalhes quais variáveis foram coletadas e analisadas.

### **1.3.2 EVIDÊNCIAS DE CONFIABILIDADE E CORRELATOS**

Com base na amostra coletada na última etapa, utilizando o SPSS (Statistical Package for Social Sciences) e o Jamovi, geramos dados de consistência interna (alpha de Cronbach e Ômega) e análise fatorial exploratória.



Utilizamos a regra prática apresentada por Hinkle (2003) para interpretar o valor de um coeficiente de correlação.

Analisamos, a partir daí as correlações com outros instrumentos e questionários que avaliaram dissociação e variáveis relacionadas à absorção, incluindo relatos de experiências religiosas e espirituais, prática de atividades religiosas / espirituais (meditação, oração, etc.) e envolvimento com arte e outras atividades que envolviam absorção (medidas comportamentais), todas descritas em detalhe mais abaixo. O questionário aplicado nessa etapa incluiu, ainda, uma relação de perguntas demográficas, para que se conhecessem as características da absorção na amostra estudada, incluindo eventuais diferenças de gênero, idade, escolaridade e renda mensal.

### **1.3.3 AMOSTRA**

A amostra foi de conveniência e consistiu, num primeiro momento, de membros da população em geral. Tomando por base as recomendações de MacCallum et al (1999) e Osborne & Costello (2009) para a realização da análise fatorial exploratória, quanto maior a amostra, mais confiáveis os resultados. Amostras com proporção de 10 a 20 participantes por item são as mais recomendadas, ainda que outros fatores (como o nível de correlação entre os itens em cada fator) possam também afetar os resultados (Osborne & Costello, 2009). Para os nossos propósitos, tomando por base os 34 itens da escala de absorção, considerou-se um mínimo de 340 participantes (proporção 10:1, 10 x 34) para realização das análises relevantes. Esforços foram empreendidos no sentido de se obter amostras ainda maiores, quando alcançamos o número de 486 respondentes.

### **1.3.4 COLETA DE DADOS**

Realizou-se a coleta de dados da última etapa por meio de questionário online, com uso da plataforma Google, visando alcançar grande quantidade de

respondentes por divulgação na internet, em redes sociais, listas de e-mail e fóruns virtuais.

Os participantes do estudo foram convidados através das redes sociais (Whatsapp e Facebook) e também e-mail para acessarem determinado link do Google Forms e assim participarem da coleta de dados para a pesquisa. O enunciado convidava o participante a responder um questionário, destinado à população brasileira maior de idade (18 anos ou mais), que levaria aproximadamente 20 minutos para ser preenchido e finalizado. Por vários dias (a pesquisa se estendeu por 45 dias, entre julho e setembro de 2020), postamos e repostamos convites nas redes, em grupos diversos e gerais, mensagens no Facebook, Whatsapp e e-mail, tanto para pessoas conhecidas quanto desconhecidas, solicitando que, além de participarem da pesquisa, também encaminhassem aos seus contatos convites para participarem da mesma. A amostragem, portanto, foi do tipo não aleatória, sendo o recrutamento por conveniência e bola de neve.

Os respondentes deveriam ler o enunciado que continha as instruções necessárias para participar do teste. Nesse enunciado, além de todas as instruções, também foi apresentado o TCLE e os respondentes só eram conduzidos ao questionário depois de darem sua aprovação ao Termo. O questionário, para ser considerado válido para nosso estudo, tinha de ser respondido inteiro e até o fim. Quando isso não ocorria, as respostas dadas não entravam na contagem final dos respondentes, sendo que, devido a esse critério, não existe nesse estudo “missing data”.

Inicialmente, consideramos os grupos de religiosos e de ateus nossos maiores alvos no momento em que realizamos as postagens, pelo nosso foco e interesse em variáveis ligadas à religiosidade / espiritualidade em relação à absorção. Contudo, grupos de diferentes interesses e participantes também foram incluídos no momento que fazíamos as postagens / convites. Ao encerrarmos a pesquisa, registramos 486 sujeitos que aceitaram responder ao convite e participaram efetivamente do questionário, respondendo-o até o final.

### 1.3.5 INSTRUMENTOS

Além da escala de absorção, foram aplicados também outros instrumentos padronizados.

Para que pudéssemos entender os níveis de dissociação encontrados entre os diferentes resultados e os níveis de absorção, conforme explicitamos anteriormente nos objetivos, utilizamos a Escala de Experiências Dissociativas, já validada para contexto brasileiro, e a qual inclui uma subescala de absorção (Fizman et al., 2004; Maraldi & Zangari, 2016). A Escala de Experiências Dissociativas (Dissociative Experiences Scale ou DES - Carlson & Putnam, 1993) é o questionário mais utilizado mundialmente para rastrear e quantificar fenômenos dissociativos. A escala contém 28 questões relativas a experiências que se pode ter no dia a dia, quando não se está sob o efeito de drogas ou álcool. Até o momento, a DES já foi aplicada em aproximadamente 2.000 estudos e traduzida para vários idiomas, além de apresentar boas propriedades psicométricas e forte correlação estatística com outros questionários sobre dissociação. A DES avalia itens que estão mais relacionados a aspectos cognitivos da dissociação (como absorção / envolvimento imaginativo, desrealização / despersonalização e amnésia dissociativa).

Seguindo no entendimento dos pontos elencados em nossos objetivos, achamos necessária a utilização de outras ferramentas que nos pudessem auxiliar nessa avaliação. Três outros instrumentos foram também utilizados no sentido de aumentar nosso conhecimento, na qualidade de vida e como as pessoas julgam o quanto estão satisfeitas e / ou felizes com suas vidas, avaliar as práticas religiosas e crenças dos participantes, bem como possíveis diferenças de níveis de absorção encontradas em grupos tanto de religiosos como de ateus e ainda, avaliar a absorção em relação a variáveis das características de religiosidade (prática de oração, frequência a templos / igrejas, prática de meditação, etc.). Os instrumentos utilizados são:

- A Escala de Religiosidade Duke versão em português (Moreira-Almeida et al, 2008) que possui cinco itens que captam três das dimensões de religiosidade que mais se relacionam com desfechos em saúde: organizacional (RO), não-organizacional (RNO) e religiosidade intrínseca (RI).

- A Escala de Centralidade da Religiosidade validada para o português brasileiro (Esperandio, 2019) visa verificar a adesão religiosa e a frequência às atividades religiosas e avaliar até que ponto a religiosidade ocupa um lugar central na vida do indivíduo, já que se entende que a centralidade da religiosidade está relacionada à eficácia da religião e que quanto mais central a religião, maior é o seu impacto na experiência do indivíduo e no seu comportamento.

Adicionalmente aos instrumentos mencionados, utilizou-se também um questionário original, elaborado para a pesquisa, onde pudéssemos entender aspectos comportamentais e outros de caráter mais objetivo, auxiliando-nos a compreender quanto o envolvimento em atividades tais como arte, assistir televisão, atividades realizadas em computador e características de religiosidade (prática de oração, frequência a templos / igrejas, prática de meditação, etc.) podem influir em maior ou menor capacidade de absorção, e ainda, de como essa amostra se posiciona em termos demográficos. Questões, então, foram divididas em três categorias:

- a) Prática de atividades religiosas / espirituais (meditação, oração).
- b) Envolvimento com arte e outras atividades que envolviam absorção, como frequência ao assistir televisão, filmes e tempo dedicado ao trabalho em computador e outras atividades que exijam grande absorção e concentração.
- c) Perguntas demográficas, para que se conhecessem as características da absorção na amostra estudada, incluindo eventuais diferenças de gênero, idade, escolaridade e renda mensal domiciliar.

### **1.3.6 ANÁLISE DE DADOS**

Para avaliar as correlações estatísticas entre o instrumento traduzido e variáveis potencialmente relacionadas à absorção, geraram-se dados de consistência interna (alpha de Cronbach, Ômega de MacDonald e Split-half),

análise fatorial exploratória e evidências adicionais de validade, como validade convergente (correlação de Pearson) e confirmação da consistência interna do TAS, objetivando avaliar quais variáveis se correlacionaram com a absorção e quais os seus melhores preditores. Instrumentos e questionários avaliaram dissociação e as medidas comportamentais e demográficas descritas anteriormente. O nível de significância a ser empregado nas análises foi de  $p < 0,01$ . Análises envolvendo comparações entre grupos (diferenças de gênero, participantes com diferentes níveis de escolaridade, praticantes ou não de meditação etc.) foram baseadas no teste *t* de Student (para comparações entre dois grupos) ou ANOVA de um fator (para comparações entre três ou mais grupos).

### **1.3.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS**

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A participação neste estudo foi voluntária e não incluiu remuneração financeira para os participantes. Porém, os participantes foram informados da importância de sua contribuição para o avanço da pesquisa científica na área de estudo do projeto. A pesquisa não envolveu a utilização de métodos que pudessem causar danos ou trazer riscos às pessoas. Não houve necessidade de considerar ressarcimento de gastos. Foi preservado o sigilo quanto aos dados pessoais, sendo as informações obtidas usadas apenas para fins de pesquisa, havendo a possibilidade de publicação dos resultados em revista científica, com o anonimato assegurado. Não foi necessária a identificação dos participantes. Foi resguardado o direito de os participantes desistirem de colaborar a qualquer momento da pesquisa, sem penalidade ou prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a universidade.

Os dados dos participantes estão guardados em uma nuvem segura e em um computador com senha e são anônimos e não foram coletados dados

que facilmente identifiquem os participantes como nome, endereço, endereço de e-mail ou de IP.

Essa e outras informações estavam presentes no TCLE que os participantes precisavam aprovar ao acessarem a página do teste para dar continuidade ao preenchimento do mesmo.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) sob o número 4.152.380, acessada através da Plataforma Brasil.

## 1.4 REFERÊNCIAS

Angiulo, M.J.; Kihlstrom, J.F. (1991). Dissociative experiences in a college population. Unpublished manuscript, University of Arizona. Available on line at <http://socrates.berkeley.edu/~kihlstrm/Angiulo1.htm>.

Braude, S. (2009). The conceptual unity of dissociation: a philosophical argument. In: Dell, Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond. New York: Routledge, page 27-36.

Cardeña, E. et al. (2009). Possession / Trance Phenomena. In: Dell, PF & O'Neil JA (Eds.). Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond. New York: Routledge, page 171-181.

Carlson, E.B.; Putnam FW (1993). An update on the dissociative experiences scale. *Dissociation*, 6(1), page 16-27.

Council J.R.; Kirsch I.; Hafner LP (1986). Expectancy versus absorption in the prediction of hypnotic responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol 50(1), Jan, page 182-189.

Dalenberg C.J.; Paulson K (2009). Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond. New York: Routledge, page 145-154.

Davidson, R.J.; Goleman, D.J.; Schwartz, G.E. (1976). Attentional and Affective Concomitants of Meditation: A Cross-Sectional Study. *Journal of Abnormal Psychology*. Vol. 85, No. 2; 235-238.

Diener, E.; Emmons, R.A.; Larsen, R.J.; Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.

Esperandio, M.R.G.; August, H.; Viacava, J.J.C.; Huber, S.; Fernandes, M.L. (2019). Brazilian Validation of Centrality of Religiosity Scale (CRS-10BR and CRS-5BR). *Religions*, 10(9), 508; <https://doi.org/10.3390/rel10090508>.

Fizman, A.; Cabizuca, M.; Lanfredi, C.; Figueira, I. (2004). A adaptação transcultural para o português do instrumento Dissociative Experiences Scale

para rastrear e quantificar os fenômenos dissociativos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(3), page 164-173.

Glisky, M.L.; Tataryn, D.J.; Tobias B.A.; Kihlstrom, J.F.; McConkey, K.M. (1991). Absorption, openness to experience, and hypnotizability. *Journal of Personality & Social Psychology*, 60, 263-272.

Grant, J.A.; Duerden, E.G.; Courtemanche, J.; Cherkasova, M. (2013). Cortical thickness, mental absorption and meditative practice: Possible implications for disorders of attention. *Biological Psychology* 92. Page 275– 281.

Harpe, S.E. (2015). How to analyze Likert and other rating scales. *Pharmacy Teaching and Learning* 7. Elsevier.

Herdman, M.; Fox-Rushby, J.; Badia, X. (1998). A model of equivalence in the cultural adaptation of HRQoL instruments: the universalist approach. *Qual Life Res.*; 7(4): page 323-35.

Hilgard, J.R. (1970). *Personality and hypnosis: a study of imaginative involvement*. Chicago: University of Chicago Press.

Hinkle, D.E.; Wiersma, W.; Jurs, S.G. (2003). *Applied Statistics for the Behavioral Sciences*. 5th ed. Boston: Houghton Mifflin; 2003.

Holzel, B.; Ott, U. (2006). Relationships between meditation depth, absorption, meditation practice, and mindfulness: a latent variable approach. *The Journal of Transpersonal Psychology*, 2007, Vol. 38, No. 2.

Holzel, B.; Ott, U.; Hempel, H.; Hackl, A.; Wolf, K.; Stark, R.; Vaitl, D. (2007). Differential engagement of anterior cingulate and adjacent medial frontal cortex in adept meditators and non-meditators. *Neuroscience Letters*. Volume 421, Issue 1, 21 June, Pages 16–21.

Irwin, H. J. (1999). Pathological and nonpathological dissociation: The relevance of childhood trauma. *The Journal of Psychology*, 13(2), 157-164.

James, W. (1958). *The varieties of religious experience: a study in human nature*. Cambridge: Harvard University Press.



Jamieson, G.A. (2005). The Modified Tellegen Absorption Scale: A Clearer Window On The Structure And Meaning Of Absorption. *Australian Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, v. 33 (2), page 119-139.

Jamieson, G.A.; Sheehan, P.W. (2004). An empirical test of Woody and Bowers's dissociated-control theory of hypnosis. *International Journal of Clinical & Experimental Hypnosis*. Page 232-249.

Kornfield, J. (1979). Intensive insight meditation: a phenomenological study. *The Journal of Transpersonal Psychology*. Vol. 11, No.1. Page 41.

Kuijpers, H.J.H.; Van-Der-Heijden, F.M.M.A.; Tuinier, S.; Verhoeven, W.M.A. (2007). Meditation-Induced Psychosis. *Psychopathology*; 40:461-4.

Laloni, D.T. (2001). SCL-90-R: Adaptação, Precisão e Validade. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, pp. 214.

Lange, R.; Maraldi, E.; Zangari, W.; Corredato, V.; Alvarado, C.; Machado, F. (2018). A cross-cultural validation of the Revised Transliminality Scale in Brazil. *APA PsycNet*. Acessado em: <http://dx.doi.org/10.1037/cns0000161>.

Lynn, S.J.; Pintar, J.; Rhue, J.W. (1997). Fantasy proneness, dissociation and narrative construction. In: Krippner, S. & Powers, S. M. (Eds.). *Broken images, broken selves: dissociative narratives in clinical practice*. Washington: Brunner / Mazel, page 274-302.

Luhrmann, T.M. (2005). *The Art of Hearing God: Absorption, Dissociation, and Contemporary American Spirituality*. *Spiritus* 5. Page 133–157. The Johns Hopkins University Press.

Luhrmann, T.M.; Nusbaumb, H.; Thisted, R. (2013). “Lord, Teach Us to Pray”: Prayer Practice Affects - Cognitive Processing. *Journal of Cognition and Culture* 13 159–177.

Luhrmann, T.M. (2020). *How God becomes real: kindling the presence of invisible others*. Princeton University Press.

MacCallum, R.C.; Widaman, K.F.; Zhang, S.; Hong, S. (1999). Sample size in factor analysis. *Psychological Methods*. Vol. 4. N° 1, 84-99.

Maraldi, E.O. (2014). *Dissociação, crença e identidade: Uma perspectiva psicossocial*. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Maraldi, E.O.; Zangari, W. (2016). Evidências de validade da Escala de Experiências Dissociativas em amostra não clínica. *Avaliação Psicológica*, 15(1), pp. 93-104

Moraes, C.L.; Hasselmann, M.H.; Reichenheim, M.E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Caderno de Saúde Pública*.; 18(1): page 163-76.

Moreira-Almeida, A.; Peres, M.F.; Aloe, F.; Lotufo Neto, F.; Koenig, H.G. (2008). Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke: DUREL. *Arch. Clin. Psychiatry (São Paulo)* 35 (1). <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000100006>.

Osborne, J.W.; Costello, A.B. (2009). Best practices in exploratory factor analysis: four recommendations for getting the most from your analysis. *Pan-Pacific Management Review*. Vol. 12, N° 2: 131-146.

Otis, L. (1984). *Adverse effects of transcendental meditation. Meditation: Classic and contemporary perspectives*. Aldine Transaction, 1984. Pg. 201-208.

Ott, U. (2007). States of absorption: In search of neurobiological foundations / Hypnosis and Conscious States: The Cognitive Neuroscience Perspective (organized by Graham Jamieson) Chapter 14 – States of absorption: in search of neurobiological foundations. Page 257-270.

Qualls, P.J.; Sheehan, P.W. (1981). Role of the feedback signal in electromyograph biofeedback: The relevance of attention. *Journal of Experimental Psychology: General*, Vol 110(2), Jun, page 204-216.

Roche, S.M.; McConkey, K.M. (1990). Absorption: Nature, Assessment, and Correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 59(1), page 91-101.

Shapiro, D.H. (1992). Adverse effects of meditation: a preliminary investigation of long-term meditators. *International Journal of Psychosomatics*, 39(1-4), 62-67.

Shor, R.E. (1960). The frequency of naturally occurring "hypnotic-like" experiences in the normal college population. *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, page 151-16.

Shor, R.E.; Orne, M.T.; O'Connell, D.N. (1962). Validation and Cross-Validation of a Scale of Self-Reported Personal Experiences which Predicts Hypnotizability. *Journal of Psychology*: page 55-75.

Tellegen, A.; Atkinson, G. (1974). Openness to absorbing and self-altering experiences ("absorption"), a trait related to hypnotic susceptibility. *Journal of Abnormal Psychology*, Vol 83(3), page 268-277.

Tellegen, A. (1992, August). Note on structure and meaning of the MPQ Absorption scale. Unpublished manuscript, University of Minnesota.

Thalbourne, M.A. (1991). The psychology of mystical experience. *Exceptional Human Experience*. 9:168-186.

Wilson, S.C.; Barber, T.X. (1983). The fantasy-prone personality: implications for understanding imagery, hypnosis and parapsychological phenomena. In: Sheikh, A. A. (Ed.). *Imagery: current theory, research and application*. New York: John Wiley and Sons, page 340-390.

Zangari, W. (2003). Incorporando papéis: Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

## **CAPITULO 2 – HISTÓRICO E PESQUISAS**

### **2.1 A ABSORÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS / ESPIRITUAIS, EM POPULAÇÕES CLÍNICAS E NÃO-CLÍNICAS, NA PSICOTERAPIA, NAS ARTES, NA TECNOLOGIA E NO LUTO: HISTÓRICO E PESQUISAS CONTEMPORÂNEAS**

A visão inicial da psiquiatria e da psicologia era patologizante em relação ao fenômeno religioso e muitos dos fenômenos de dissociação eram usados para explicar esses processos. No século XIX, por exemplo, Henry Maudsley (1835 - 1918), psiquiatra e psicopatologista anglo-saxão considerava que as doenças mentais poderiam ter relação com o contexto histórico e cultural dos doentes (Dalgalarrodo, 2004). Nesse sentido, o determinismo biológico já vinha ajudando a fornecer legitimação científica para tal desde 1857, quando Auguste Morel (1809 - 1873) escreveu seu “Tratado de degenerescências físicas, intelectuais e morais da espécie humana” (1857), obra que teve enorme impacto dentro e fora da França, que serviu para justificar a oposição entre brancos e negros, assim como entre ricos e pobres (Cordás et al, 2011). No Brasil no final do século XIX e início do XX, havia uma tendência a compreender a realidade de forma cientificista graças às teorias como o Positivismo e o Darwinismo, naquele momento, recentemente vindas da Europa (Skidmore, 1989).

No Brasil, ao tratarem as doenças mentais e buscarem associações para elas, alguns psiquiatras descreviam o Espiritismo como sendo a fonte ou mesmo um sinal que revelava problemas mentais, relacionando-os ainda a problemas sociais, cognitivos ou raciais. Fenômenos de dissociação eram utilizados para explicar esses processos religiosos (Pacheco e Silva, 1950). Ainda em nosso país, grande parte dos cientistas, apenas teria se aproximado dos fenômenos de ordem mediúnica de forma a deslegitimá-lo ou mesmo torná-lo um tabu (Ribeiro, 2015).

Dentro deste ponto de vista, a ciência seria aquela que teria condições de investigar o que é real, certo, precisamente determinado, útil e indubitável; esse tipo de pensamento teria encontrado solo mais fértil especialmente em países

com grandes anseios de desenvolvimento, porém, com menor tradição cultural e de ideologia ainda incipiente, países da América Latina, principalmente o México e o Brasil (Trindade, 2007). No Brasil, inclusive, o positivismo deixa de ser apenas um sistema filosófico, influenciando na sociedade e na ciência, fazendo com que a biologia se transformasse numa “biologia positiva”, onde o que antes pudesse ser entendido como uma função “espiritual” passasse a ser uma função “cerebral” (Trindade, 2007). A questão do diagnóstico então esteve, durante muito tempo, ligada quase que exclusivamente às questões de cunho social, econômico e racial, levando-se em conta também o papel das experiências de caráter religioso ou espiritual.

Por conta de todos os fatores considerados no entendimento do que pudesse ser compreendido como saúde mental (ou a falta dela) e conseqüentemente seu diagnóstico, faz-se necessário entender como a busca pelo conhecimento de conceitos como a dissociação e a absorção se iniciou. Os primeiros estudos científicos sobre a dissociação e a absorção apareceram no final do século XIX, em Londres, com a fundação da Sociedade de Pesquisas Psíquicas (Society for Psychical Research) em 1882 por um grupo de intelectuais oriundos da Universidade de Cambridge, que apresentaram interesse em realizar as primeiras pesquisas no tema de crenças (por exemplo, vida após a morte), dispostos a realizar estudos experimentais e com rigor científico no assunto (Rogo, 1986). Naquele momento, o interesse pela dissociação se conectava diretamente a um interesse por experiências religiosas e / ou espirituais, como fenômenos surpreendentes de cura, mediunidade e possessão. Alguns entre esses pensadores acreditavam na vida após a morte, outros se mantinham céticos a tal afirmação e outros preferiam esperar e obter maior número de dados ou evidências de tais experimentos, já que tinham a compreensão da complexidade do tema, e assim poderem formular seus próprios julgamentos. Devido à sua produção e interesse em temas como dissociação e outros estados alterados de consciência, esse grupo de pensadores é considerado pioneiro no estudo da dissociação e da absorção, embora alguns dos termos, conceitos e hipóteses explicativas desenvolvidas mais tarde para essas experiências não terem sido aventados naquele período,

tendo de aguardar o avanço das pesquisas psicológicas, antropológicas e neurofisiológicas (Alvarado, 2002; Crabtree, 2007; Alvarado e Krippner, 2010).

Sabe-se que por muito tempo, mesmo após todo o interesse e dedicação em pesquisas demonstrado pelos cientistas da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, o estudo das experiências religiosas e / ou espirituais foi deixado de lado e considerado de menor importância por se acreditar que esse era um fenômeno de cunho apenas religioso e que a adesão às religiões, muitas vezes, significava doenças psíquicas / mentais, tendo sido até mesmo relacionadas por Freud de tal maneira que, num primeiro momento, críticas foram feitas ao pensamento religioso e sua equiparação a ilusões amparadas nos mais recônditos desejos do ser humano; primeiramente, o assassinato do pai primevo. Posteriormente, Freud reconhece a religião como o que seria uma adaptação diante de uma situação de desamparo; e por último, entende que a religião tinha em sua configuração a história e o saber já esquecido de um grupo e, por analogia, de toda a humanidade. Por toda sua obra, Freud vai retomando e reconhecendo o valor da religiosidade e sua importância na superação do sentimento de desamparo e também nos processos de sublimação psíquica (Freud, 1927/1978, 1930/1980, 1913/2013). Contudo, tal ligação com a religião era não muito bem vista e estados de êxtase religioso eram vistos como sinais de desequilíbrio psíquico, de dissociação, de neurose. As experiências religiosas e espirituais, dentro da visão de mundo que havia naquele momento, já não encontravam espaço dentro da academia ou do interesse dos estudos científicos para auxiliarem no entendimento da psique, pois poderiam, inclusive, causar problemas para uma ciência ainda em formação que tentava encontrar seu espaço e buscava reconhecimento no meio científico (Alvarado, 2013).

### **2.1.1 ESTADO DE FLOW**

Muitos poderiam considerar a absorção como um fenômeno próximo, de algum modo, ao estado de flow, que é um termo desenvolvido pela Psicologia Positiva, movimento idealizado por Seligman (Martin Seligman – 2004) e co-fundado por Mihaly Csikszentmihalyi, que foi assim nomeada pois buscava o

entendimento para situações que pudessem levar as pessoas à felicidade, onde o foco é dado a atividades que podem proporcionar situações de concentração total dentro do que a *psychology of optimal experience* pode considerar como uma experiência de felicidade. O conceito de flow, desenvolvido por Csikszentmihalyi, descreve como algumas tarefas se tornam autotélicas, que assim como o nome diz, possuem um fim em si mesmas, não necessitando de recompensas extrínsecas, já que realizar a tarefa é, em si, uma recompensa (Csikszentmihalyi – 1988). Aspectos do flow como a possibilidade que uma tarefa, ao ser realizada, envolva o mínimo de autoconsciência enquanto produz uma visão distorcida do senso de tempo, pode também abarcar automaticidade, que se refere a estar no controle e que a atividade intencional está ocorrendo sem utilização de esforço, guiado por determinada motivação intrínseca, rumando à experiência ótima (Kamei – 2010). Um artigo que analisa as experiências de atenção plena (mindfulness) e flow, mostra que o flow tem tanto um aspecto de absorção quanto um aspecto de controle, salientando que a atenção plena funciona em oposição à divagação da mente, sugerindo que os estados de atenção plena podem funcionar contra estados de absorção; assumindo que a atenção plena está em oposição à mente divagando, podemos entender que esses estados trabalham em favor da atividade controlada, como pode ocorrer durante o estado de flow (Sheldon - 2014).

### **2.1.2 FLOW E ABSORÇÃO – DEFINIÇÕES EM DISCUSSÃO**

Em relação a questão do flow e da absorção, na verdade, existem vários conceitos que são interconectados: por exemplo, dissociação-absorção e ainda, a própria hipnotizabilidade. No artigo seminal de Tellegen e Atkinson, a absorção era pensada como um elemento da hipnotizabilidade; só que depois, a ideia de sugestionabilidade e mesmo de hipnotizabilidade foi tomando outros caminhos. Flow e absorção são conceitos complexos, interligados, interconectados e não têm, portanto, uma divisão clara e total entre eles. Ao examinarmos algumas questões do TAS, podemos aproximar-nos de algumas descrições dadas por algumas pessoas que afirmam experienciar o estado de flow. Como nas questões 9 (Às vezes, saio do meu modo habitual de experimentar o mundo e

entro em um estado de ser completamente diferente), 11 (Em dados momentos, posso perceber as coisas de modo mais intenso ou vívido) e 12 (Quando ouço música, eu posso ficar tão envolvido que não percebo nada mais ao meu redor), por exemplo.

Não existe uma definição absoluta ou mesmo definitiva, pois essa depende dos referenciais teóricos em jogo; quando se fala ou se discute o conceito de flow, sabemos que tal conceito apresenta um tipo de literatura que não necessariamente dialoga, por exemplo, com uma literatura mais psicopatológica, onde as pesquisas sobre dissociação e mesmo sobre absorção, sobretudo nos aspectos mais patológicos, se desenvolveu até o momento. Então, assim, existem nuances da literatura e do referencial teórico que precisam ser levados em conta. Como são conceitos interconectados, acreditamos que pesquisas futuras vão precisar estabelecer melhor essa distinção.

## **2.2 RELIGIOSIDADE, ESPIRITUALIDADE, PARANORMALIDADE**

Conceitos como experiência religiosa / espiritual são de difícil definição, justamente pela variedade de delimitações que cada conceito abriga. Podemos utilizar as definições sugeridas por Koenig (2001), para iniciar na discussão do conceito de religião que seria, segundo esse autor, um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos criados para facilitar a proximidade ao sagrado ou ao transcendente (Deus, uma força maior ou a verdade final) e, ainda, um motivador da relação de responsabilidade para com outros em uma mesma comunidade (Koenig, 2001).

A palavra espiritualidade tem sua origem no latim *spiritus*, que significa “sopro de vida”. O conceito de espiritualidade é controverso e pode ser encontrado em muitos autores desde o final do século XIX como William James (1958), passando ainda por Jung, John Dewey e Maslow. Esses autores são todos muito enfáticos quando mencionam que a espiritualidade não é privilégio ou monopólio dos templos ou igrejas, e sua definição não pode ser compreendida nos valores dos quais é composta do ponto de vista exclusivo do que é vivido nas religiões. Quando se pensa em espiritualidade e sua relação



com o humano, deve-se considerar Maslow (1970) “não há necessidade de conceitos sobrenaturais para validá-la” e nem haveria necessidade de um contexto teísta-sobrenatural ou mesmo não-teísta, que juntamente com Dewey (1934) chamava a atenção para um entendimento humanístico da espiritualidade. Certamente, a espiritualidade era, e ainda é, para muitos daqueles que tentam encontrar definições e conceitos mais claros para o termo, ligada a questões que podem ser encontradas nas religiões, como a busca do transcendente ou a salvação (Jung, 1933) e que, apesar disso, não estar necessariamente ligada a uma tradição religiosa e nem contra tais tradições. A dimensão espiritual então seria um constructo multidimensional, compreendendo tanto significado e propósito de vida quanto altruísmo, consciência das realidades da existência humana, incluindo-se aí valores que levam em consideração o próprio indivíduo, a natureza, a vida (Elkins et al., 1988), e ainda, a possibilidade de transcender a si mesmo, seja em situações de dor física ou emocional. Tal compreensão inclui noções como “a força unificadora ou energia integrativa no cosmos, no mundo ou no indivíduo” (noções mais individualistas ou mais abrangentes da realidade) e dependeria do contexto cultural ou religioso para seu entendimento (McCarroll et al., 2005).

Existe também a preocupação de compreender o que sejam fenômenos paranormais, não no intuito de avaliar se tais fenômenos existem realmente ou não (perspectiva ontológica), mas sim conhecer realidades psicológicas e sociais de indivíduos que alegam ter tais experiências. O conceito do que seja paranormal, ainda hoje, está cercado de controvérsias e continua a ser debatido nos meios acadêmicos. Numa definição de Tobacyk (1995), eventos paranormais seriam aqueles que poderiam contradizer ou mesmo transgredir princípios científicos já constituídos, e cuja aceitação dependeria da revisão ou da modificação de tais conceitos (Tobacyk, 1995). Experiências tais como telepatia, clarividência / premonição e mediunidade costumam ser incluídos nessa categoria e sua prevalência na população geral é comum (Ross & Joshi, 1992).

Entende-se hoje, na investigação dos estados alterados de consciência relacionados a experiências de cunho religioso / espiritual ou crenças paranormais, que os estados dissociativos (mesmo considerando-se esse um

conceito amplo e apresentado em formas / populações clínicas e não clínicas) podem ser encontrados em sua forma não patológica, inclusive ajudando na formação da identidade de pessoas que façam parte desses grupos religiosos (Braude, 1995; Hilgard 1986), já que segundo Zangari, o entendimento da dissociação é um tema caro à psicologia como um todo, principalmente à Psicologia Social, pois é nesse campo da interação humana que a dissociação pode ser disciplinada (Zangari, 2003). Pierre Janet (1889/2003), um dos principais e pioneiros no estudo da dissociação, afirmava que a consciência, que em seu início pode ser apenas rudimentar, pode evoluir para personalidades conflitantes e mais complexas, personalidades estas que podem surgir mesmo em situações sonambúlicas e, dependendo da predisposição individual, para que a consciência tenha maior abertura para o surgimento ou não de tais personalidades. Essa predisposição seria responsável por fenômenos como a susceptibilidade hipnótica ou a sugestão. Wilson e Barber (1983), em estudo antológico, verificaram entre seus sujeitos, tais níveis de envolvimento com a fantasia que chegavam mesmo a duvidar do que fosse realidade ou não. Nesse estudo, um grande número de adultos reportou utilizar-se de fantasia, alguns de forma considerada benéfica (demonstrando controle mental diante de dores fisiológicas) e outras ainda, de forma considerada prejudicial (Wilson & Barber, 1983). Alguns estudos indicam que não só aspectos afetivos ou cognitivos sofrem alterações devido à dissociação, mas que aspectos motores e fisiológicos estão também diretamente influenciados por ela (Negro Junior, Paladino-Negro & Louzã, 1999; Bombana, 2006; Coelho & Ávila, 2007). Isso significa lembrar que *“ao contrário da visão comumente propagada a respeito da dissociação, não se trata de um fenômeno inerentemente patológico”* (Maraldi, 2014).

Muitas vezes em experiências de caráter espiritual tais como possessões ou fenômenos religiosos ou mesmo onde existam relatos de fenômenos supostamente paranormais (telepatia, premonições ou mesmo mediunidade), acredita-se haver certa autonomia do fenômeno em si, sem que a intenção / volição ou mesmo a consciência participem da totalidade da experiência (Richards, 1991), o que torna relevante conhecer a forma que a experiência se dá e também quais interpretações e usos podem ser feitos de tais experiências (Maraldi, 2011). Ao se olhar pela perspectiva psicossocial, pode-se

interpretar certos tipos de dissociação independentemente de seu conteúdo, mas, avaliando sua normalidade ou patologia levando-se em consideração seu contexto social (Dalenberg & Paulson, 2009; Silva Filho, 2018). Isso não impede que mesmo em um contexto transcultural, determinadas experiências possam ainda ser compreendidas como nocivas ou patológicas, já que mesmo temas como a transformação da identidade e a fragmentação do eu podem ser encontradas em diferentes culturas (Ross, 1989). Tudo isso desde sempre põe em jogo a ideia difundida da estabilidade, unidade e constância do eu e da identidade psíquica e física do indivíduo. Diferentemente do que se pode pensar sobre essa estrutura de identidade egoica em termos de regularidade e imutabilidade, o eu pode ser entendido como uma descrição do entendimento que temos sobre nós mesmos e coisas / pessoas que façam parte de nossa experiência dialética entre esse eu e o entendido como o outro. O eu pode ser compreendido como uma associação e integração de funções psíquicas e motoras encontradas no sujeito: suas memórias, habilidades, desejos, atos e preferências e a dissociação consiste na quebra da continuidade dessa experiência, incluindo-se alterações na relação com memória, relação com o outro e alteração de identidade (Kimati Dias & Santos, 2006, p. 591).

A busca do entendimento dos fenômenos de dissociação fez crescer o interesse por traços da personalidade que estariam ligados a tal situação psíquica e que poderiam ajudar a compreender fenômenos religiosos e / ou espirituais. Um desses traços, a absorção, foi primeiramente compreendida como uma facilidade de ser absorvido e de ter um envolvimento profundo com determinada experiência: ao assistir televisão (pensando-se aí em filmes ou videogames), ouvir uma música, ler um livro, assistir a uma peça, show ou outra atividade onde se dissocie temporariamente. O conceito de absorção tem suas origens nos anos 50 / 60, época em que se buscavam os correlatos entre personalidade, hipnose e sugestibilidade. Técnicas para determinar formas de medir a hipnotizabilidade – a facilidade com que algumas pessoas respondem a sugestões em contexto hipnótico – foram desenvolvidas como a Stanford Scale of Hypnotic Susceptibility (Weitzenhoffer & Hilgard, 1959). Por essa época, Shor (1959) consegue traçar um paralelo entre instâncias da hipnose e outras experiências caracterizadas como místicas (Lifshitz, M van Elk, Luhrmann 2019).

Posteriormente, no desenvolvimento do conceito de *envolvimento imaginativo*, termo sinônimo a absorção, Hilgard (1970), em seu estudo sobre hipnotizabilidade, mostrou que pessoas que desde a infância se entregavam mais a atividades criativas e que estavam mais envolvidas e consideravam a imaginação relevante para suas vidas, apresentavam maior possibilidade de serem hipnotizadas. Outro estudo sobre dissociação de Irwin (1999), indica que algumas pesquisas mostraram que as mulheres tendem a terem pontuações maiores do que os homens nesse quesito.

Podemos entender a absorção como se uma parte das percepções do que está ocorrendo no momento fossem isoladas da experiência total, dando-se foco privilegiado ao assunto de interesse do sujeito. Há episódios de concentração que podem alterar o senso do que seja o eu ou do que seja a própria realidade, havendo com o objeto da atenção em questão determinada identificação, uma “participação empática” ou mesmo uma união com tal objeto (Tellegen & Atkinson, 1974). Nessas situações, a atenção pode ser total, envolvendo recursos de ordem representacional (memória, perceptivos, imaginativos e ideacionais). Deve-se separar a absorção da mera distração, entendendo a primeira como uma potencialidade disposicional ou foco mais dirigido para determinado objeto, e a distração como falta de foco e desvio normal da atenção. Isto é: na absorção, há como que uma “identificação com o objeto” segundo Tellegen e Atkinson, como se esta fosse uma união mística (1974) e o teste de absorção de Tellegen (ou TAS) poderia assim ser compreendido (nas palavras de Agarwal e Karahanna):

“nove clusters de conteúdo: capacidade de resposta para gerar estímulos, capacidade de resposta a estímulos, pensando em imagens, uma capacidade de invocar imagens vivas e sugestivas, uma tendência a ter experiências "intermodais", capacidade de se tornar absorto em seus próprios pensamentos e imaginações, uma tendência a ter episódios de consciência, uma capacidade de experimentar estados alterados de consciência, e uma capacidade de re-experienciar o passado” (Agarwal & Karahanna, 2000).

A absorção já foi compreendida como uma experiência que estaria mais ligada aos sintomas patológicos e às populações clínicas (Carlson & Putnam, 1993). Contudo, outro estudo de Dalenberg e Paulson (2009) em parte refutou tal afirmação e chamou atenção para evidências que mostravam tendências de vulnerabilidade no desenvolvimento de dissociação de cunho patológico, porém, demonstrando uma forte correlação entre absorção e outras experiências dissociativas não patológicas. Parece difícil compreender as fronteiras entre a dissociação ou o que seja alteração da consciência já que até mesmo em situações onde se use, por exemplo, uma técnica como a hipnose, que apesar de envolver experiências dissociativas e absorção, não constitui por si só um tipo de dissociação. A hipnose pode funcionar como um gatilho para experiências dissociativas, mas não se pode dizer que ela por si própria constitua um tipo de dissociação devido a: expectativas do sujeito, a sua relação com o hipnotizador e ainda, o objetivo da técnica, que pode variar em função do contexto em que a hipnose seja utilizada (clínico, hipnose de palco etc.) (Dalenberg e Paulson, 2009).

O transe religioso e a possessão são outros fenômenos que costumam envolver processos dissociativos e de absorção (Queiroz, 2017). Nele é possível ver que enquanto realizam danças ou atividades que exigem resistência física (danças, movimentos de roda, etc.) dentro das práticas religiosas que muitas vezes ocorrem em longos períodos de tempo, os indivíduos podem não demonstrar cansaço, o que resultaria, para os autores desse campo de estudos, de uma absorção acentuada na atividade religiosa. Outro estudo de Bastos Jr. (2016), realizado com médiuns experientes utilizando-se de eletroencefalograma (EEG), demonstra que há suporte para a hipótese de que a absorção pode exercer um papel mecânico tanto na mediunidade quanto em experiências sensoriais anômalas, diferenciando-as de dissociação patológica e de estados hipnóticos (Bastos Jr. Et al., 2016). Segundo Hageman, Krippner e Wicramasekera II (2011) existe um aumento tanto nas ondas cerebrais quanto na tensão muscular durante o transe espiritual que é incompatível com relatos realizados pelo sujeito e que é possível observar uma dissociação entre reações fisiológicas e percepção consciente do corpo. Numa pesquisa de Peres et. al. (2012) realizada junto a médiuns de psicografia brasileiros, médiuns experientes

apresentaram baixas ativações em áreas do cérebro que são responsáveis por atenção e planejamento durante momentos de incorporação (transe) e realização de tarefas de grande produtividade textual enquanto médiuns iniciantes demonstraram ativação maior durante as atividades de psicografia, o que nos sugere que quanto maior o treino da dissociação, maior a capacidade de se realizar tarefas complexas sob transe. Dentro desse estudo ainda, os autores acreditam que parte dos resultados obtidos junto aos médiuns experientes se deveria em parte a certa “automatização” desta prática, mas como as alterações das ondas cerebrais eram significativas, sugerindo que funções da consciência se alteraram, pode-se justificar o transe e a escrita automática desenvolvida (Peres et. al., 2012).

O transe e a possessão são constructos interligados, porém, distintos (Cardena et al., 2009). Enquanto na possessão, existe uma troca de uma identidade por outra identidade, essa última de caráter sobrenatural, e isso pode ocorrer de forma episódica ou não, no transe há alterações na consciência, da identidade e uma mudança no foco de certos estímulos (como por exemplo, a absorção) e certos comportamentos que o sujeito sente que não estão completamente sob seu controle. Deve-se salientar que o autor nos lembra da dificuldade para separar e distinguir de forma clara a diferença entre um e outro e que o que sejam estados de possessão podem variar tanto de acordo com o meio social e cultural do indivíduo quanto com seu sistema de crenças (lugares que possibilitam o acolhimento e (re) significação de tais experiências). Manifestações desses fenômenos podem apresentar uma série de outras características como co-consciência (sensação de ser controlado por alguém e que embora consciente, não há intervenção nas ações da “entidade”), convulsões, insensibilidade tanto ao próprio corpo (não percepção do cansaço, por exemplo) quanto à dor, tremores diversos e modificações no tom de voz.

Culturalmente, vários comportamentos podem ser entendidos ou aceitos como sinal de incorporação e / ou possessão por alguma entidade, apesar de não apresentarem, necessariamente, características de dissociação. Somos levados a crer que a dificuldade de distinguir entre experiências espirituais e experiências dissociativas e de absorção pode estar associada à acolhida que a experiência encontra no meio em que ela ocorre. Quando alguém declara que foi

tomado (possuído) ou influenciado por um espírito, nem sempre é possível afirmar que tais experiências apresentem um caráter dissociativo. Mesmo considerando-se que, relativamente aceito em todo o mundo, o conceito do que seja possessão e suas definições, não tornam fáceis a sua diferenciação com o que seja transe. Segundo Lewis (1977), a possessão seria diferente do transe por incluir maior número de fenômenos que este e se uma pessoa é considerada possuída em seu meio cultural, então, ela realmente está possuída. Isso também nos faz pensar nos níveis de dissociação entre os diferentes fenômenos ou mesmo entre diferentes religiões. Nesse mesmo estudo, Lewis faz duas classificações para as possessões: uma central e a outra periférica, onde a primeira ocorreria em situações de cunho religioso (e por esse meio recebido, aceito e cuidado, com condução bem definida e hora para terminar) enquanto que a segunda, de caráter incontrolável e às vezes crônico, inclui sofrimento psíquico e muito pouca ou nenhuma aceitação social. Estudos que demonstram efeitos organizadores e terapêuticos de algumas práticas espirituais (Negro, 1999; Seligman, 2005) nos mostram o quanto a diferenciação acima pode ser útil. Muitas vezes, situações de possessões periféricas podem ser compreendidas como patologias, já que não encontram um espaço dentro do contexto cultural em que a pessoa vive; se devidamente atendida, com recursos terapêuticos corretos, há possibilidade de melhora significativa na qualidade de vida do paciente ou até mesmo uma remissão de seus sintomas mais graves (Martinez-Taboas, 1999). Devemos também considerar que se faz em alguns momentos necessário para aqueles que apresentam experiências dissociativas buscar, ao mesmo tempo em que se encontra em tratamento dentro de instituições religiosas, tratamentos psiquiátricos, buscando assim diferentes formas para captar, compreender e / ou resignificar o fenômeno dissociativo presente em suas vidas.

Diferentes pesquisadores buscam ou mesmo focam em elementos (fenômenos) diferentes para compreender o transe e a possessão: quando pessoas mais desfavorecidas e ou oprimidas encontram uma possibilidade de expressão de seus desejos ou de conteúdos que não seriam permitidos em outras situações (Lewis, 1977); estresse social (Seligman, 2005); deficiência de cálcio e vitamina D ocasionada por problemas de ordem nutricional (Kehoe &

Gilleti, 1981); fenômenos oriundos da susceptibilidade hipnótica (Cardeña et al., 2009) e ainda, uso de substâncias e / ou procedimentos rituais (Becker-Blease, 2000).

## **2.3 PESQUISAS CONTEMPORÂNEAS**

A partir aproximadamente da década de 1970, o estudo da dissociação e da absorção inicia um novo momento, em que instrumentos psicométricos começam a ser desenvolvidos para avaliação dessas experiências, tanto em contexto clínico quanto para fins de pesquisa. A absorção passa a ser vista não apenas como uma característica dos estados alterados de consciência e da hipnotizabilidade, mas também como um traço de personalidade, um elemento da constituição cognitiva dos indivíduos, mais do que um fenômeno temporário. Começa-se, assim, a se investigar com maior profundidade as razões de algumas pessoas serem mais propensas à absorção e ao envolvimento imaginativo comparativamente a outras. A partir desses desenvolvimentos, o estudo de hipóteses ligadas à relação entre absorção e experiências religiosas e espirituais passa a ser feito com o uso de instrumentos quantitativos, buscando-se suas correlações.

### **2.3.1 ABSORÇÃO E EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS / RELIGIOSAS**

Estudos sobre absorção já foram realizados em áreas desde o apego desorganizado, que mostra suas relações entre maiores índices de absorção e a previsibilidade de que seus sujeitos se tornem adeptos de religiões da Nova Era (Granqvist, Fransson & Hagekull, 2009), assim como o quanto a absorção aparece mais alta em pessoas que relatam episódios psicóticos, sendo considerado ainda um traço de personalidade muito importante, mas pouco estudado nas psicoses (Rosen et al, 2017).

Há situações onde se buscam crenças sobrenaturais para o enfrentamento de situações traumáticas de abuso, algumas delas associadas



com maiores níveis de absorção. Um estudo que investigou e avaliou auto relatos de experiências fora do corpo, características da personalidade e certas variáveis psicológicas de crentes e não crentes nesses relatos (Gow, Lang e Chant, 2004) mostrou que em pessoas crentes mais experientes a absorção e dissociação foram mais altas do que nos não crentes e que tendência à fantasia, crenças paranormais e absorção psicológica apresentavam relação significativa. Pode-se pensar que tais crenças forneceria àqueles que as utilizam, uma sensação de controle e de segurança. Absorção e espiritualidade foram investigadas no estudo de Hyland et al. (2006) e ambas mostraram correlação, ainda que espiritualidade apresentasse a maior correlação. Levin e colaboradores (1998) em um estudo com 83 sujeitos de um programa com adultos sobreviventes de câncer e outras doenças que pudessem trazer risco à vida, mostraram que a absorção estava positivamente associada com religiosidade e, segundo os autores, sugeriam que certas emoções, ou cognições, ou experiências religiosas poderiam gerar estados internos de foco que melhorariam as doenças através de um certo alívio de mecanismos psicofisiológicos (Levin, Wickramasekera e Hirshberg, 1998).

Outro estudo (Cardeña, Reijman, Wimmelmann & Jensen, 2015) ainda comparou saúde mental, trauma, dissociação, absorção, e tendência à fantasia em um grupo de religiosos praticantes(P) e outros residentes(R) de um centro religioso e levantou que os sujeitos que realizavam a prática(P) espiritual pontuaram menos na escala de ansiedade fóbica enquanto os residentes(R) pontuaram mais em dissociação e absorção; contudo os resultados não dão suporte à visão de que a maioria dos praticantes espirituais tem maior sofrimento psicológico ou são socialmente marginais, embora haja um subgrupo de indivíduos mais problemáticos.

Um estudo de Luhrmann e colaboradores (2010) que mistura dados etnográficos e métodos empíricos trabalhou com um time multidisciplinar para identificar sujeitos que apresentassem maior tendência à absorção. Buscou-se avaliar a absorção em um grupo de cristãos evangélicos e concluiu-se que aqueles que tinham maior facilidade / inclinação para absorção eram os que reportavam maior foco, imagens mentais mais nítidas e experiências espirituais menos comuns. Aqueles que relataram praticarem mais orações estavam mais

abertos a aceitar de forma mais ampla a representação de Deus. Assim, essa investigação também conclui que esses traços podem ser aprendidos e junto com a prática (que inclui a interpretação e a propensão) há crescimento na compreensão da experiência religiosa.

Em um grupo de canalizadoras (médiuns) em comparação com uma população de não canalizadores (não médiuns) israelitas (N=150, mulheres), buscou-se avaliar a relação entre fenômenos dissociativos, absorção, história traumática e qualidade de vida através de testes objetivos (Stolovy, Lev-Wiesel, Witztum, 2015). O estudo mostrou que as canalizadoras apresentaram níveis significativamente mais altos em dissociação, absorção e saúde psíquica, comparado ao grupo controle e que dissociação e absorção só estavam relacionadas ao trauma entre sujeitos do grupo comparado, contribuindo no quesito qualidade de vida. Dessa maneira, entende-se que a dissociação pode apresentar-se de diferentes formas e que a prática espiritual contribui para a qualidade de vida.

Num estudo realizado com um uma amostra predominantemente composta por sujeitos religiosos / espiritualizados (N= 62), os autores discutiram que experiências místicas podem estar ligadas ao apego desorganizado via um traço mediador (Granqvist, Hagekull & Ivarsson, 2012). O apego desorganizado (conceito que descreve uma falha para mentalmente resolver eventos traumáticos, verificado via entrevista Adult Attachment Interview) pode prever a ocorrência de experiências místicas e tal conexão seria mediada pela absorção. Descobriu-se ainda que aspectos mais convencionais da religião (crenças em deuses / deusas e religiosidade geral) não necessariamente estariam relacionados com apego desorganizado ou absorção desorganizada. Modelos mediacionais alternativos (que não a absorção) pareceram ser um suporte menos conclusivo às experiências. Os autores argumentam que as experiências místicas, além de não patológicas, seriam reparadoras dos apegos desorganizados, ajudando inclusive a experienciar alterações na consciência (Granqvist, Hagekull & Ivarsson, 2012).

Outro estudo (Hageman, Krippner, Wickramasekera II, 2011), conduzido com dois autodeclarados médiuns e um não médium no Brasil e sete

meditadores avançados norte-americanos, investigando respostas psicofisiológicas, absorção e dissociação e avaliando o sistema nervoso periferal (PNS) e o sistema nervoso central (CNS) revelou que entre os brasileiros houve redução de vasoconstrição simpática no PNS, aumento de tensão muscular durante uma imaginada incorporação de espíritos e um aumento dos percentuais de ondas alfa (Eletroencefalograma – EEG); tal condição de imaginação dos médiuns apresentou discrepância do que se apresenta tipicamente em uma situação de olhos fechados e situação de imaginação. Os meditadores também foram avaliados e demonstraram ativação simpática durante suas sessões de meditação e quase não reportaram efeito negativo. Não são comuns incongruências entre CNS e PNS entre aqueles que têm prática espiritual. Contudo, incongruências específicas nos aspectos psicofisiológicos, absorção e dissociação com médiuns e meditadores avançados sugere que práticas mediúnicas ou meditativas podem precisar criar de forma voluntária (algo que se consegue através da prática), situações ou “lugares internos” (buffers) que ajudem tanto os médiuns quanto os meditadores a manter seu bem-estar emocional e físico.

Num estudo exploratório que buscou entender as relações entre absorção, mentalização e misticismo com meditadores e alunos de graduação, Coleman Et. Al (2019) mostrou que a relação entre misticismo e absorção é mais forte nos indivíduos com menor habilidade de mentalização (o que no sentido mais amplo pode ser compreendido como a capacidade de raciocinar não só sobre os próprios estados mentais mas também sobre os estados mentais de outros) e também, que há robusta contribuição da absorção para as experiências místicas e que a relação mais forte entre misticismo e absorção é maior entre indivíduos com menor capacidade de mentalização (Coleman et. al, 2019).

### **2.3.2 ABSORÇÃO E TECNOLOGIA**

Sabe-se que jogadores de jogos eletrônicos muitas vezes reportam alcançarem profundos estados imersivos de consciência, graças às dimensões

e paisagens criadas para tais jogos ou mesmo através de atribuições que determinado personagem utilizado pelo jogador durante o jogo pode ou deve possuir. Um artigo de Yee (2006) relata que numa amostra de 30.000 usuários em uma plataforma de multiusuários em jogos on line realizado por três anos, uma análise exploratória revelou a motivação dos usuários e descobriu entre elas o desejo de relacionamento, desejo de realização, escapismo, manipulação e imersão, este último, constructo teórico que busca avaliar o envolvimento com os jogos, muito similar ao conceito de absorção, que mostra o envolvimento com tal ambiente de jogos (Yee, 2006).

Uma investigação realizada com jogadores de videogame (Snodgrass et. al, 2011), utilizando-se entrevistas e testes objetivos (Escala de Absorção e de Experiências Dissociativas) buscou compreender os níveis de “imersão” dos jogadores dentro do jogo investigado e concluiu que certos tipos de jogos podem funcionar como “tecnologias de absorção” e assim, induzir a estados dissociativos, sendo que alguns podem ter potencial psicológico benéfico ou mesmo apresentar riscos à saúde mental.

Outro estudo realizado por Wirth, Hofer & Schramm demonstrou a importância da absorção juntamente com o envolvimento emocional e que ambos contribuem para a formação da presença espacial (noção física dentro de ambientes virtuais) e que tanto a absorção quanto o envolvimento emocional permanecem estáveis quando outros fatores (tais como o envolvimento cognitivo, o modelo espacial situacional e a suspensão da descrença) contribuem para seu controle (Wirth, Hofer & Schramm, 2012).

Outro estudo de Agarwal (2000) que definiu e demonstrou a absorção cognitiva, que é a absorção (ou o envolvimento profundo) com tecnologia da informação (TI) e seus softwares correspondentes, e que essa absorção (que inclui controle, atenção focada, curiosidade, interesse intrínseco em “brincar” com o computador e facilidade de utilização da tecnologia em si), poderia ser compreendida, segundo os autores, como que “colocada como um antecedente proximal de duas crenças importantes sobre o uso da tecnologia: utilidade percebida e facilidade de uso percebida”: ou seja, tal percepção da utilidade e

possibilidade de utilização de tal tecnologia, ativaria / facilitaria a absorção cognitiva. (Agarwal & Karahanna, 2000).

Um estudo de Sadie (2013) que avalia jogos online e seus jogadores, avaliou que pessoas com maior probabilidade de fobia social, alta ansiedade, introversão, neuroticismo e absorção, podem apresentar maior risco de utilização problemática da internet (Cole & Hooley, 2013).

### **2.3.3 ABSORÇÃO NO CONTATO COM AS ARTES**

Numa investigação de Thomson et al (2009) com artistas geradores (escritores, compositores, coreógrafos e designers) e intérpretes (diretores, atores, cantores de ópera e dançarinos) foram feitas correlações entre dissociação, experiências traumáticas, tendência à fantasia e estados afetivos - artistas, independente da área, tiveram escores moderados para dissociação e tendência à fantasia. Os intérpretes apresentaram escores significativamente mais altos que os geradores no total para dissociação, absorção / imaginação, absorção / instabilidade e despersonalização / desrealização (Thomson et al, 2009). Em outro estudo, Thomson e Jaque (2009) examinando dissociação patológica e normativa encontrou resultados que indicavam que (1) artistas têm altos escores para absorção e imaginação, (2) quase todos os sujeitos relatavam experiências traumáticas ou de perda, (3) 36% foram incluídos no critério para dissociação patológica enquanto 53% foram classificados como não-resolvidos no quesito de apego desorganizado. Apesar dos altos números que apresentavam dissociação patológica, a maioria dos artistas avaliados apresentavam coerência, estabilidade e autonomia (Thomson & Jaque, 2012).

Um estudo de Sheridan (2006) que buscava entender a relação entre fãs e celebridades, demonstrou que havia correlações entre absorção, preocupação com figura pública e dissociação, ainda que a maioria daqueles que se aproxima de figuras públicas de forma inapropriada sofram de doenças psiquiátricas diagnosticáveis (Sheridan, 2006).

### **2.3.4 ABSORÇÃO E QUESTÕES DE LUTO**

Situações de luto recente ou de trauma podem resultar em comportamentos desorganizados ou outros estados mentais de sofrimento que podem permanecer por tempo demais e dificultar a elaboração da experiência de perda / trauma. Um estudo de Main e colaboradores (2003) mostra que mesmo uma situação de trauma ou de luto consideradas “normais”, porém persistentes, indicam que o sujeito pode estar sofrendo de luto não-resolvido (Main, Goldwyn, & Hesse, 2003).

Em um estudo de Thomson e Jaque (2014) sobre luto em que se especula que a dissociação patológica poderia mediar efeitos de luto não resolvido em crenças sobrenaturais, dois grupos foram examinados conforme medido pela Entrevista de Apego Adulto (Adult Attachment Interview ou AAI) que avalia o apego desorganizado: um grupo de *não resolvidos* e outro de *resolvidos* e instrumentos de auto avaliação foram utilizados para detectar níveis de dissociação e crenças sobrenaturais. Os níveis tanto de dissociação quanto de crenças sobrenaturais nos sujeitos que declararam ter um luto não resolvido se mostraram maiores. Análises de mediação confirmaram as hipóteses iniciais e demonstraram que a dissociação patológica mediou os efeitos de crenças sobrenaturais e luto não resolvido (Thomson & Jaque, 2014).

### **2.3.5 ABSORÇÃO EM POPULAÇÕES CLÍNICAS E NÃO CLÍNICAS**

Um estudo realizado por Rosen et al. (2017) avaliando o construto de absorção e experiências psicóticas com populações clínicas e não clínicas demonstrou que os níveis de absorção eram maiores dentro do grupo clínico (que incluía espectro esquizofrênico e bipolaridade) do que na população não clínica, o que sugere que a absorção é um componente importante das psicoses ainda pouco estudado (Rosen et al, 2017).

Num estudo feito por Näring e Nijenhuis (2005) em uma amostra não clínica de estudantes e usando os índices de absorção como medida para tendência à fantasia, mostrou que a correlação entre a dissociação somatoforme

e a traumatização relatada, após a absorção parcial, fornece uma estimativa confiável da magnitude das relações entre eventos potencialmente traumatizantes e dissociação (Näring & Nijenhuis, 2005).

Outro estudo, esse realizado por Simeon et al (2009) comparou voluntários saudáveis, sujeitos com transtorno de despersonalização e outros sujeitos com estresse pós-traumático, avaliou absorção, falhas cognitivas e alexitimia (dificuldade em identificar emoções, comunicar sentimentos e um estilo de pensamento externamente orientado – Larsen et al, 2003) e concluiu que os grupos de transtorno de personalização e de estresse pós traumático tinham comparativamente altos escores de absorção e falhas cognitivas (Simeon et al, 2009).

Uma meta análise realizada com 31.905 alunos de faculdade por Kate (2019) mostrou que as taxas de prevalência de dissociação foram usadas para testar separadamente a plausibilidade do Modelo do Trauma do Modelo da Fantasia. Os resultados demonstraram que 11,4% dos alunos da amostra atendem aos critérios para dissociação, o que é consistente com a prevalência de experienciar múltiplos (tipos de) traumas durante a infância (12%), mas não é consistente com a prevalência muito baixa esperada do papel da propensão à fantasia proposto no MF.

### **2.3.6 PSICOTERAPIA E ABSORÇÃO**

Um estudo sobre absorção e psicoterapia de grupo realizado por Kealy e colaboradores (2019) demonstrou que a absorção teve um efeito moderador na relação entre a estimulação do grupo e a melhora dos sintomas psiquiátricos; para clientes com níveis mais altos de absorção, a estimulação da terapia de grupo contribuiu significativamente para reduzir a gravidade dos sintomas no pós-tratamento (Kealy, 2019).

Um artigo publicado por Bowings (2012) mostrou que a compartimentalização terapêutica (que consiste em aprender a colocar

experiências simultâneas em espaços psicológicos separados para ajudar no enfrentamento) e a absorção terapêutica, técnicas que ele descreve poderem ser facilmente aprendidas, podem ser usadas para tratar ansiedade, depressão e outros estados emocionais adversos. Segundo o autor: “as estratégias de dissociação terapêutica se encaixam bem com a mistura eclética da vida real de técnicas usadas pela maioria dos psicoterapeutas, e pode servir como um complemento para outras formas de terapia” (Bowings, 2012).

## **2.4 CONCLUSÃO**

A absorção como traço de personalidade não foi ainda devidamente estudada no Brasil. A busca pela validação do teste TAS se faz necessária para que tenhamos mais instrumentos que possam auxiliar na avaliação de experiências dissociativas e de como o entendimento desse traço da personalidade nos ajudaria a entender / avaliar, ou até mesmo na melhor das hipóteses, prever e atuar em situações clínicas e não clínicas. Estudos já realizados em diferentes áreas, indo da crença e da religião às artes, passando pela tecnologia e pelo luto podem nos ajudar a compreender o quanto os processos psicológicos, como a absorção, podem melhorar o entendimento das dimensões da experiência mística ou de outras experiências consideradas excepcionais no sentido de oferecer uma maior compreensão acerca de seus mecanismos, prevalência e fatores etiológicos. A compreensão de como a absorção interfere / atua no nível cognitivo está ainda em seu início e tem nas experiências descritas neste capítulo situações que nos levam à reflexão de como podemos melhor investigar tal assunto de forma experimental / empírica.

Sendo assim, quando Tellegen nos apresenta seu TAS na esteira da evolução dos estudos sobre hipnotizabilidade e depois absorção de fato, começa a haver uma maior preocupação pela configuração deste traço e sua importância, de como ele pode ser descrito e em que populações tais características demonstram de forma mais ou menos clara possibilidades para que se possa prever a extensão da absorção ou mesmo auxiliar o



desenvolvimento de tal traço: se ele pode ser melhorado através de treino e / ou práticas dirigidas a ele.

Nosso estudo visa, num primeiro momento já que será apresentado via internet aos sujeitos, populações não clínicas, o que pode dar um viés menos patologizante deste traço. Contudo, esperamos associar os dados do teste TAS a outros testes, o que pode auxiliar na avaliação do quanto a população pesquisada apresenta caráter mais ou menos patológico. Não existe, por nosso lado, possibilidade de avaliar populações clínicas o que não nos permite generalizar os dados para tais populações. Esse é um estudo inédito dentro do contexto brasileiro, considerando-se sua validação para a língua portuguesa falada no Brasil. Por isso, o objetivo da tese é contribuir para que mais estudos nesse contexto sejam realizados, de forma que se possa expandir a pesquisa para além do eixo Europa - Estados Unidos. Busca-se contribuir, assim, para a investigação dos aspectos transculturais da absorção e no diagnóstico diferencial entre absorção patológica e não patológica a partir da compreensão de suas manifestações em uma amostra da população. Por ser a absorção um traço de personalidade com potencial importância para o estudo / entendimento das psicoses e transtornos dissociativos e ainda ser relativamente pouco pesquisada, faz-se necessário um estudo mais dirigido, incluindo-se aí populações clínicas.

## 2.5 REFERÊNCIAS

Agarwal, R.; Karahanna, E. (2000). Time flies when you are having fun: Cognitive absorption and beliefs about information technology usage. *MIS quarterly*. Vol. 24, No. 4 (Dec. 2000), pp. 665-694.

Alvarado, C.S. (2013). Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000400006>.

Alvarado, C.S. (2002). Dissociation in Britain during the late nineteenth century: the Society for Psychical Research, 1882-1900. *Journal of Trauma & Dissociation*.

Alvarado, C.S.; Krippner, S. (2010). Nineteenth century pioneers in the study of dissociation: William James and psychical research. *Journal of Consciousness Studies*.

Bastos JR., Vinhosa M. A.V.; Bastos, P.R.H.O.; Osório, I.H.S.; Muass, K.A.R.C.; Iandoli JR., D.; Lucchetti, G. (2016). Frontal electroencephalographic (EEG) activity and mediumship: a comparative study between spiritist mediums and controls. *Arch. Clin. Psychiatry (São Paulo)*, Apr 2016, vol.43, no.2, p.20-26. ISSN 0101-6083.

Becker-Blease, K.A. (2004). Dissociative states through new age and electronic trance music. *Journal of trauma & dissociation*, 2004•Taylor & Francis, 5(2), 89-100.

Bombana, J.A. (2006). Sintomas somáticos inexplicados clinicamente: um campo impreciso entre a psiquiatria e a clínica médica. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*.

Bowings, BE. (2012). Therapeutic dissociation: Compartmentalization and absorption. *Counselling Psychology Quarterly* (Vol. 25, No. 3, September 2012, 307–317).

Braude, S. (1995). First person plural: multiple personality and the philosophy of mind. Rowman & Littlefield Publishers, INC. Lanham, Maryland.

Cardeña, E.; et al. (2009). Possession / Trance Phenomena. Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond. New York: Routledge, p. 171-181.

Cardeña, E., Reijman, S., Wimmelmann, C. L., & Jensen, C. G. (2015). Psychological Health, Trauma, Dissociation, Absorption, and Fantasy Proneness Among Danish Spiritual Practitioners. *Psychology of Consciousness: Theory, Research, and Practice*. APA: Vol. 2, No. 2, (170 –184).

Carlson, E.B.; Putnam, F.W. (1993). An update on the dissociative experiences scale. *Dissociation*, 6(1), 16-27.

Csikszentmihalyi, M. & Csikszentmihalyi, I. (1988). *Optimal experience: Psychological studies of flow in consciousness*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Coelho, C.L.S.; Ávila, L.A. (2007). Controvérsias sobre a somatização. *Rev. Psiquiatria Clínica*, vol.34 no.6.

Cole, S.H. & Hooley, J.M. (2013). Clinical and Personality Correlates of MMO Gaming: Anxiety and Absorption in Problematic Internet Use. *Social science computer review*. Volume: 31 issue: 4, page(s): 424-436.

Coleman, T. J.; Bartlett III., J. E.; Holcombe, J. M.; Swanson, S. B.; Atkinson, A. R.; Silver, C.F.; Hood JR., R. W. (2019). Absorption, Mentalizing, and Mysticism: Sensing the presence of the divine - *Journal for the Cognitive Science of Religion*.

Cordás, T.A.; Seixas, A.; Aratangy, E.W.; Mota, A. (2011). História da Psiquiatria. In: Miguel EC, Gentil V, Gattaz WF, editores. *Clínica Psiquiátrica*. Barueri, SP: Manole; 2011. p.4-21.

Crabtree, A. (2007). Automatism and secondary centers of consciousness, in Kelly EF, Kelly EW, Crabtree A, Gauld A, Grosso M. & Greyson B. (eds.) Irreducible Mind, pp. 301–365, Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

Dalenberg, C. J.; Paulson, K. (2009) - The case for the study of “normal” dissociation processes. In: Dell, P.F. & O’Neil, J.A. (Eds.). Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond. New York: Routledge, p. 145-154.

Dalgalarrondo, P. (2004). Textos de Henry Maudsley. In: Dalgalarrondo, P Sonenreich C, Oda AMGR, organizadores. História da Psicopatologia: textos originais de grandes autores. São Paulo: Lemos Editorial; 2004. p.31-6.

Dewey, J. (1934). A common Faith. New Haven: Yale University Press.

Elkins, D.N.; Hedstrom, L.J.; Hughes, L.L.; Leaf, J.A. and Saunders, C. (1988). Toward a Humanistic-Phenomenological Spirituality: Definition, Description, and Measurement - Journal of Humanistic Psychology.

Freud, S. (1978). O futuro de uma ilusão. In Freud, S. [Autor], Coleção Os Pensadores. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural. (Obra original publicada em 1927).

Freud, S. (1978). O mal-estar na civilização. In Freud, S. [Autor], Coleção Os Pensadores. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural. (Obra original publicada em 1930).

Freud, S. (1980). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In Freud, S. [Autor], Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXIII. Tradução de M. A. M. Rego. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1938).

Gow, K.; Lang, T.; Chant, D. (2004). Fantasy proneness, paranormal beliefs and personality features in out-of-body experiences. Contemporary Hypnosis. Wiley Online Library.

Granqvist, P.; Fransson, M.; Hagekull, B. (2009). Disorganized attachment, absorption, and new age spirituality: a mediational model. Journal Attachment & Human Development.

Granqvist, P.; Hagekull, B.; Ivarsson, T. (2012). Disorganized Attachment Promotes Mystical Experiences via a Propensity for Alterations in Consciousness (Absorption).

Hageman J.H.; Krippner S.; Wickramasekera II, I. (2011). Across Cultural Boundaries: Psychophysiological Responses, Absorption, and Dissociation Comparison Between Brazilian Spiritists and Advanced Meditators. *NeuroQuantology*, 2011.

Hilgard, J.R. (1970). *Personality and hypnosis: a study of imaginative involvement*. Chicago: University of Chicago Press.

Hilgard, E.R. (1986). *Divided consciousness: multiple controls in human thoughts and action*. New York: Wiley-Interscience.

Hyland, M.E. et al (2006). Spirituality predicts outcome independently of expectancy following flower essence self-treatment. *Journal of Psychosomatic Research* 60 (53–58).

Irwin, H. J. (1999). Pathological and nonpathological dissociation: The relevance of childhood trauma. *The Journal of Psychology*, 13(2), 157-164.

James, W. (1958). *The varieties of religious experience*. New York: The New American Library.

Janet, P. (1889 / 2003). *L'automatisme psychologique. Essai de psychologie expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine*. Versão eletrônica (2003) para a coleção "Les classiques des sciences sociales". Québec.

Kate, M.A.; Hopwood, T.; Jamieson G. (2019). The prevalence of Dissociative Disorders and dissociative experiences in college populations: a meta-analysis of 98 studies. *Journal of Trauma & Dissociation*. Available in <https://doi.org/10.1080/15299732.2019.1647915>.

Kamei, H.H. (2010). *Flow: o que é isso? Um estudo psicológico sobre experiências ótimas de fluxo na consciência, sob a perspectiva da psicologia positiva – Tese apresentada no Instituto de Psicologia da USP*.

Kealy, D.; McCloskey, K.D.; Cox, D.W.; Ogradniczuk, J.S.; Joyce, A.S. (2019). Getting absorbed in group therapy: Absorption and cohesion in integrative group treatment. Available in <https://doi.org/10.1002/capr.12226>.

Kehoe, A. & Gilletti, D.H. (1981). Women's preponderance in possession cults: the calcium deficiency hypothesis extended. *American Anthropology*, 83(3), 549-561.

Kimati, M. D. & Santos, J. L. (2006). Dissociação, experiência e narrativa - um estudo de caso. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9(4), 583-597.

Koenig, H. G. (2001). Religion and medicine III: Developing a theoretical model. *International Journal of Psychiatry in Medicine* 31: 199-216.

Larsen, J.K.; Brand, N.; Bermond, B.; Hijman, R. (2003). Cognitive and emotional characteristics of alexithymia: A review of neurobiological studies. *J Psychosom Res.* 54:533–541.

Levin, J.S.; Wickramasekera, I.E. e Hirshberg, C. (1998). Is religiousness a correlate of absorption? Implications for psychophysiology, coping and morbidity. *Alt. Therapies in Health and Medicine.* 4,6, 72-77.

Lewis, I. M. O. (1977). *Êxtase Religioso*. Editora Perspectiva: São Paulo.

Lifshitz, M.; van Elk M.; Luhrmann, T.M. (2019). Absorption and spiritual experience: A review of evidence and potential mechanisms - *Consciousness and Cognition*.

Luhrmann, T.M.; Nusbaum, H.; Thisted, R. (2010). The Absorption Hypothesis: Learning to Hear God in Evangelical Christianity. *American Anthropologist*, 2010 - Wiley Online Library

McCarroll, P.; O'Connor, T.; Meakes, E. (2005). Assessing plurality in spirituality definitions - *Spirituality and health Multidisciplinary* – Wilfrid Laurier University Press.

Main, M.; Goldwyn, R.; Hesse, E. (2003). Adult attachment scoring and classification systems (Unpublished manuscript). University of California, Berkeley.

Maraldi, E. O. (2011). Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas. 454f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Maraldi, E.O. (2014) - Dissociação, crença e identidade: Uma perspectiva psicossocial. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Martínez-Taboas, A. (1999). A case of spirit possession and glossolalia. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 23, 333-348.

Maslow, A.H. (1970). *Religions, values and peak experiences*. New York: Viking.

Näring, G.; Nijenhuis, E.R.S. (2005). Relationships between self-reported potentially traumatizing events, psychoform and somatoform dissociation, and absorption, in two non-clinical populations - *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*.

Negro Junior, P.J.; Palladino-Negro, P.; Louzã, M.R. (1999). Dissociação e transtornos dissociativos: modelos teóricos. *Rev. Bras. Psiquiatria*; Vol.21 n.4.

Pacheco e Silva, A.C. (1950). O espiritismo e as doenças mentais no Brasil. *Separata dos Anais Portugueses de Psiquiatria*. Vol. 2 – Nº 2 – Agosto de 1950. Arquivo Pacheco e Silva do Museu Histórico “Carlos da Silva Lacz” – FMUSP.

Peres, J. F.; Moreira-Almeida, A.; Caixeta, L.; Leao F.; Newberg, A.(2012). Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation. *PloS one*.

Queiroz, G.J.P. (2017). Uma visão psicossocial do papel da música na umbanda e na reorganização das identidades. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Ribeiro, R.N. (2015). (Id)entidades: aspectos psicossociais das variedades da experiência mediúnica. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Richards, D.G. (1991). A study of the correlations between subjective psychic experiences and dissociative experiences. - Dissociation: Progress in the Dissociative Disorders - [psycnet.apa.org](http://psycnet.apa.org).

Rogo, D. S. (1986). Life after death: the case for survival of bodily death. London: Guild Publishing.

Rosen, C.; et al. (2017). Immersion in altered experience: An investigation of the relationship between absorption and psychopathology. *Consciousness and Cognition* Volume 49, March 2017, Pages 215-226

Ross, C. A. (1989). Multiple Personality Disorder: diagnosis, clinical features and treatment. New York: John Willey and Sons.

Ross, C.A. & Joshi, S. (1992). Paranormal experiences in the general population. *Journal of Nervous and Mental Disease* - [psycnet.apa.org](http://psycnet.apa.org).

Seixas, A.A.A. (2012). Instituto de Psiquiatria – FMUSP: O contexto histórico social em São Paulo entre as décadas de 1920 a 1950 para recepção da psiquiatria como um saber médico. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

Seligman, R. (2005). Distress, dissociation and embodied experience: reconsidering the pathways to mediumship and mental health. *Ethos*, 33 (1), 71-99.

Sheldon, K. M., Prentice, M., & Halusic, M. (2014). *The Experiential Incompatibility of Mindfulness and Flow Absorption. Social Psychological and Personality Science*, 6(3), 276–283. doi:10.1177/1948550614555028.

Sheridan, L.; Maltby, J.; Gillett, R. (2006). Pathological public figure preoccupation: Its relationship with dissociation and absorption. *Personality and Individual Differences* – Elsevier.



Shor, R. E. (1959). Hypnosis and the concept of the generalized reality-orientation. *American Journal of Psychotherapy*, 13(3), 582–602.

Silva Filho, P.A. (2018). A construção do conceito de dissociação e sua relevância para a psicologia. *Dissertação (Mestrado)*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Simeon, D.; Giesbrecht, T.; Knutelska, M.; Smith, R.J.; Smith, L.M. (2009). Alexithymia, Absorption, and Cognitive Failures in Depersonalization Disorder: A Comparison to Posttraumatic Stress Disorder and Healthy Volunteers. *The Journal of Nervous and Mental Disease: July - Volume 197 - Issue 7 - p 492-498*.

Skidmore, T.E. (1989). *Preto no branco: razão e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1989.

Snodgrass, J.G.; Lacy, M.G.; Dengah, H.J.F.; Fagan, J. (2011). *Magical Flight and Monstrous Stress: Technologies of Absorption and Mental Wellness in Azeroth. Culture, Medicine, and Psychiatry*

Stolovy, T.; Rachel Lev-Wiesel, R.; Witztum, E. (2015). Dissociation: Adjustment or Distress? Dissociative Phenomena, Absorption and Quality of Life Among Israeli Women Who Practice Channeling Compared to Women with Similar Traumatic History. *Journal of religion and health*.

Tellegen, A.; Atkinson, G. (1974) - Openness to absorbing and self-altering experiences ("absorption"), a trait related to hypnotic susceptibility. *Journal of Abnormal Psychology*, Vol 83(3), page 268-277.

Thomson, P.; et. al. (2009). Generators and interpreters in a perform arts population: dissociation, trauma, fantasy proneness and affective states. *Creativity Research Journal*.

Thomson, P. & Jaque, S. V. (2012). Dissociation and the Adult Attachment Interview in artists and performing artists. *Attachment & Human Development*. Volume 14 - Issue 2.

Thomson, P. & Jaque, S.V. (2014). Unresolved mourning, supernatural beliefs and dissociation: a mediation analysis. *Attachment & human development*.

Trindade H. (2007). O positivismo: teoria e prática. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2007.

Tobacyk, J.J. (1995). What is the correct dimensionality of paranormal beliefs? A reply to Lawrence's critique of the Paranormal Belief Scale. *The Journal of Parapsychology* - go.galegroup.com.

Weitzenhoffer, A. M.; Hilgard, E. R. (1959). Stanford hypnotic susceptibility scale, forms A and B. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.

Wilson, S.C.; Barber, T.X. (1983). The fantasy-prone personality: implications for understanding imagery, hypnosis and parapsychological phenomena. In: Sheikh, A. A. (Ed.). *Imagery: current theory, research and application*. New York: John Wiley and Sons, page 340-390.

Wirth, W.; Hofer, M.; Schramm, H. (2012). The role of emotional involvement and trait absorption in the formation of spatial presence *Media Psychology*. Taylor & Francis, page 19-43.

Yee, N. (2006). The Demographics, Motivations, and Derived Experiences of Users of Massively Multi-User Online Graphical Environments. *Presence: Teleoperators and Virtual Environments*, 15(3), 309–329. doi:10.1162/pres.15.3.309.

Zangari, W. (2003). *Incorporando Papéis: Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação de médiuns de Umbanda*. 350 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

### **CAPÍTULO 3 – EXPERIÊNCIAS DE ABSORÇÃO E SEUS CORRELATOS EM UMA AMOSTRA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA E RESULTADOS**

Sempre que se pensa na busca de um instrumento para a mensuração de singularidades na área da psicologia, tal instrumento, muitas vezes, só pode ser encontrado na língua inglesa ou outra língua que não seja o português. Normalmente os testes e escalas utilizadas no Brasil tem origem em outros países / culturas e possuem conceitos, formatos que estão presentes nesses países. É de vital importância, seja para o cuidado com o paciente no dia a dia, seja para o estudo de populações clínicas e não clínicas, que as escalas tenham medidas válidas, sejam confiáveis e sejam culturalmente equivalentes de forma a realizarem suas tarefas levando em conta e, quando necessário, equilibrando / compensando as diferenças culturais. Sendo assim, faz-se necessário traduzir e adaptar tais testes para a língua portuguesa / brasileira, considerando sempre a necessidade de que o instrumento não esteja apenas bem traduzido e adaptado, mas também considerando as particularidades e diferenças culturais do teste, avaliando ao final se tal tradução alcançou a adaptação cultural e equivalência semântica (Borsa, 2012).

Dentro de todo o processo de tradução, validação e adaptação de um instrumento psicométrico, busca-se incessantemente pela maior expressão da realidade linguística, conceitual e sua compreensão por parte da população que é pesquisada / inquirida e o momento histórico em que o instrumento é utilizado, de forma que suas características culturais sejam preservadas e passíveis de serem entendidas / interpretadas (Machado, 2009).

A validação semântica do TAS deu-se através de processo descrito abaixo nos itens seguintes. Tal processo, iniciado com a tradução do teste, foi realizado em diversas fases e diferentes níveis de complexidade, passando em seguida por grupos de avaliadores e juizes, até chegar a uma versão satisfatória de equivalência semântica, idiomática e cultural, objetivada por nosso estudo.

### **3.1 TRADUÇÃO DO INSTRUMENTO ORIGINAL PARA A LÍNGUA DA POPULAÇÃO ALVO**

Inicialmente, a tradução foi realizada por dois brasileiros, falantes de português como língua materna e fluentes na utilização da língua inglesa. Um deles era conhecedor profundo do vocabulário típico utilizado na área na qual o teste seria aplicado. O outro, um tradutor de textos comerciais e literários, com formação na área de psicologia, porém sem familiaridade com os termos da escala em questão. Considera-se importante que haja tal diferença na tradução, já que um tradutor privilegia o entendimento técnico enquanto o outro busca a extensão da compreensão cultural do instrumento em si e suas possibilidades linguísticas e interpretativas.

### **3.2 SÍNTESE DA TRADUÇÃO**

Terminada a fase da produção das duas traduções pelos dois primeiros tradutores, estes encaminharam suas versões a um terceiro tradutor, este também psicólogo, com conhecimentos de testes psicométricos e língua inglesa, chegou então a uma versão final e síntese das traduções realizadas. Após a realização desta parte, tal versão foi então encaminhada para a fase seguinte.

### **3.3 TRADUÇÃO À LÍNGUA ORIGINAL (RETROTRADUÇÃO)**

A versão da síntese (anterior) foi encaminhada para uma retrotradução, agora para a língua original do teste, o inglês. Nesta fase, o tradutor convidado foi um acadêmico falante nativo de língua inglesa e conhecedor da língua portuguesa e dos termos técnicos utilizados na escala, tanto em português quanto em inglês. Após tal retro tradução, foi realizada uma comparação a fim de comparar o instrumento original e sua versão pós-retro tradução. Nesse ponto, buscou-se esclarecer e compreender as palavras e frases que foram utilizadas nas versões finais e então, feitos os ajustes necessários para alcançar

uma maior equivalência. Finalizada tal fase, encaminhou-se ainda uma apresentação a um grupo de cientistas (Comitê de Juízes) que, através de participação na pesquisa (participavam enquanto avaliavam) e do preenchimento de uma coluna (coluna 3) relatando dificuldades de compreensão ou sugestões, avaliou a versão final da tradução do teste TAS.

### **3.4 COMITÊ DE JUÍZES**

Foram convidados, juízes com conhecimento de língua inglesa e familiaridade de termos utilizados dentro do universo dos testes psicológicos, sendo alguns dos juízes também tradutores e adaptadores de testes para a realidade brasileira, com expertise na área de psicometria. Foi-lhes apresentada a versão original na língua inglesa e a versão final depois de realizada a retro tradução. Os juízes deveriam verificar a clareza, a sintaxe e a compreensão das questões propostas e se necessário, proporem uma adequação às mesmas. Deveriam ser consideradas se a questões: 1) “estavam bem escritas”, 2) “estavam claras em seu sentido”, 3) ” estavam compreensíveis para a amostra de respondentes”, 4) ” estavam adequadas à cultura brasileira” e se 5) ” eram boas e adequadas para coletar as informações / dados pretendidos”. Receberam os juízes uma tabela com três colunas: na coluna 1 se apresentava a versão original do teste, na coluna 2 a versão pós-retro tradução e na coluna 3 se pedia que os juízes anotassem, quando necessárias, as sugestões / correções / observações realizadas para o item apresentado. Acataram-se pequenos ajustes apontados pelos juízes de expressões, chegando-se à versão final do questionário, porém nenhuma modificação substancial foi apontada ou fez-se necessária. Também não foi apontado pelos juízes nenhuma grande dificuldade para o entendimento e preenchimento do TAS.

Conforme mencionado anteriormente, os juízes também participaram da pesquisa como respondentes, lendo as perguntas e anotando suas respostas, consistindo também como nossa primeira amostra para o pré-teste. Como especialistas, conhecedores tanto de psicologia / testes psicométricos, quanto de língua inglesa, consideramos seus apontamentos e respostas como um sinal

de que o teste estava compreensível, não apresentava problemas de entendimento ou para preenchimento e era sensível o suficiente para captar as informações à que se propunha.

Após a validação semântica do TAS, a pesquisa completa foi encaminhada para a próxima fase, a coleta de dados, descrita nos itens a seguir.

### **3.5 VERSÃO PRELIMINAR**

Pensávamos inicialmente que a versão apresentada ao comitê de juízes tinha uma possibilidade de ser modificada, já que essa era a intenção em se tratando de buscar o melhor entendimento para o teste em questão. Tendo o comitê de juízes participado da pesquisa e trabalhado nas questões do TAS (de forma simultânea), e não tendo o mesmo comitê feito recomendações de mudanças significativas no questionário TAS apresentado a eles, entendemos que tínhamos ali uma versão já pronta para ser utilizada e decidimos então dar prosseguimento ao estudo, quando foi iniciada e realizada então a coleta de dados.

## 3.6 RESULTADOS

### 3.6.1 CONFIABILIDADE E ANÁLISE FATORIAL

A consistência interna do teste de absorção investigado foi verificada através do Alpha de Cronbach, que apresentou alto grau de confiabilidade (0,95), mesmo valor encontrado para o Ômega. A distribuição da amostra tende para uma distribuição normal, conforme nos mostra o teste de Kolmogorov-Smirnov,  $p = .838$  (média = 3.1; DP = 0.83).

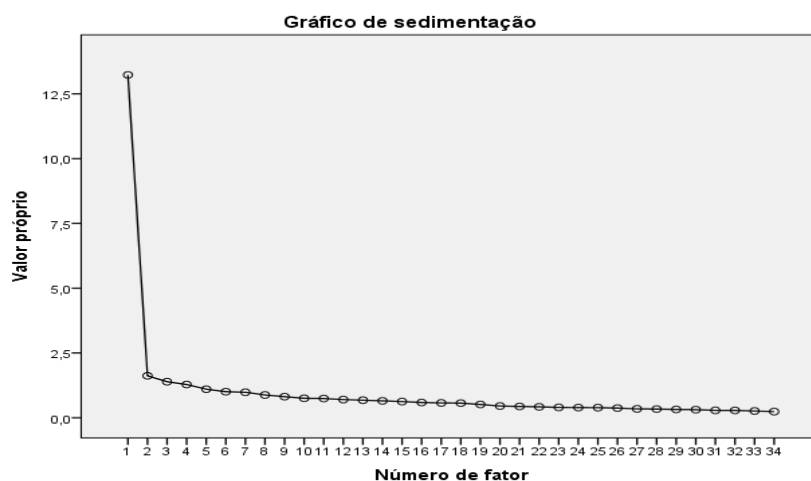
Iniciamos a análise fatorial realizando o teste de KMO (0,95) e o teste de esfericidade de Bartlett ( $p < .001$ ), que demonstraram que os dados estavam aptos para a realização da análise fatorial, como se pode ver no gráfico 1.

Após realizarmos a Análise Fatorial, concluiu-se por uma solução unifatorial a partir dos dados. Rodou-se uma análise fatorial com método de extração por fatoraçoão do eixo principal e método de rotaçoão Oblimin com normalizaçoão de Kaiser, por esperarmos uma inter-relaçoão entre os fatores, apontando na direçoão da variável absorçoão. Foram consideradas na análise cargas fatoriais maiores que .30. Seis fatores emergiram apresentando *eigenvalues*<sup>1</sup> maiores que 1. Porém, ao analisarmos a matriz de fatores e a matriz de padrõo, as cargas fatoriais se concentraram muito mais no primeiro fator. Nos demais fatores, as cargas eram baixas e não apresentavam suficiente consistência com fatores encontrados na literatura ou com a base teórica revisada na introduçoão. Essa soluçoão foi também reforçada pelos achados do gráfico de sedimentaçoão, que sugeriram uma diferença muito grande entre o primeiro fator e os demais, conforme abaixo. Assim, demos primazia ao escore total nas análises subsequentes.

---

<sup>1</sup> O *eigenvalue* é uma medida do quanto de variância das variáveis observadas (como nos itens de uma escala) é explicada pelo fator. Se um fator tem uma *eigenvalue*  $\geq 1$ , o fator explica mais variância do que uma variável observada.)

## GRÁFICO 1. Sedimentação para os dados da escala TAS.



### 3.6.2 DADOS DEMOGRÁFICOS

#### RESPONDENTES POR SEXO E IDADE

Dos 486 sujeitos que participaram em nossa pesquisa, podemos ver que há um maior número de mulheres respondentes, compreendendo mais de dois terços da amostra (tabela 1). Em relação à absorção, observou-se que as mulheres pontuaram significativamente acima dos homens, conforme médias na tabela 2,  $t(362.51) = 3.03, p = .003$ .

TABELA 1. Respondentes por sexo

Sexo	Frequência
feminino	311
masculino	174
intersexo	1
<b>Total</b>	<b>486</b>



**TABELA 2. Média de absorção por sexo**

	<b>Sexo</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
<b>Média Absorção</b>	feminino	311	3,1884	.82741
	masculino	174	2,9530	.81560

No quesito idade, nossa amostra possui média de 42,14 anos (DP = 13), com idades variando entre 18 e 81 anos. Não houve correlação estatisticamente significativa entre absorção e idade ( $r = -.007$ ,  $p = .882$ ). Na tabela acima não consideramos a frequência de intersexo (conforme tabela 1) devido ao pequeno número encontrado (1 respondente), o que representa apenas 0,2% da amostra.

### 3.6.3 RESPONDENTES POR REGIÃO

Conforme resultados do teste ANOVA, não houve diferença no nível de absorção entre participantes de diferentes regiões do Brasil,  $F(5, 480) = 1,42$ ,  $p = 0,22$ .

Do total de sujeitos da pesquisa, a região sudeste teve 341 participantes (70,2%), a região sul teve 59 (12,1%) e a região nordeste com 8,2%. O número de participantes por região pode ser conferido no quadro abaixo:

**TABELA 3. Respondentes por região**

<b>Regiões</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sudeste	341	70,2
Sul	59	12,1
Centro-Oeste	20	4,1
Nordeste	40	8,2
Norte	22	4,5
Exterior	4	0,8
<b>Total</b>	<b>486</b>	<b>100</b>

### 3.6.4 ESCOLARIDADE

Nossa amostra possui um alto grau de escolaridade: mais de 73% apresentam escolaridade acima de graduação completa (que vai de mestrandos a doutores, sendo que só a categoria de faculdade completa chega a 51,9%), passando por mestrado (cursando e completo), chegando até doutorado (cursando e completo) conforme podemos ver na tabela abaixo. Não foi encontrada correlação entre absorção e nível de escolaridade ( $r = -.06$ ;  $p = .20$ ).

**TABELA 4. Nível de Escolaridade dos respondentes**

Nível de Escolaridade	Frequência	%
Ensino fundamental incompleto	1	0,2
Ensino fundamental completo	1	0,2
Ensino médio incompleto	9	1,9
Ensino médio completo	47	9,7
Faculdade (cursando)	73	15,0
Faculdade completa	252	51,9
Mestrado(cursando)	15	3,1
Mestrado completo	42	8,6
Doutorado (cursando)	17	3,5
Doutorado completo	29	6,0
<b>Total</b>	<b>486</b>	<b>100,0</b>

### 3.6.5 RENDA MENSAL

No quesito renda mensal, nossa amostra apresenta, em sua maioria, um alto padrão de rendimento mensal, com 22% relatando uma renda mensal de mais de 3 salários mínimos (SM), sendo que entre 9 e mais de 12 SM, o percentual de sujeitos é de mais de 32%, como nos mostra a tabela abaixo. Também não foi encontrada correlação entre absorção e rendimento mensal ( $r = -.001$ ;  $p = .84$ ).

**TABELA 5. Renda mensal dos respondentes**

Renda Mensal	Frequência	%
Nenhuma renda	15	3,1
Até 1 SM	18	3,7
De 1 a 3 SM	113	23,3
De 3 a 6 SM	107	22,0
De 6 a 9 SM	74	15,2
De 9 a 12 SM	67	13,8
Mais de 12 SM	92	18,9
<b>Total</b>	<b>486</b>	<b>100,0</b>

### 3.6.6 CRENÇAS, PRÁTICAS E FREQUÊNCIAS A TEMPLOS / ESPAÇOS RELIGIOSOS

A maior parte dos respondentes de nosso estudo apresenta-se como sendo ateu / agnóstico (24,7%), ainda com grande número de espíritas (23,4%), católicos (17,2%) e protestantes (6,2%). Os multi religiosos (11,9%) também aparecem com um número expressivo dentro da amostra, conforme tabela abaixo:

**TABELA 6. Crenças dos respondentes**

Religião	Frequência	%
Ateu Agnóstico	120	24,7
Católico(a)	84	17,2
Espírita	114	23,4
Protestante	30	6,2
Multi Religioso	58	11,9
Outros	80	16,5
<b>Total</b>	<b>486</b>	<b>100</b>

Comparamos, através do teste de ANOVA, as diferentes afiliações religiosas e sua relação com a absorção. Por meio dele e do teste post-hoc de

Bonferroni, verificou-se não haver diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de religiosos.

Conforme resultados do teste de ANOVA, não houve diferença significativa entre os grupos ( $F(5, 480) = 1,52; p = .18$ ).

No quadro abaixo podemos observar que alguns aspectos da religiosidade, tais como a prática de meditação / contemplação ( $r = .30, p < .001$ ) e importância da filosofia / religião na perspectiva de vida ( $r = .20, p < .001$ ), correlacionaram com a absorção (ambas com correlação de Pearson de moderada a fraca magnitude). Os outros aspectos, tais como ir à igreja ( $r = -.01$ ), leitura de livro sagrado ( $r = .09$ ), orar ( $r = .10$ ) ou frequentar cultos religiosos ( $r = -.02$ ) não apresentaram correlação (todos com  $p > .01$ ).

**TABELA 7. Correlação entre variáveis**

	1	2	3	4	5	6	7
<b>1.Média Absorção</b>	-	,304**	-,010	,091*	-,029	,105*	-,189**

2.Praticar Medit. Contemplação; 3. Freq. Espaço Religioso; 4. Leitura Relig. Livro Sagrado; 5. Freq. Culto Religioso; 6. Faço Orações; 7. Importância Fil. Religiosa na perspectiva de vida

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Verificamos ainda, a correlação entre absorção e outras práticas religiosas, onde a absorção foi de moderada a fraca ( $r = .30, p < .001$ ).

### 3.6.7 PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DE VIDA

Nossos sujeitos também responderam sobre a importância da filosofia, religião ou perspectiva de vida adotada por eles: mais de 76% disseram ser muito importante; ainda, consideram possuir um lado espiritual independente de religiões 36% ou tem um lado espiritual tentando integrar visões de diferentes religiões 34,6%. Os dois últimos itens juntos, correspondem a mais de 70% dos respondentes.

Conforme resultados do teste de ANOVA, houve correlação estatisticamente significativa entre absorção e perspectivas filosóficas de vida  $F(5, 480) = 7.69$  e  $p < .001$ . O teste indica, em linhas gerais, que pessoas que afirmaram que "A vida não tem sentido definido. As coisas acontecem por acaso" tendem a pontuar mais baixo em absorção ( $M = 2.81$ ) comparativamente a aqueles que afirmam possuir um lado espiritual que tenta integrar diferentes religiões ou filosofias [ $M = 3.30$ ,  $p = .005$ ].

Os dados também indicam que pessoas que acabaram não escolhendo uma alternativa dentre as opções de filosofia de vida propostas ( $M = 2,59$ ) pontuaram significativamente abaixo tanto daqueles que afirmam possuir um lado espiritual independente de religiões ( $M = 3.16$ ,  $p = .001$ ) quanto dos que buscam integrar diferentes visões religiosas ou filosóficas ( $p < .001$ ).

**TABELA 8. Perspectivas filosóficas de vida dos respondentes**

	N	Média	Desvio padrão
Possuo um lado espiritual independente de religiões ou filosofias de vida.	176	3,16	,81208
Possuo um lado espiritual que tenta integrar as visões de diferentes religiões e filosofias.	167	3,30	,82059
Eu não tenho certeza ainda do meu posicionamento, mas me considero alguém em busca de uma filosofia de vida.	43	3,02	,64539
Não tenho certeza sobre a minha perspectiva da vida, e não estou disposto buscar explicações.	12	2,66	,82821
A vida não possui sentido definido. As coisas acontecem por acaso.	45	2,81	,73763
Nenhuma das anteriores.	43	2,59	,88236
Total	486	3,10	,82934

### 3.6.8 ESCALAS DE RELIGIOSIDADE

Duas sub-escalas da Durel se relacionaram com a absorção: a Religiosidade Intrínseca ( $r = .18$ ,  $r < .001$ ) e a Religiosidade Não Organizacional

( $r = .20$ ,  $r < .001$ ). A Centralidade Religiosa também se correlacionou com a absorção: ( $r = .22$ ,  $r < .001$ ), todas elas correlações de moderadas a fracas. Quem tem alta religiosidade tem maior absorção, já que a Centralidade Religiosa, a Religiosidade Não Organizacional e a Religiosidade Intrínseca se correlacionaram com a absorção, todas de modo positivo. Conforme resultado no teste de ANOVA para Centralidade Religiosa  $F(2,483) = 12.71$  e  $p < .001$ , houve diferença significativa apenas dos indivíduos com alta religiosidade em relação a aqueles com média ou baixa religiosidade. Sujeitos com alta religiosidade pontuaram mais em absorção. Não houve diferença significativa entre os de média religiosidade em relação aos de baixa religiosidade ou vice-versa. Veja na tabela abaixo:

**TABELA 9. Correlação com as escalas de religiosidade**

	1	2	3	4	5
<b>1.Média Absorção</b>	-	,225**	-0,028	,195**	,177**

2. Centralidade Religiosa; 3. Durel Religiosidade Organizacional; 4. Durel Religiosidade Não Organizacional; 5. Durel Religiosidade Intrínseca

\*\* A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

### 3.6.9 ATIVIDADES DE FOCO E CONCENTRAÇÃO

Nas atividades de foco e concentração, encontramos correlação de Pearson de moderada a fraca em atividades como foco em tv / celular / computador (filmes, shows, jogos) ( $r = .18$ ,  $p < .001$ ), exposição de arte ( $r = .27$ ,  $p < .001$ ), envolvimento com um filme (como se estivesse participando do mesmo) ( $r = .27$ ,  $p < .001$ ), envolvimento com música ( $r = .36$ ,  $p < .001$ ) e outra atividade que seja exercida e requeira foco  $r = .27$ ,  $p < .001$ ). Os dados podem ser vistos na tabela 10 a seguir:

**TABELA 10. Correlação com atividades de foco e atenção**

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
<b>1.Média Absorção</b>	-	-,083	,170**	,206**	,271**	,068	,117*	,271**	,362**	,144**	,270**

2. Tempo de tv por dia; 3. Foco em tv, cel, des; 4. Gosto de exposição de arte; 5. Exposição de arte não percebo; 6. Gosto de filmes; 7. Mais de 4h de filme diário; 8. Participando em filme; 9. Totalmente envolvido na música; 10. Não percebo trabalhando; 11. Ao realizar atividade não percebe o entorno.

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

### 3.6.10 ABSORÇÃO E DISSOCIAÇÃO

Realizamos a correlação entre a média da absorção e a média de dissociação encontrada no teste DES, média do DES ( $r=.58$ ,  $p<.001$ ), e separadamente entre os itens relacionados à absorção ( $r = .60$ ,  $p<.001$ ) e amnésia dissociativa ( $r = .41$ ,  $p<.001$ ) e despersonalização ( $r=.53$ ,  $p<.001$ ) do mesmo teste. Em todos os itens, foram encontradas correlações significativas e moderadas, conforme o quadro abaixo:

**TABELA 11. Correlação com DES e suas Subescalas**

	1	2	3	4	5
<b>1.Média Absorção</b>	-	,576**	,598**	,536**	,414**

2.Média DES; 3. DES Absorção; 4. DES Despersonalização; 5. DES Amnésia .

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

### 3.6.11 QUESTÕES DE ABSORÇÃO – MAIOR E MENOR PREVALÊNCIA DE RESPOSTAS NO TAS

**TABELA 12. Maior prevalência de respostas**

Questão	Média	Desvio padrão	Questões de absorção
20	3,81	1,15	Coisas que não parecem significativas para outras pessoas frequentemente fazem sentido para mim
32	3,68	1,29	Às vezes pensamentos e imagens me aparecem sem o menor esforço da minha parte
34	3,67	1,37	Posso ficar profundamente comovido com o pôr do sol
11	3,66	1,16	Em dados momentos, posso perceber as coisas de modo mais intenso ou vívido
2	3,64	1,18	Posso ficar profundamente comovido por uma linguagem poética ou eloquente

Podemos ver que, entre os 34 itens, as questões acima (20, 32,34,11 e 2) foram as que mais pontuaram, mostrando que essas características são mais frequentes na amostra estudada. A questão 20 aborda o interesse nas escolhas realizadas pela própria individualidade / subjetividade; a questão 32 aborda imagens, pensamentos e imaginação que parecem acontecer de forma natural ou sem esforço; a questão 34 aborda o isolamento, a sensibilidade emocional e a subjetividade diante da natureza; a questão 11 aborda a possibilidade do aumento de intensidade de percepção e ainda, a questão 2, uma noção de sensibilidade altamente tocante e ativa.

**TABELA 13. Menor prevalência de respostas**

Questão	Média	Desvio padrão	Questões de absorção
33	2,61	1,47	Acho que diferentes cheiros têm cores diferentes
27	2,50	1,40	Algumas músicas me lembram de figuras ou cores que vão se modificando
21	2,48	1,51	Enquanto atuo em uma peça, acho que posso sentir realmente as emoções do personagem e “me tornar” ele/ela naquele momento, esquecendo-me completamente de mim mesmo e da plateia
10	2,43	1,41	Texturas – tais como lã, areia, madeira – às vezes me fazem lembrar de cores ou músicas
13	2,26	1,28	Se eu quisesse, posso imaginar que meu corpo está tão pesado que eu não poderia move-lo, mesmo se quisesse



Entre os 34 itens, os que menos pontuaram foram as questões 33, 27, 21, 10 e 13. A questão 33 falando sobre a sinestesia das cores; na questão 27, ainda a sinestesia, com músicas associadas a cores ou a movimentos de formas; a questão 21 perguntando o quanto pode-se esquecer de si mesmo ao interpretar um personagem; a questão 10 associando texturas a cores ou músicas e a questão 13, quando a imaginação pode até mesmo deixar um corpo imóvel numa sensação imaginada de peso, a ponto de não poder mover o próprio corpo.

### 3.7 DISCUSSÃO

A absorção é um traço que está presente na personalidade e dela se pode entender que as diferentes motivações em torno das vivências (anteriores e atuais) e situações de envolvimento com atividades resultam em maior ou menor grau de absorção, ou, o quanto o sujeito pode estar absorvido. Sendo a absorção, a capacidade de envolver-se com determinada situação e também a forma como nos relacionamos com ela, entendemos que ela pode, de certa forma, ser treinada, melhorada, aprofundada e até desenvolvida através de prática ou treino constante. Sabemos, que conforme a capacidade de imaginar e se entregar as imagens da própria imaginação – incluindo-se aí o mundo dos sentidos mais profundos e internos ou ainda, de sentidos mais sensuais ou externos, mas, focando numa imagem ou objeto mental - existe uma maior probabilidade e capacidade de envolvimento com outras experiências, sejam, por exemplo, ao participar de uma oração, reza, ritual religioso, de uma experiência terapêutica, de um jogo de videogame ou mesmo assistindo um filme ou conteúdo qualquer no computador ou no celular. A absorção pode ser entendida como a forma que a atenção está colocada sobre determinada experiência ou objeto e o quanto outros eventos que poderiam ser entendidos ou vividos de forma a tirar ou distrair o foco, conseguem ou não fazê-lo e, como a realidade pode ser enriquecida se você se envolve, é levado ou se deixa levar, se absorve ou é absorvido. Quer dizer, quanto mais receptivo e absorvido, maior a sensação de que se experiencia a realidade.

Sabemos que o estudo da absorção, nos pode ser de grande ajuda no entendimento dos estados dissociativos, sejam eles considerados patológicos ou não. Em nosso estudo, com relação a dissociação, conforme enumeramos em nossas hipóteses, encontramos uma correlação forte entre absorção e a escala de experiências dissociativas (DES). Isso se deu tanto com o escore total da escala quanto separadamente com os itens de absorção, amnésia dissociativa e despersonalização. Tal resultado é interessante porque, como a escala de experiências dissociativas faz a avaliação e mensuração da absorção, podemos entender que esse dado é como uma confirmação, um dado de validade convergente para a TAS. Uma das escalas, aquela que mede a

absorção em alguns de seus itens no DES, ou, podemos também dizer, em uma de suas subescalas, se correlaciona com a escala Tellegen; tal correlação forte, funciona como sendo um reconhecimento da validade para a TAS, considerando-se que a DES já é uma escala validada, adaptada e consolidada. Uma vez que a TAS se correlacionou com diferentes fatores com a DES para além da subescala de absorção, somos levados a pensar o quanto a absorção e a dissociação são coisas muito vinculadas, tanto é que as correlações que foram obtidas para a escala de experiências dissociativas foram as maiores do estudo. De todas as variáveis com as quais a absorção poderia se relacionar, ela se relacionou muito mais com a dissociação. Esse é um vínculo que extrapola apenas itens específicos de absorção. Pensando naquela discussão que existe na literatura, se a absorção tem a ver com dissociação ou não, se elas são coisas distintas ou não (Dalenberg & Paulson – 2009), em nosso estudo os dados parecem mostrar que são coisas muito próximas, demonstrando que, realmente, a absorção e a dissociação são coisas vinculadas, enfatizando que a absorção (TAS) se relaciona tanto com os itens específicos de absorção do DES quanto com as outras subescalas do teste de experiências dissociativas. Discutimos em capítulos anteriores que as diferenças culturais, muitas vezes, podem funcionar como um fator de confusão no entendimento dos sintomas patológicos ou mesmo na definição conceitual da própria patologia. Vê-se, em situações como distúrbios dissociativos, que a situação pode ser erroneamente compreendida como patologia (muitas vezes por questões culturais) e levar a insucessos de tratamento ou mesmo ao aumento do sofrimento por aqueles que vivem tal situação. Ainda, em nossas hipóteses, acreditávamos, por influência até mesmo de fatores sociais, culturais e outros fatores ligados e mencionados anteriormente, que as mulheres pontuariam mais em absorção do que os homens, já que elas tendem a pontuar mais do que eles em escalas que medem dissociação (Irwin, 1999), e o que era esperado, conforme encontrado na literatura, se confirmou em nossos dados.

De modo geral, os dados parecem mostrar que a absorção está mais vinculada a aspectos mais subjetivos da religiosidade. Contudo, ela se relaciona também com aspectos comportamentais, como a contemplação e a prática de meditação, assim como no estudo de Davidson sobre o assunto (Davidson,

Goleman e Schwartz - 1976), que demonstra que a prática meditativa pode aumentar os níveis de absorção. A absorção, ainda assim, diferentemente do que havíamos aventado em nossas hipóteses, não se relaciona com ir à igreja, leitura de livro sagrado e o ato de orar. No caso de nosso estudo, parece estar mais vinculada ou a práticas que mais diretamente possam produzir ou promover modificação de consciência: estados diferentes / específicos de consciência, como é o caso da meditação / contemplação ou a outros aspectos mais subjetivos da religiosidade, como a importância da religiosidade ou da filosofia e / ou da religião na perspectiva de vida (nesse caso, a correlação é pequena, mas significativa). Considerando-se esses pontos, esse último pode ser uma variável interessante para se pensar a relação com essas dimensões mais subjetivas. A meditação exige um trabalho com a respiração, há uma busca de uma postura física, um certo posicionamento e, porque não dizer, algum esforço e certa concentração, sendo uma prática que tem maior potencialidade (como nas meditações mais corporais ou nos diferentes tipos de yoga, por exemplo) e que pode promover a absorção de uma forma diferente do que uma oração faria ou, por que não dizer, exigiria. Podemos comparar, por exemplo, que, ao rezar o Pai Nosso duas ou três vezes, uma oração que a pessoa conhece, já sabe as palavras ou a sequência do texto, não necessariamente isso envolveria uma determinada postura ou mesmo atitude corporal; ou ainda, uma exigência de concentração maior ou mais profunda. Nossos dados nos fazem pensar que talvez sejam atividades mais específicas, mais elaboradas e com maior nível de atenção na realização da tarefa em si, seja ela qual for, que na sua condução, exijam mais de quem as pratica, que podem conduzir a uma maior possibilidade de absorção ou nível de aprofundamento desta. Os resultados de nosso estudo nos fazem pensar que o treinamento especificamente dirigido ao autoconhecimento ou à autocura (como pode ser entendido no caso da meditação) estavam mais claramente conectados à essa concentração mais específica, já que esses se relacionaram com a absorção.

Pudemos ver relatos de envolvimento profundo com atividades cotidianas, onde os sujeitos reportaram que tal situação se dava ao assistir televisão, ficar ao computador ou celular, realizar leitura, praticar meditação, ouvir música e na apreciação das artes plásticas. Sabemos que o mundo de hoje nos exige

concentração e foco, considerando toda a importância e alcance que a tecnologia (que muitas vezes demanda essa atenção dirigida) tem em nossa vida cotidiana. Só de andar pelas ruas, constatamos muitas vezes que as pessoas que estão se movimentando pelos espaços públicos, não estão olhando necessariamente para a calçada que estão cruzando, para a rua que estão atravessando ou mesmo para o trânsito no qual tomam parte (muitas vezes de forma desatenta até mesmo como motoristas) mas, para as telas de seus celulares, onde parecem absorvidas de maneira diversa e voluntária às situações encontradas nos áudios e vídeos de seus computadores e smartphones, numa capacidade de estar imerso no mundo dos sentidos (sejam eles de origem interna ou externa), o que nos mostra que a linha que separa o que está dentro do que está fora do sujeito, levando-se em conta o traço de absorção, parece pouco definida. Muitas dessas atividades realizadas (algumas delas, cotidianamente) pelas pessoas e descritas no início desse parágrafo, podem tanto servir para aumentar a atenção ao que esteja sendo visto e / ou ouvido (ou ainda, com participação de outros sentidos) quanto, quando utilizada para tais fins, para treinamento e desenvolvimento de aumento de foco, ou conforme o desejo ou necessidade, para que o mesmo seja mantido de forma mais constante. Aqui podemos pontuar que, em todas as atividades descritas, pouco se conhece ou se fala sobre a dissociação (ou do nível que ela pode atingir ao se realizar tais tarefas) e de que, talvez, a mesma possa ocorrer como um subproduto de um esforço no momento em que a consciência está dirigida, ainda que de forma involuntária devido ao envolvimento com algum objeto ou situação, para um determinado esforço por conta de um interesse, ou ainda, quando se busca aumentar a capacidade de foco. Como tais situações e processos se desenvolvem e acontecem, continua sendo para nós pouco conhecido, nos indicando que é preciso caminhar com mais estudos para melhor entendimento.

Os dados de nosso estudo podem ser relacionados com o envolvimento em atividades (de concentração) com televisão, celular, computador e também, no caso de uma exposição de arte. Entendemos que a exposição de arte tem um valor até maior do que algumas variáveis de religiosidade, já que numa situação como essa não se apresenta qualquer exigência específica, regra, dogma, prática ou técnica especialmente indicada a ser seguida ou sequer

objetivo a ser alcançado, mas, apenas um (bastante) relativo deleite ou apreciação, todos de caráter subjetivo e pessoal. Envolvimento com filme e com música ( $r = .36$ ) resultaram numa relação até maior do que algumas variáveis de religiosidade; talvez a questão nem seja só a religiosidade em si, mas, atividades religiosas ou elementos da vida religiosa que podem promover a absorção, como no que acontece com a meditação. No quesito envolvimento com qualquer outra atividade ( $r = .27$ ), nos parece que o foco na própria religiosidade pode não estar necessariamente incluído, já que o compromisso / foco da pessoa que desenvolve tal tarefa, estaria concentrado na realização da própria atividade em si. O achado interessante nesse ponto é que tal foco pode se dar em assuntos ligados à religiosidade, mas também pode servir para muitas outras coisas não necessariamente relacionados a esta. Na pesquisa, não mencionamos a atividade qual seria; por isso, supomos que, quando perguntada, a pessoa demonstra seu compromisso conectado à atividade que ela mesma pensou, podendo nos levar a entender que o envolvimento foi grande dada a importância de tal atividade, importância essa que foi atribuída pelo próprio sujeito, tanto ao realiza-la quanto ao responder ao nosso questionário. Talvez, o mais importante ao se dedicar à determinada atividade, seja voltar sua concentração, atenção e foco para ela, pouco importando se ela é de caráter religioso ou não; se ela vai envolver absorção ou não, isso vai variar de uma pessoa para outra, de uma atividade para outra, talvez mostrando que não seja uma coisa específica da religiosidade, apesar de que nesse contexto houve uma relação entre a importância da religiosidade na vida do sujeito e absorção. Contudo, parece extrapolar o vínculo apenas com a religiosidade, tanto é que outras variáveis não ligadas à religiosidade tiveram uma correlação maior com a absorção do que as variáveis ligadas a religiosidade / espiritualidade.

Diferentemente de nossa hipótese e da literatura, (Gow, Lang e Chant, 2004; Hyland et al.2006; Levin, Wickramasekera e Hirshberg, 1998), não encontramos diferenças entre as religiões e sua relação com a absorção. Acreditávamos, anteriormente, que aqueles que se proclamassem mais religiosos pontuariam mais nesse quesito e conseqüentemente os ateus, menos. Quase um quarto dos participantes da pesquisa declararam-se ateus agnósticos, sem ligações com nenhuma religião ou grupo religioso. No entanto, nesse

sentido na pesquisa, não houve diferença entre as diferentes afiliações religiosas, o que parece demonstrar que talvez a absorção se relacione com a religiosidade e / ou espiritualidade, mas talvez perpassando esses diferentes contextos, não parecendo ser maior em um contexto ou outro. Parece que a absorção tem um papel no envolvimento em geral, em um comprometimento com determinada situação e / ou vivência, sem ser necessariamente vinculado com uma religião específica, não parecendo ser um traço que varie em função da religião, crença ou mesmo prática religiosa. Ela vai se relacionar com religiosidade, atravessando esses diferentes cultos, porém, sem nenhuma correlação entre as religiões ou o ateísmo. Tal como medida para a escala de Centralidade Religiosa, aqueles com alta religiosidade pontuaram mais em absorção, não tendo havido diferença significativa entre os de média religiosidade em relação aos de baixa religiosidade ou vice-versa. Isso parece sugerir que a absorção está mais relacionada a níveis elevados de religiosidade. Contudo, quando observamos o posicionamento religioso com relação aos grupos ligados à religião e outros de cunho mais social (não necessariamente religiosos), é interessante notar que a Religiosidade Intrínseca (RI) e a Religiosidade Não Organizacional (RNO) se correlacionaram com a TAS, mostrando que ambas estão vinculadas à absorção; então a absorção quando se relaciona com a religiosidade, o faz se relacionando a elementos mais subjetivos (RNO e RI), o que não acontece com a Religiosidade Extrínseca (RE).

Esses dados reforçam os outros elementos mencionados anteriormente. Lembrando as observações de alguns parágrafos acima, pudemos constatar que a ausência de relação entre ateus e religiosos (ou mesmo entre afiliações religiosas) mostrou também que a absorção é uma variável que se espalha por diferentes âmbitos, podendo também incluir âmbitos religiosos / espirituais ou não. Podemos crer que, talvez a absorção aponte para uma religiosidade e / ou espiritualidade mais individual e com caráter mais personalizado. Ela se direciona mais àquelas vivências do indivíduo que são subjetivas e individuais, quer essa pessoa seja membro / parte de uma religião ou não. O sujeito pode apresentar uma filiação religiosa ou não, mas, quando ele vivencia essas dimensões mais subjetivas, aí sim, a absorção pode ter um impacto. Acreditamos que nosso principal achado na pesquisa é que a absorção se vincula à religiosidade até como se vincula a outras coisas, até mais a outras coisas, mas

quando se vincula a religiosidade ela o faz sobretudo por dimensões mais não organizacionais, quer dizer, sem considerar tanto uma instituição, grupo religioso ou local de culto em si, e sim mais intrínsecas, mais internas do ser, mais ligadas ao mundo interno do sujeito, valorizadas por ele mesmo internamente, significando serem mais subjetivas e individuais.

No que concerne às prevalências de respostas, aquelas de maior ocorrência são experiências mais imagéticas e ligadas à imaginação mas, podemos pensar nelas como sendo experiências de um caráter mais genérico (por exemplo, questão 20 - Coisas que para mim fazem sentido mas para outras pessoas não; questão 32 - Pensamentos e imagens que aparecem sem o menor esforço da minha parte) que ocorrem de forma mais comum, no dia a dia, experiências que as pessoas podem ligar ao campo da imaginação, pensando em coincidências, buscando atribuir sentido aos eventos ou mesmo situações mais emocionais (questão 2). Já as experiências com menor pontuação são de caráter mais sensorial, mais definido; além da sinestesia, a percepção de texturas, ou imaginar o peso do próprio corpo de forma a não poder movê-lo. Experiências assim, poderíamos pensar, mais detalhadas e mais motoras, sensoriais mais detalhadas, podemos até pensar em situações de hipnose, quando se dá a instrução para o hipnotizando (questão 13), por exemplo, de não se mover porque o corpo está mais pesado. Nessas dimensões de complexidade, essas experiências são menos frequentes e menos comuns na amostra, ou seja, provavelmente essa parte da amostra pode ter uma maior susceptibilidade à absorção. Certamente é necessário levarmos em conta que, em termos culturais, certos tipos de comportamento podem ser desencorajados ou estimulados. Em consequência disso, as questões nos levam a pensar que certas características pessoais evidentemente são moldadas pelo meio familiar / social / religioso, situações e regras que encontramos em nosso meio. Em um país com grande prevalência de religiões, onde há espaço para visões e possessões, algumas outras questões podem ser vistas do ponto de vista menos patológico, talvez diferente do que se pudesse esperar em um país menos afeito às religiões ou às crenças místicas. Um comportamento pode ser culturalmente reforçado e nos parece, que, talvez, no caso das questões que menos pontuaram, é o que acaba acontecendo, fazendo com que algumas situações,



diferentemente de outras incluídas pela cultura ou por outras religiões, podem sim ser colocadas mais no espectro da patologia. Por serem desencorajadas no meio social, tenderiam a aparecer bem menos ou serem julgadas de forma patológica.

Nos colocamos a observar nesse estudo, as relações entre crenças, identidade e dissociação, o quanto uma poderia influir e buscar compreender o quanto essas categorias se relacionam e quanto cada uma delas pode influir na outra. Em relação ao quanto a absorção leva à dissociação: acreditamos que para cada situação de dissociação, a presença da absorção, seja em maior ou menor grau, sendo a mesma conectada aos conteúdos mais inatos ou a estímulos externos, pode influenciar tanto nos graus de dissociação (lembrando-nos sempre que tal alcance pode significar um sofrimento ou uma vivência prazerosa) e também influir na identidade (podendo até mesmo fazer-nos esquecermos de nós mesmos, ou ainda, a percepção do eu no momento presente), seja em contextos onde a espiritualidade possa ser nomeada como institucional (organizada por grupos religiosos) ou não.

## **LIMITAÇÕES DA PESQUISA E POSSÍVEIS CAMINHOS**

Nosso estudo apresentou pontos de limitação importantes a serem considerados: a amostra é limitada, não sendo representativa da população brasileira, mas uma amostra de conveniência, não aleatória, apesar de ser uma amostra robusta, de 486 participantes. Essa amostra tem uma demografia específica, que não é a mesma encontrada na população. Foram realizadas análises ainda muito preliminares em termos das evidências de validade então, no futuro, seria interessante realizar uma análise paralela para verificar os fatores, ou eventualmente usar outros métodos com análise fatorial confirmatória, para poder chegar a uma compreensão mais clara das evidências de validade, lembrando que esse estudo teve um foco mais em relação aos correlatos, sendo uma primeira aproximação exploratória dessa temática.

Estudos futuros vão precisar considerar amostras mais representativas da população brasileira. Pesquisas futuras vão poder investigar mais essa questão do papel da absorção, por exemplo, nas experiências místicas, em relação a experiências anômalas. Então, não se usou um questionário que avaliasse experiências espirituais, ou religiosas ou anômalas. Então esse é um dado que poderia ser interessante de investigar, mas que deve se tomar cuidado também nesse tipo de pesquisa porque alguns dos itens da absorção já incluem experiências desse tipo, sendo necessário verificar se haveria ainda uma correlação mesmo excluindo esses itens que já captam uma medição de uma experiência mística ou espiritual.

Outra limitação do estudo foi não ter considerado outros aspectos da absorção, como o flow. Talvez existam escalas ou instrumentos que avaliem absorção que capturem outras dimensões da absorção que não foram plenamente investigadas nesse estudo em função do uso da escala Tellegen que tem suas características. Essa limitação que pode ser vista numa pesquisa futura.

### 3.8 REFERÊNCIAS

Alexandre, N.M.C.; Coluci, M.Z.O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas - Ciência & Saúde Coletiva - SciELO Public Health.

Borsa, J.C.; Damásio, B.F.; Bandeira, DR. (2012). Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos. Paidéia set-dez 2012, Vol. 22, No. 53, 423-432. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201314>

Davidson, R.J.; Goleman, D.J.; Schwartz, G.E. (1976). Attentional and affective concomitants of meditation: a cross-sectional study *Journal of Abnormal Psychology* - 1976 - [psycnet.apa.org](http://psycnet.apa.org).

Flanagan, J.C. (1937). A proposed procedure for increasing the efficiency of objective tests. *J Educ Psychol* 28:17–21.

Hernandez, J.A.E.; Vargas Neto, F.X.; Oliveira, TC.; Rodrigues, A.A.; Elz NETO., CH.; Voser, R.C. (2007). Validação de Construto de Instrumento Perfil do Estilo de Vida Individual. *Arquivos em Movimento, UFRJ, Rio de Janeiro, v.3, n.1, Janeiro/Junho, 2007.*

Irwin, H. J. (1999). Pathological and nonpathological dissociation: The relevance of childhood trauma. *The Journal of Psychology, 13(2)*, 157-164.

Machado, F.R. (2009). Experiências anômalas na vida cotidiana – Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia USP para obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Pasquali, L. (1997). *Psicometria: teoria e aplicações: a teoria clássica dos testes psicológicos* - Ed. da UnB.

Rulon, P.J. (1939). A simplified procedure for determining the reliability of a test by split-halves. *Harvard Educ Rev* 9:99–103.

Warrens, M.J. (2015). On Cronbach's Alpha as the Mean of All Split-Half Reliabilities - *Quantitative Psychology Research* – Springer.

## APENDICE

Artigos dos quais participei durante esta tese:

1. DE OLIVEIRA MARALDI, EVERTON; COSTA, ADRIANO; **CUNHA, ALEXANDRE**; HAMAZAKI, EDSON; FLORES, DOUGLAS; DE QUEIROZ, GREGÓRIO PEREIRA; REICHOW, JEVERSON; MARTINEZ, MATEUS; RIBEIRO, RICARDO; SIQUEIRA, SILVANA; REZINOVSKY, DANIEL; FARIAS, MIGUEL. Social Support, Help-Seeking Behaviors, and Positive/Negative Affect Among Individuals Reporting Mediumship Experiences. *International Journal Of Latin American Religions*, v. 1, p. 1, 2023.

2. DE OLIVEIRA MARALDI, EVERTON; COSTA, ADRIANO; **CUNHA, ALEXANDRE**; FLORES, DOUGLAS; HAMAZAKI, EDSON; DE QUEIROZ, GREGÓRIO PEREIRA; MARTINEZ, MATEUS; SIQUEIRA, SILVANA; REICHOW, JEVERSON. Cultural Presentations of Dissociation: The Case of Possession Trance Experiences. *Journal of Trauma & Dissociation*, v. 1, p. 1-6, 2020.

3. MARALDI, EVERTON DE OLIVEIRA; COSTA, A. S.; **CUNHA, A.**; RIZZI, A. R.; OLIVEIRA, D. F.; HAMAZAKI, E. S.; MACHADO, Fátima Regina; MEDEIROS, G.; QUEIROZ, G. J. P.; MARTINEZ, M.; SILVA FILHO, P. A.; MARTINS, R. M. L. M.; SANTOS, R. A.; SIQUEIRA, S. P. S.; ZANGARI, W. Experiências Anômalas e Dissociativas em Contexto Religioso: uma abordagem autoetnográfica. *REVISTA DA ABORDAGEM GESTÁLTICA (IMPRESSO)*, v. 26, p. 147, 2020.

## REFERÊNCIAS TOTAIS

Agarwal, R.; Karahanna, E. (2000). Time flies when you are having fun: Cognitive absorption and beliefs about information technology usage. *MIS quarterly*. Vol. 24, No. 4 (Dec. 2000), pp. 665-694.

Alexandre, N.M.C.; Coluci, M.Z.O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas - *Ciência & Saúde Coletiva - SciELO Public Health*.

Alvarado, C.S. (2002). Dissociation in Britain during the late nineteenth century: the Society for Psychical Research, 1882-1900. *Journal of Trauma & Dissociation*.

Alvarado, C.S. (2013). Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000400006>.

Alvarado, C.S.; Krippner, S. (2010). Nineteenth century pioneers in the study of dissociation: William James and psychical research. *Journal of Consciousness Studies*.

Angiulo, M.J.; Kihlstrom, J.F. (1991). Dissociative experiences in a college population. Unpublished manuscript, University of Arizona. Available on line at <http://socrates.berkeley.edu/~kihlstrm/Angiulo1.htm>.

Bastos JR., Vinhosa M. A.V.; Bastos, P.R.H.O.; Osório, I.H.S.; Muass, K.A.R.C.; Landoli JR., D.; Lucchetti, G. (2016). Frontal electroencephalographic (EEG) activity and mediumship: a comparative study between spiritist mediums and controls. *Arch. Clin. Psychiatry (São Paulo)*, Apr 2016, vol.43, no.2, p.20-26. ISSN 0101-6083.

Becker-Blease, K.A. (2004). Dissociative states through new age and electronic trance music. *Journal of trauma & dissociation*, 2004•Taylor & Francis, 5(2), 89-100.

Bombana, J.A. (2006). Sintomas somáticos inexplicados clinicamente: um campo impreciso entre a psiquiatria e a clínica médica. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*.

Borsa, J.C.; Damásio, B.F.; Bandeira, DR. (2012). Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos. *Paidéia set-dez 2012, Vol. 22, No. 53, 423-432.* doi:<http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201314>

Bowings, BE. (2012). Therapeutic dissociation: Compartmentalization and absorption. *Counselling Psychology Quarterly (Vol. 25, No. 3, September 2012, 307–317).*

Braude, S. (1995). *First person plural: multiple personality and the philosophy of mind*. Rowman & Littlefield Publishers, INC. Lanham, Maryland.

Braude, S. (2009). The conceptual unity of dissociation: a philosophical argument. In: Dell, *Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond*. New York: Routledge, page 27-36.

Cardeña, E. et al. (2009). Possession / Trance Phenomena. In: Dell, PF & O’Neil JA (Eds.). *Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond*. New York: Routledge, page 171-181.

Cardeña, E., Reijman, S., Wimmelmann, C. L., & Jensen, C. G. (2015). Psychological Health, Trauma, Dissociation, Absorption, and Fantasy Proneness Among Danish Spiritual Practitioners. *Psychology of Consciousness: Theory, Research, and Practice*. APA: Vol. 2, No. 2, (170 –184).

Carlson, E.B.; Putnam, F.W. (1993). An update on the dissociative experiences scale. *Dissociation, 6(1), 16-27.*

Coelho, C.L.S.; Ávila, L.A. (2007). Controvérsias sobre a somatização. *Rev. Psiquiatria Clínica, vol.34 no.6.*

Cole, S.H. & Hooley, J.M. (2013). Clinical and Personality Correlates of MMO Gaming: Anxiety and Absorption in Problematic Internet Use. *Social science computer review*. Volume: 31 issue: 4, page(s): 424-436.

Coleman, T. J.; Bartlett III., J. E.; Holcombe, J. M.; Swanson, S. B.; Atkinson, A. R.; Silver, C.F.; Hood JR., R. W. (2019). Absorption, Mentalizing, and Mysticism: Sensing the presence of the divine - *Journal for the Cognitive Science of Religion*.

Cordás, T.A.; Seixas, A.; Aratagy, E.W.; Mota, A. (2011). História da Psiquiatria. In: Miguel EC, Gentil V, Gattaz WF, editores. *Clínica Psiquiátrica*. Barueri, SP: Manole; 2011. p.4-21.

Council J.R.; Kirsch I.; Hafner LP (1986). Expectancy versus absorption in the prediction of hypnotic responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol 50(1), Jan, page 182-189.

Crabtree, A. (2007). Automatism and secondary centers of consciousness, in Kelly EF, Kelly EW, Crabtree A, Gauld A, Grosso M. & Greyson B. (eds.) *Irreducible Mind*, pp. 301–365, Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

Csikszentmihalyi, M. & Csikszentmihalyi, I. (1988). *Optimal experience: Psychological studies of flow in consciousness*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Dalenberg, C. J.; Paulson, K. (2009) - The case for the study of “normal” dissociation processes. In: Dell, P.F. & O’Neil, J.A. (Eds.). *Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond*. New York: Routledge, p. 145-154.

Dalgalarrodo, P. (2004). Textos de Henry Maudsley. In: Dalgalarrodo, P Sonenreich C, Oda AMGR, organizadores. *História da Psicopatologia: textos originais de grandes autores*. São Paulo: Lemos Editorial; 2004. p.31-6.

Davidson, R.J.; Goleman, D.J.; Schwartz, G.E. (1976). Attentional and Affective Concomitants of Meditation: A Cross-Sectional Study. *Journal of Abnormal Psychology*. Vol. 85, No. 2; 235-238.

Dewey, J. (1934). *A common Faith*. New Haven: Yale University Press.

Diener, E.; Emmons, R.A.; Larsen, R.J.; Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.

Elkins, D.N.; Hedstrom, L.J.; Hughes, L.L.; Leaf, J.A. and Saunders, C. (1988). Toward a Humanistic-Phenomenological Spirituality: Definition, Description, and Measurement - *Journal of Humanistic Psychology*.

Esperandio, M.R.G.; August, H.; Viacava, J.J.C.; Huber, S.; Fernandes, M.L. (2019). Brazilian Validation of Centrality of Religiosity Scale (CRS-10BR and CRS-5BR). *Religions*, 10(9), 508; <https://doi.org/10.3390/rel10090508>.

Fizman, A.; Cabizuca, M.; Lanfredi, C.; Figueira, I. (2004). A adaptação transcultural para o português do instrumento Dissociative Experiences Scale para rastrear e quantificar os fenômenos dissociativos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(3), page 164-173.

Flanagan, J.C. (1937). A proposed procedure for increasing the efficiency of objective tests. *J Educ Psychol* 28:17–21.

Freud, S. (1978). O futuro de uma ilusão. In Freud, S. [Autor], *Coleção Os Pensadores*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural. (Obra original publicada em 1927).

Freud, S. (1978). O mal-estar na civilização. In Freud, S. [Autor], *Coleção Os Pensadores*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural. (Obra original publicada em 1930).

Freud, S. (1980). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Tradução de M. A. M. Rego. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1938).

Glisky, M.L.; Tataryn, D.J.; Tobias B.A.; Kihlstrom, J.F.; McConkey, K.M. (1991). Absorption, openness to experience, and hypnotizability. *Journal of Personality & Social Psychology*, 60, 263-272.

Gow, K.; Lang, T.; Chant, D. (2004). Fantasy proneness, paranormal beliefs and personality features in out-of-body experiences. *Contemporary Hypnosis*. Wiley Online Library.



Granqvist, P.; Fransson, M.; Hagekull, B. (2009). Disorganized attachment, absorption, and new age spirituality: a mediational model. *Journal Attachment & Human Development*.

Granqvist, P.; Hagekull, B.; Ivarsson, T. (2012). Disorganized Attachment Promotes Mystical Experiences via a Propensity for Alterations in Consciousness (Absorption).

Grant, J.A.; Duerden, E.G.; Courtemanche, J.; Cherkasova, M. (2013). Cortical thickness, mental absorption and meditative practice: Possible implications for disorders of attention. *Biological Psychology* 92. Page 275– 281.

Hageman J.H.; Krippner S.; Wickramasekera II, I. (2011). Across Cultural Boundaries: Psychophysiological Responses, Absorption, and Dissociation Comparison Between Brazilian Spiritists and Advanced Meditators. *NeuroQuantology*, 2011.

Harpe, S.E. (2015). How to analyze Likert and other rating scales. *Pharmacy Teaching and Learning* 7. Elsevier.

Herdman, M.; Fox-Rushby, J.; Badia, X. (1998). A model of equivalence in the cultural adaptation of HRQoL instruments: the universalist approach. *Qual Life Res.*; 7(4): page 323-35.

Hernandez, J.A.E.; Vargas Neto, F.X.; Oliveira, TC.; Rodrigues, A.A.; Elz NETO., CH.; Voser, R.C. (2007). Validação de Construto de Instrumento Perfil do Estilo de Vida Individual. *Arquivos em Movimento, UFRJ, Rio de Janeiro*, v.3, n.1, Janeiro/Junho, 2007.

Hilgard, E.R. (1986). *Divided consciousness: multiple controls in human thoughts and action*. New York: Wiley-Interscience.

Hilgard, J.R. (1970). *Personality and hypnosis: a study of imaginative involvement*. Chicago: University of Chicago Press.

Hinkle, D.E.; Wiersma, W.; Jurs, S.G. (2003). *Applied Statistics for the Behavioral Sciences*. 5th ed. Boston: Houghton Mifflin; 2003.

Holzel, B.; Ott, U. (2006). Relationships between meditation depth, absorption, meditation practice, and mindfulness: a latent variable approach. *The Journal of Transpersonal Psychology*, 2007, Vol. 38, No. 2.

Holzel, B.; Ott, U.; Hempel, H.; Hackl, A.; Wolf, K.; Stark, R.; Vaitl, D. (2007). Differential engagement of anterior cingulate and adjacent medial frontal cortex in adept meditators and non-meditators. *Neuroscience Letters*. Volume 421, Issue 1, 21 June, Pages 16–21.

Hyland, M.E. et al (2006). Spirituality predicts outcome independently of expectancy following flower essence self-treatment. *Journal of Psychosomatic Research* 60 (53–58).

Irwin, H. J. (1999). Pathological and nonpathological dissociation: The relevance of childhood trauma. *The Journal of Psychology*, 13(2), 157-164.

James, W. (1958). *The varieties of religious experience: a study in human nature*. Cambridge: Harvard University Press.

Jamieson, G.A. (2005). The Modified Tellegen Absorption Scale: A Clearer Window On The Structure And Meaning Of Absorption. *Australian Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, v. 33 (2), page 119-139.

Jamieson, G.A.; Sheehan, P.W. (2004). An empirical test of Woody and Bowers's dissociated-control theory of hypnosis. *International Journal of Clinical & Experimental Hypnosis*. Page 232-249.

Janet, P. (1889 / 2003). *L'automatisme psychologique. Essai de psychologie expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine*. Versão eletrônica (2003) para a coleção "Les classiques des sciences sociales". Québec.

Kamei, H.H. (2010). *Flow: o que é isso? Um estudo psicológico sobre experiências ótimas de fluxo na consciência, sob a perspectiva da psicologia positiva – Tese apresentada no Instituto de Psicologia da USP*.

Kate, M.A.; Hopwood, T.; Jamieson G. (2019). The prevalence of Dissociative Disorders and dissociative experiences in college populations: a meta-analysis

of 98 studies. *Journal of Trauma & Dissociation*. Available in <https://doi.org/10.1080/15299732.2019.1647915>.

Kealy, D.; McCloskey, K.D.; Cox, D.W.; Ogrodniczuk, J.S.; Joyce, A.S. (2019). Getting absorbed in group therapy: Absorption and cohesion in integrative group treatment. Available in <https://doi.org/10.1002/capr.12226>.

Kehoe, A. & Gilletti, D.H. (1981). Women's preponderance in possession cults: the calcium deficiency hypothesis extended. *American Anthropology*, 83(3), 549-561.

Kimati, M. D. & Santos, J. L. (2006). Dissociação, experiência e narrativa - um estudo de caso. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9(4), 583-597.

Koenig, H. G. (2001). Religion and medicine III: Developing a theoretical model. *International Journal of Psychiatry in Medicine* 31: 199-216.

Kornfield, J. (1979). Intensive insight meditation: a phenomenological study. *The Journal of Transpersonal Psychology*. Vol. 11, No.1. Page 41.

Kuijpers, H.J.H.; Van-Der-Heijden, F.M.M.A.; Tuinier, S.; Verhoeven, W.M.A. (2007). Meditation-Induced Psychosis. *Psychopathology*; 40:461-4.

Laloni, D.T. (2001). SCL-90-R: Adaptação, Precisão e Validade. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, pp. 214.

Lange, R.; Maraldi, E.; Zangari, W.; Corredato, V.; Alvarado, C.; Machado, F. (2018). A cross-cultural validation of the Revised Transliminality Scale in Brazil. *APA PsycNet*. Acessado em: <http://dx.doi.org/10.1037/cns0000161>.

Larsen, J.K.; Brand, N.; Bermond, B.; Hijman, R. (2003). Cognitive and emotional characteristics of alexithymia: A review of neurobiological studies. *J Psychosom Res.* 54:533–541.

Levin, J.S.; Wickramasekera, I.E. e Hirshberg, C. (1998). Is religiousness a correlate of absorption? Implications for psychophysiology, coping and morbidity. *Alt. Therapies in Health and Medicine*. 4,6, 72-77.

Lewis, I. M. O. (1977). *Êxtase Religioso*. Editora Perspectiva: São Paulo.

Lifshitz, M.; van Elk M.; Luhrmann, T.M. (2019). Absorption and spiritual experience: A review of evidence and potential mechanisms - *Consciousness and Cognition*.

Luhrmann, T.M. (2005). The Art of Hearing God: Absorption, Dissociation, and Contemporary American Spirituality. *Spiritus* 5. Page 133–157. The Johns Hopkins University Press.

Luhrmann, T.M. (2020). *How God becomes real: kindling the presence of invisible others*. Princeton University Press.

Luhrmann, T.M.; Nusbaum, H.; Thisted, R. (2010). The Absorption Hypothesis: Learning to Hear God in Evangelical Christianity. *American Anthropologist*, 2010 - Wiley Online Library

Luhrmann, T.M.; Nusbaum, H.; Thisted, R. (2013). “Lord, Teach Us to Pray”: Prayer Practice Affects - Cognitive Processing. *Journal of Cognition and Culture* 13 159–177.

Lynn, S.J.; Pintar, J.; Rhue, J.W. (1997). Fantasy proneness, dissociation and narrative construction. In: Krippner, S. & Powers, S. M. (Eds.). *Broken images, broken selves: dissociative narratives in clinical practice*. Washington: Brunner / Mazel, page 274-302.

MacCallum, R.C.; Widaman, K.F.; Zhang, S.; Hong, S. (1999). Sample size in factor analysis. *Psychological Methods*. Vol. 4. N° 1, 84-99.

Machado, F.R. (2009). *Experiências anômalas na vida cotidiana – Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo*. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia USP para obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Main, M.; Goldwyn, R.; Hesse, E. (2003). Adult attachment scoring and classification systems (Unpublished manuscript). University of California, Berkeley.

Maraldi, E. O. (2011). Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Maraldi, E.O. (2014) - Dissociação, crença e identidade: Uma perspectiva psicossocial. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Maraldi, E.O.; Zangari, W. (2016). Evidências de validade da Escala de Experiências Dissociativas em amostra não clínica. *Avaliação Psicológica*, 15(1), pp. 93-104

Martínez-Taboas, A. (1999). A case of spirit possession and glossolalia. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 23, 333-348.

Maslow, A.H. (1970). *Religions, values and peak experiences*. New York: Viking.

McCarroll, P.; O'Connor, T.; Meakes, E. (2005). *Assessing plurality in spirituality definitions - Spirituality and health Multidisciplinary – Wilfrid Laurier University Press*.

Moraes, C.L.; Hasselmann, M.H.; Reichenheim, M.E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Caderno de Saúde Pública*.; 18(1): page 163-76.

Moreira-Almeida, A.; Peres, M.F.; Aloe, F.; Lotufo Neto, F.; Koenig, H.G. (2008). Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke: DUREL. *Arch. Clin. Psychiatry (São Paulo)* 35 (1). <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000100006>.

Näring, G.; Nijenhuis, E.R.S. (2005). Relationships between self-reported potentially traumatizing events, psychoform and somatoform dissociation, and

absorption, in two non-clinical populations - Australian & New Zealand Journal of Psychiatry.

Negro Junior, P.J.; Palladino-Negro, P.; Louzã, M.R. (1999). Dissociação e transtornos dissociativos: modelos teóricos. Rev. Bras. Psiquiatria; Vol.21 n.4.

Osborne, J.W.; Costello, A.B. (2009). Best practices in exploratory factor analysis: four recommendations for getting the most from your analysis. Pan-Pacific Management Review. Vol. 12, N° 2: 131-146.

Otis, L. (1984). Adverse effects of transcendental meditation. Meditation: Classic and contemporary perspectives. Aldine Transaction, 1984. Pg. 201-208.

Ott, U. (2007). States of absorption: In search of neurobiological foundations / Hypnosis and Conscious States: The Cognitive Neuroscience Perspective (organized by Graham Jamieson) Chapter 14 – States of absorption: in search of neurobiological foundations. Page 257-270.

Pacheco e Silva, A.C. (1950). O espiritismo e as doenças mentais no Brasil. Separata dos Anais Portugueses de Psiquiatria. Vol. 2 – N° 2 – Agosto de 1950. Arquivo Pacheco e Silva do Museu Histórico “Carlos da Silva Lacz” – FMUSP.

Pasquali, L. (1997). Psicometria: teoria e aplicações: a teoria clássica dos testes psicológicos - Ed. da UnB.

Peres, J. F.; Moreira-Almeida, A.; Caixeta, L.; Leao F.; Newberg, A.(2012). Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation. PloS one.

Qualls, P.J.; Sheehan, P.W. (1981). Role of the feedback signal in electromyograph biofeedback: The relevance of attention. Journal of Experimental Psychology: General, Vol 110(2), Jun, page 204-216.

Queiroz, G.J.P. (2017). Uma visão psicossocial do papel da música na umbanda e na reorganização das identidades. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Ribeiro, R.N. (2015). (Id)entidades: aspectos psicossociais das variedades da experiência mediúnica. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Richards, D.G. (1991). A study of the correlations between subjective psychic experiences and dissociative experiences. - *Dissociation: Progress in the Dissociative Disorders* - [psycnet.apa.org](http://psycnet.apa.org).

Roche, S.M.; McConkey, K.M. (1990). Absorption: Nature, Assessment, and Correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 59(1), page 91-101.

Rogo, D. S. (1986). *Life after death: the case for survival of bodily death*. London: Guild Publishing.

Rosen, C.; et al. (2017). Immersion in altered experience: An investigation of the relationship between absorption and psychopathology. *Consciousness and Cognition* Volume 49, March 2017, Pages 215-226

Ross, C. A. (1989). *Multiple Personality Disorder: diagnosis, clinical features and treatment*. New York: John Willey and Sons.

Ross, C.A. & Joshi, S. (1992). Paranormal experiences in the general population. *Journal of Nervous and Mental Disease* - [psycnet.apa.org](http://psycnet.apa.org).

Rulon, P.J. (1939). A simplified procedure for determining the reliability of a test by split-halves. *Harvard Educ Rev* 9:99–103.

Seixas, A.A.A. (2012). Instituto de Psiquiatria – FMUSP: O contexto histórico social em São Paulo entre as décadas de 1920 a 1950 para recepção da psiquiatria como um saber médico. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

Seligman, R. (2005). Distress, dissociation and embodied experience: reconsidering the pathways to mediumship and mental health. *Ethos*, 33 (1), 71-99.

Shapiro, D.H. (1992). Adverse effects of meditation: a preliminary investigation of long-term meditators. *International Journal of Psychosomatics*, 39(1-4), 62-67.

Sheldon, K. M., Prentice, M., & Halusic, M. (2014). *The Experiential Incompatibility of Mindfulness and Flow Absorption*. *Social Psychological and Personality Science*, 6(3), 276–283. doi:10.1177/1948550614555028.

Sheridan, L.; Maltby, J.; Gillett, R. (2006). Pathological public figure preoccupation: Its relationship with dissociation and absorption. *Personality and Individual Differences – Elsevier*.

Shor, R. E. (1959). Hypnosis and the concept of the generalized reality-orientation. *American Journal of Psychotherapy*, 13(3), 582–602.

Shor, R.E. (1960). The frequency of naturally occurring "hypnotic-like" experiences in the normal college population. *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, page 151-16.

Shor, R.E.; Orne, M.T.; O'Connell, D.N. (1962). Validation and Cross-Validation of a Scale of Self-Reported Personal Experiences which Predicts Hypnotizability. *Journal of Psychology*: page 55-75.

Silva Filho, P.A. (2018). A construção do conceito de dissociação e sua relevância para a psicologia. *Dissertação (Mestrado)*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Simeon, D.; Giesbrecht, T.; Knutelska, M.; Smith, R.J.; Smith, L.M. (2009). Alexithymia, Absorption, and Cognitive Failures in Depersonalization Disorder: A Comparison to Posttraumatic Stress Disorder and Healthy Volunteers. *The Journal of Nervous and Mental Disease*: July - Volume 197 - Issue 7 - p 492-498.

Skidmore, T.E. (1989). *Preto no branco: razão e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1989.

Snodgrass, J.G.; Lacy, M.G.; Dengah, H.J.F.; Fagan, J. (2011). *Magical Flight and Monstrous Stress: Technologies of Absorption and Mental Wellness in Azeroth*. *Culture, Medicine, and Psychiatry*

Stolovy, T.; Rachel Lev-Wiesel, R.; Witztum, E. (2015). *Dissociation: Adjustment or Distress? Dissociative Phenomena, Absorption and Quality of Life*



Among Israeli Women Who Practice Channeling Compared to Women with Similar Traumatic History. *Journal of religion and health*.

Tellegen, A. (1992, August). Note on structure and meaning of the MPQ Absorption scale. Unpublished manuscript, University of Minnesota.

Tellegen, A.; Atkinson, G. (1974) - Openness to absorbing and self-altering experiences ("absorption"), a trait related to hypnotic susceptibility. *Journal of Abnormal Psychology*, Vol 83(3), page 268-277.

Thalbourne, M.A. (1991). The psychology of mystical experience. *Exceptional Human Experience*. 9:168-186.

Thomson, P. & Jaque, S. V. (2012). Dissociation and the Adult Attachment Interview in artists and performing artists. *Attachment & Human Development*. Volume 14 - Issue 2.

Thomson, P. & Jaque, S.V. (2014). Unresolved mourning, supernatural beliefs and dissociation: a mediation analysis. *Attachment & human development*.

Thomson, P.; et. al. (2009). Generators and interpreters in a perform arts population: dissociation, trauma, fantasy proneness and affective states. *Creativity Research Journal*.

Tobacyk, J.J. (1995). What is the correct dimensionality of paranormal beliefs? A reply to Lawrence's critique of the Paranormal Belief Scale. *The Journal of Parapsychology* - go.galegroup.com.

Trindade H. (2007). *O positivismo: teoria e prática*. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2007.

Warrens, M.J. (2015). On Cronbach's Alpha as the Mean of All Split-Half Reliabilities - *Quantitative Psychology Research* – Springer.

Weitzenhoffer, A. M.; Hilgard, E. R. (1959). *Stanford hypnotic susceptibility scale, forms A and B*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.

Wilson, S.C.; Barber, T.X. (1983). The fantasy-prone personality: implications for understanding imagery, hypnosis and parapsychological phenomena. In:

Sheikh, A. A. (Ed.). Imagery: current theory, research and application. New York: John Wiley and Sons, page 340-390.

Wirth, W.; Hofer, M.; Schramm, H. (2012). The role of emotional involvement and trait absorption in the formation of spatial presence *Media Psychology*. Taylor & Francis, page 19-43.

Yee, N. (2006). The Demographics, Motivations, and Derived Experiences of Users of Massively Multi-User Online Graphical Environments. *Presence: Teleoperators and Virtual Environments*, 15(3), 309–329. doi:10.1162/pres.15.3.309.

Zangari, W. (2003). Incorporando papéis: Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

## TESTE TAS ORIGINAL

1. Sometimes I feel and experience things as I did when I was a child.
2. I can be greatly moved by eloquent or poetic language.
3. While watching a movie, a TV show, or a play, I may become so involved that I may forget about myself and my surroundings and experience the story as if it were real and as if I were taking part in it.
4. If I stare at a picture and then look away from it, I can sometimes "see" an image of the picture almost as if I were still looking at it.
5. Sometimes I feel as if my mind could envelop the whole world.
6. I like to watch cloud shapes change in the sky.
7. If I wish I can imagine (or daydream) some things so vividly that they hold my attention as a good movie or story does.
8. I think I really know what some people mean when they talk about mystical experiences.
9. I sometimes "step outside" my usual self and experience an entirely different state of being.
10. Textures - such as wool, sand, wood - sometimes remind me of colors or music.
11. Sometimes I experience things as if they were doubly real.
12. When I listen to music I can get so caught up in it that I don't notice anything else.
13. If I wish I can imagine that my body is so heavy that I could not move it if I wanted to.
14. I can often somehow sense the presence of another person before I actually see or hear her/him.
15. The crackle and flames of a wood fire stimulate my imagination
16. It is sometimes possible for me to be completely immersed in nature or in art and to feel as if my whole state of consciousness has somehow been temporarily altered.
17. Different colors have distinctive and special meanings for me.

18. I am able to wander off into my thoughts while doing a routine task and actually forget that I am doing the task, and then find a few minutes later that I have completed it.
19. I can sometimes recollect certain past experiences in my life with such clarity and vividness that it is like living them again or almost so.
20. Things that might seem meaningless to others often make sense to me.
21. While acting in a play I think I could really feel the emotions of the character and "become" her/him for the time being, forgetting both myself and the audience.
22. My thoughts often don't occur as words but as visual images.
23. I often take delight in small things (like the five-pointed star shape that appears when you cut an apple across the core or the colors in soap bubbles).
24. When listening to organ music or other powerful music I sometimes feel as if I am being lifted into the air.
25. Sometimes I can change noise into music by the way I listen to it.
26. Some of my most vivid memories are called up by scents and smells.
27. Some music reminds me of pictures or changing color patterns.
28. I often know what someone is going to say before he or she says it.
29. I often have "physical memories"; for example, after I have been swimming I may still feel as if I am in the water.
30. The sound of a voice can be so fascinating to me that I can just go on listening to it.
31. At times I somehow feel the presence of someone who is not physically there.
32. Sometimes thoughts and images come to me without the slightest effort on my part.
33. I find that different odors have different colors.
34. I can be deeply moved by a sunset.

## **ANEXO 1**

Questionário

Caro (a) participante,

CONVIDAMOS VOCÊ A PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO (COM 18 ANOS DE IDADE OU MAIS) E CONTAMOS COM A SUA PARTICIPAÇÃO PARA RESPONDER ALGUMAS PERGUNTAS. O PREENCHIMENTO É SIMPLES E VOCÊ NÃO LEVARÁ MAIS DO QUE 20 MINUTOS.

Você está colaborando com um estudo que busca conhecer aspectos do perfil psicológico e social dos brasileiros. Suas informações são extremamente importantes para o sucesso desta pesquisa. Você estará ajudando a compor uma amostra da população brasileira para futuras comparações com outros bancos de dados. O presente formulário contém perguntas referentes às suas opiniões e experiências em relação aos fenômenos investigados. O questionário visa identificar características psicológicas e sociodemográficas dos participantes para que possamos investigar eventuais correlações com os resultados obtidos. Não existem respostas certas ou erradas. O que nos interessa são suas características e preferências. Suas respostas são sigilosas e serão usadas apenas para a pesquisa.

EM ALGUNS MOMENTOS, NÃO SERÁ POSSÍVEL PASSAR DE UMA PÁGINA PARA OUTRA SEM QUE AS PERGUNTAS SOLICITADAS SEJAM RESPONDIDAS. AS PERGUNTAS OBRIGATÓRIAS SÃO SEGUIDAS DO SÍMBOLO \* (asterisco). AS PERGUNTAS QUE NÃO ACOMPANHAM ESSE SÍMBOLO SÃO OPTATIVAS.

LEIA ATENTAMENTE A CADA QUESTÃO.

CERTIFIQUE-SE, POR GENTILEZA, DE HAVER FINALIZADO TODO O QUESTIONÁRIO. CASO CONTRÁRIO, SEUS DADOS NÃO SERÃO ENVIADOS AO PESQUISADOR.

CASO JÁ TENHA PARTICIPADO, NÃO PREENCHA NOVAMENTE ESTE FORMULÁRIO.

AGRADECEMOS ANTECIPADAMENTE A SUA COLABORAÇÃO.

Esta pesquisa online é parte de um projeto mais amplo que recebe financiamento da CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

APESQUISADOR: Alexandre Cunha - Mestre em Ciências pelo Departamento de Psiquiatria da FMUSP e doutorando em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Wellington Zangari

## Parte I – Dados Sócio demográficos

### 1. Idade:

#### 1. Nível escolar

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Faculdade (cursando)

Faculdade completa

Mestrado(cursando)

Mestrado completo

Doutorado (cursando)

Doutorado completo

#### 2. Sexo (biológico)

Masculino

Feminino

#### 3. Renda mensal familiar

Nenhuma renda.

- ( ) Até 1 salário mínimo (até R\$ 998,00).
- ( ) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,01 até R\$ 2.994,00).
- ( ) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.994,01 até R\$ 5.988,00).
- ( ) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.988,00 até R\$ 8.982,00).
- ( ) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.982,00 até R\$ 11.976,00).
- ( ) Mais de 12 salários mínimos (mais de R\$ 11.976,01).

5. Cidade e estado em que reside -

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

## Parte II

6. Quanto tempo por dia você dedica a assistir televisão? (escolha apenas uma alternativa)

- ( ) Nunca ou quase nunca/ ( ) menos de uma hora/ ( ) por volta de uma hora/ ( ) duas a três horas/ ( ) quatro ou mais horas

Para as perguntas a seguir, considere uma escala de 1 a 7, que representa sua concordância ou discordância e onde 1 significa “discordo totalmente” e 7 “concordo totalmente” :

7. Quando assisto algum programa na TV, no computador ou no celular e me interessa o assunto, fico totalmente focado e me desligo da realidade a minha volta

8. Gosto de ir a exposições de arte (quadros, pinturas)

9. Quando vou a exposições de arte, costumo colocar toda a minha atenção nos quadros que não percebo o que se passa a minha volta

10. Gosto de ver filmes seja na tevê, computador ou cinema

11. Passo mais de 4 horas diárias diante da TV ou do computador e fico focado quando estou nessas atividades a ponto de não perceber o que se passa a minha volta

12. Quando estou assistindo um filme, sinto como se estivesse participando da ação dentro da tela/vídeo

13. Quando estou ouvindo música, deixo-me levar e me sinto totalmente envolvido por ela
14. Quando estou trabalhando diante do computador, me envolvo profundamente com o trabalho a ponto de não perceber muito do que se passa a minha volta
15. Realizo alguma outra atividade que me faz ficar completamente envolvido, sem prestar atenção ao que se passa a minha volta / Qual atividade?

### Parte III – Alternativas de resposta: Verdadeiro ou Falso

- 16.1. Às vezes eu sinto e experiencio as coisas da mesma forma que eu as sentia e as experimentava quando era criança
17. 2. Posso ficar profundamente comovido por uma linguagem poética ou eloquente
18. 3. Enquanto assisto a um filme, programa de tevê ou uma peça de teatro posso ficar tão envolvido que esqueço de mim mesmo e de tudo a minha volta e vivencio a estória como se ela fosse real e como se eu fizesse parte dela.
19. 4. Se olho para uma imagem e, em seguida, retiro meus olhos dela, posso às vezes “ver” uma imagem da figura quase como se eu ainda estivesse olhando para ela.
20. 5. Às vezes sinto como se minha mente se expandisse pelo universo
21. 6. Gosto de observar as formas das nuvens se modificando no céu
22. 7. Se eu desejar, posso imaginar (ou sonhar acordado) algumas coisas de maneira tão vívida, que elas atraem a minha atenção tanto quanto um bom filme ou uma boa estória
23. 8. Acho que realmente sei o que algumas pessoas querem dizer quando falam sobre experiências místicas
24. 9. Às vezes, saio do meu modo habitual de experimentar o mundo e entro em um estado de ser completamente diferente
- 25.10. Texturas – tais como lã, areia, madeira – às vezes me fazem lembrar de cores ou músicas
26. 11. Em dados momentos, posso perceber as coisas de modo mais intenso ou vívido
27. 12. Quando ouço música, eu posso ficar tão envolvido que não percebo nada mais ao meu redor



28. 13. Se eu quiser, posso imaginar que meu corpo está tão pesado que eu não poderia move-lo, mesmo se quisesse
29. 14. É comum que de alguma forma eu sinta a presença de outra pessoa pouco antes de realmente vê-la ou ouvi-la
30. 15. O barulho e as chamas de uma fogueira estimulam minha imaginação
31. 16. Às vezes eu fico tão completamente concentrado na natureza ou em alguma forma de arte que sinto como se meu estado de consciência fosse temporariamente alterado
32. 17. Diferentes cores têm significados distintos e especiais para mim
33. 18. Minha mente pode devanear em meus pensamentos enquanto realizo tarefas rotineiras e realmente esqueço que estou realizando tais tarefas, vindo a descobrir, minutos depois, que eu já terminei
34. 19. Posso às vezes lembrar de experiências pelas quais passei em minha vida de forma tão vívida e com tal clareza que é quase como se eu estivesse vivendo tudo aquilo novamente
35. 20. Coisas que não parecem significativas para outras pessoas frequentemente fazem sentido para mim
36. 21. Enquanto atuo em uma peça, acho que posso sentir realmente as emoções do personagem e “me tornar” ele/ela naquele momento, esquecendo-me completamente de mim mesmo e da plateia
37. 22. Meus pensamentos frequentemente não surgem para mim como palavras, mas como imagens visuais
38. 23. Frequentemente eu tenho satisfação com pequenos detalhes (como por exemplo, as diversas formas e cores que se surgem nas bolhas de sabão)
39. 24. Ao ouvir a música de instrumentos poderosos como o órgão, posso às vezes sentir como se estivesse levitando
40. 25. Às vezes posso transformar barulho em música, dependendo da forma que a escuto
41. 26. Algumas das minhas mais vívidas memórias vêm à tona com perfumes e aromas
42. 27. Algumas músicas me lembram de figuras ou cores que vão se modificando
43. 28. Frequentemente eu já sei o que alguém vai dizer antes que ele/ela o diga

44. 29. Frequentemente tenho “memórias físicas”; por exemplo, depois de ter nadado, posso sentir como se eu ainda estivesse na água

45. 30. O som de uma voz pode ser tão fascinante para mim que eu posso continuar prestando atenção nele

46. 31. De algum modo, eu às vezes eu sinto a presença de alguém que não está fisicamente presente

47. 32. Às vezes pensamentos e imagens me aparecem sem o menor esforço da minha parte

48. 33. Acho que diferentes cheiros têm cores diferentes

49. 34. Posso ficar profundamente comovido com o pôr do sol

#### Parte IV -

50. Minhas práticas religiosas e sua frequência:

	nunca	uma ou algumas vezes por ano	uma ou algumas vezes por mês	uma vez por semana	uma vez por dia	mais de uma vez por dia
Pratico Meditação/contemplação						
Frequento espaços religiosos						
Faço leitura religiosa (livro sagrado)						
Frequento cultos/cerimônias religiosos(as)						
Faço orações						
Assisto programas religiosos na tv/rádio						
Outros.						

51. Sobre sua prática religiosa, no que você acredita e / ou pratica (você pode escolher mais de uma alternativa, caso isso se aplique a você):

OBS: CADA UMA SERÁ UMA ALTERNATIVA SEPARADA

Adventista Agnóstico Anglicano Antroposofia Assembléia de Deus Ateu	Espírita Esotérico(a) / Espiritualista Eubiose Hinduísta Internacional da Graça de Deus	Quimbandista (Quimbanda) Racionalismo Cristão Renascer em Cristo Renovação Carismática Católica
--	---	---

Bahá'i (fé Bahá'i)	Jainista	Rosa Cruz
Batista	Judeu	Santo Daime
Barquinha (Daime)	Legião da Boa Vontade	Sara Nossa Terra
Bola de Neve	Luterano	Seicho-no-ie
Brasil para Cristo	Maçom	Taoísta
Budista Mahayana	Metodista	Teologia da
Budista Theravada	Messiânica	Libertação
Budista Vjrayana	Mórmon	Teosofia
Candomblecista	Muçulmano Sunita	Testemunhas de
(Candomblé)	Muçulmano Xiita	Jeová
Católico(a)	Perfect Liberty	Umbandista
Ciência Cristã (Christian Science)	Presbiteriano	(Umbanda)
Cientologia	Pró-vida	União do Vegetal
Congregação Cristã do Brasil	Quadrangular (Evangelho Quadrangular)	Universal do Reino de Deus
Deus é amor		Xamanismo
Episcopaliano		Xintoísta
		Wicca
		Outros

52. Em seu cotidiano, qual a importância, da filosofia, religião ou perspectiva de vida individual que você adota? Escolha apenas uma alternativa.

- Essencial
- Muito importante
- Pouco importante
- Indiferente
- Nenhuma importância

53. OUTRAS OPÇÕES DISPONÍVEIS - Escolha a seguir a alternativa que melhor corresponda ao seu posicionamento pessoal diante da vida. Escolha apenas uma alternativa.

- Possuo um lado espiritual independente de religiões ou filosofias de vida.
- Possuo um lado espiritual que tenta integrar as visões de diferentes religiões e filosofias. Creio que há certa verdade ou unidade por trás de todas elas.
- Eu não tenho certeza ainda do meu posicionamento, mas me considero alguém em busca de uma filosofia de vida.
- Eu simplesmente não tenho certeza sobre a minha perspectiva a respeito da vida, e não estou disposto a buscar por explicações.
- A vida não possui sentido definido. As coisas acontecem por acaso.

( ) Nenhuma das anteriores.

Parte V - O questionário abaixo apresenta experiências que as pessoas podem ter em seu cotidiano. Nosso interesse é saber a com que FREQUÊNCIA essas experiências ocorrem quando você NÃO ESTÁ SOB EFEITO DE ÁLCOOL OU DROGAS QUE POSSAM INTERFERIR EM SUAS CAPACIDADES INTELECTUAIS / COGNITIVAS.

Circule o “0” se a situação nunca acontece. Circule o “10” se ela sempre acontece. Se ela acontece às vezes, mas não sempre, circule o número de “1” a “9” que melhor indique o quanto a situação ocorre com você.

EXEMPLO: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

(nunca)

(sempre)

54. 1. Algumas pessoas, às vezes, estão dirigindo ou passeando de carro ou ônibus ou metrô e, de repente, percebem que não se lembram do que aconteceu durante toda ou parte da viagem. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

55. 2. Algumas pessoas, às vezes, estão escutando alguém falar e, de repente, percebem que não ouviram parte ou tudo do que foi dito. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

56. 3. Algumas pessoas, às vezes, estão num lugar e não sabem como chegaram lá. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

57. 4. Algumas pessoas, às vezes, dão-se conta de estarem vestidas com roupas que não lembram ter colocado. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

58. 5. Algumas pessoas, às vezes, encontram objetos novos entre suas coisas que não lembram ter comprado. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

59. 6. Algumas pessoas, às vezes, são abordadas por outras pessoas que elas não conhecem e que as chamam por outro nome ou insistem que já encontraram com elas antes. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

60. 7. Algumas pessoas, às vezes, sentem-se como se estivessem ao lado delas próprias ou observando a si mesmas. Ou seja, elas realmente se veem como se estivessem olhando para outra pessoa. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

61. 8. Algumas pessoas são informadas de que elas, às vezes, não reconhecem amigos ou membros da família. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
62. 9. Algumas pessoas não se lembram de alguns eventos importantes de suas vidas (por exemplo, um casamento ou formatura). Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
63. 10. Algumas pessoas, às vezes, são acusadas de mentir quando elas acham que não mentiram. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
64. 11. Algumas pessoas, às vezes, olham-se no espelho e não se reconhecem. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
65. 12. Algumas pessoas, às vezes, sentem que as outras pessoas, as coisas e o mundo em volta delas não são reais. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
66. 13. Algumas pessoas, às vezes, sentem que seu corpo não parece pertencer a elas. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
67. 14. Algumas pessoas, às vezes, recordam um acontecimento passado tão nitidamente ou intensamente que elas sentem como se estivessem revivendo este acontecimento. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
68. 15. Algumas pessoas, às vezes, ficam em dúvida se algumas coisas realmente aconteceram com elas ou se elas apenas sonharam com estas coisas. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
69. 16. Algumas pessoas, às vezes, estão num lugar bem conhecido, mas acham que nunca estiveram ali antes. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
70. 17. Algumas pessoas estão assistindo à televisão ou a um filme e ficam tão envolvidas com a história que não percebem os acontecimentos ao seu redor. Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
71. 18. Algumas pessoas ficam tão envolvidas numa fantasia ou sonhando acordadas que sentem como se isto estivesse realmente acontecendo com elas. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.
72. 19. Algumas pessoas, às vezes, são capazes de não sentir dor. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

73. 20. Algumas pessoas, às vezes, ficam sentadas olhando para o nada, pensando em nada, e não percebem a passagem do tempo. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

74. 21. Algumas pessoas, às vezes, quando estão sozinhas, falam em voz alta consigo mesmas. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

75. 22. Algumas pessoas, às vezes, sentem-se como se fossem duas pessoas diferentes, porque mudam muito seu comportamento de uma situação para outra. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

76. 23. Algumas pessoas, em algumas situações, são capazes de fazer com muita facilidade aquilo que normalmente seria difícil para elas (por exemplo, esportes, trabalho, situações sociais, etc). Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

77. 24. Algumas pessoas, às vezes, ficam em dúvida se fizeram alguma coisa ou só pensaram ter feito aquela coisa (por exemplo, não saber se elas enviaram uma carta ou apenas pensaram em enviá-la). \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

78. 25. Algumas pessoas encontram evidências de terem feito coisas que elas não se lembram de ter feito. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

79. 26. Algumas pessoas, às vezes, encontram papéis escritos, desenhos ou notas entre as suas coisas que elas provavelmente fizeram, mas não conseguem se lembrar de ter feito. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

80. 27. Algumas pessoas, às vezes, ouvem vozes dentro de suas cabeças que falam para elas fazerem coisas ou comentam sobre coisas que elas estão fazendo. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

81. 28. Algumas pessoas, às vezes, ao olhar ao redor, sentem como se tudo estivesse embaçado, de tal forma que as pessoas e as coisas parecem estar longe ou pouco nítidas. \*Escolha um número para mostrar o quanto isto ocorre com você.

82.1. Com que frequência você costuma participar de serviços religiosos (cultos, missas, sessões, estudos bíblicos, reuniões, grupos de oração, etc.)?  
 Nunca.  Uma vez por ano.  Algumas vezes por ano.  Uma vez por mês.  
 A cada 14 dias.  Uma vez por semana.  Várias vezes por semana.

Por favor, indique nas questões abaixo, qual o nível de interesse que você tem, ou, de importância que você dá aos seguintes conteúdos:

83.2.1. Quanto você se interessa em aprender mais sobre assuntos religiosos?  
Nem um pouco ( 1) (2) (3) (4) (5) MUITÍSSIMO

84.2.2. Qual é a importância da oração pessoal para você  
Nem um pouco ( 1) (2) (3) (4) (5) MUITÍSSIMO

85.2.3. Até que ponto você acredita na existência de Deus ou de algo divino?  
Nem um pouco ( 1) (2) (3) (4) (5) MUITÍSSIMO

86.2.4. Que importância tem para você a participação em atividades religiosas  
(cultos, missas, rituais religiosos, sessões; reuniões)  
Nem um pouco ( 1) (2) (3) (4) (5) MUITÍSSIMO

87.2.5. Até que ponto você acredita em vida após a morte – por exemplo,  
imortalidade da alma, ressurreição ou reencarnação?  
Nem um pouco ( 1) (2) (3) (4) (5) MUITÍSSIMO

Por favor, indique a frequência com que as situações ou eventos abaixo  
ocorrem com você.

Com que frequência ...

88.3.1. ... você pensa sobre questões religiosas?  
Nunca (1) (2) (3) (4) (5) Frequentemente

89.3.2. ... você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus  
ou alguma coisa divina quer se comunicar ou revelar alguma coisa para você?  
Nunca (1) (2) (3) (4) (5) Frequentemente

90.3.3. ... você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus  
ou ser superior intervém em sua vida?  
Nunca (1) (2) (3) (4) (5) Frequentemente

91.4. Com que frequência você normalmente ora/reza?  
 Nunca.  Uma vez ao ano.  Algumas vezes ao ano.  Cerca de uma vez por  
mês.  A cada 14 dias.  Cerca de uma vez por semana.  Várias vezes por  
semana.  Cerca de uma vez por dia.  Várias vezes ao dia.

92.(1). Com que frequência você vai a uma igreja, templo ou outro encontro  
religioso?

1. Mais do que uma vez por semana
2. Uma vez por semana
3. Duas a três vezes por mês

4. Algumas vezes por ano
5. Uma vez por ano ou menos
6. Nunca

93.(2). Com que frequência você dedica o seu tempo a atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outros textos religiosos?

1. Mais do que uma vez ao dia
2. Diariamente
3. Duas ou mais vezes por semana
4. Uma vez por semana
5. Poucas vezes por mês
6. Raramente ou nunca

*A seção seguinte contém três frases a respeito de crenças ou experiências religiosas. Por favor, anote o quanto cada frase se aplica a você.*

94.(3). Em minha vida, eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo).

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade
3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade

95.(4). As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade
3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade

96.(5). Eu me esforço muito para viver a minha religião em todos os aspectos da vida.

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade
3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade